A/ORATOS ALFAHANNE TERRAMORTA SEVEROTH

VERSUS

RAGE

"Acho que há alguns concertos marcados para o outono deste ano, **incluindo Portugal...**"

FARSOT

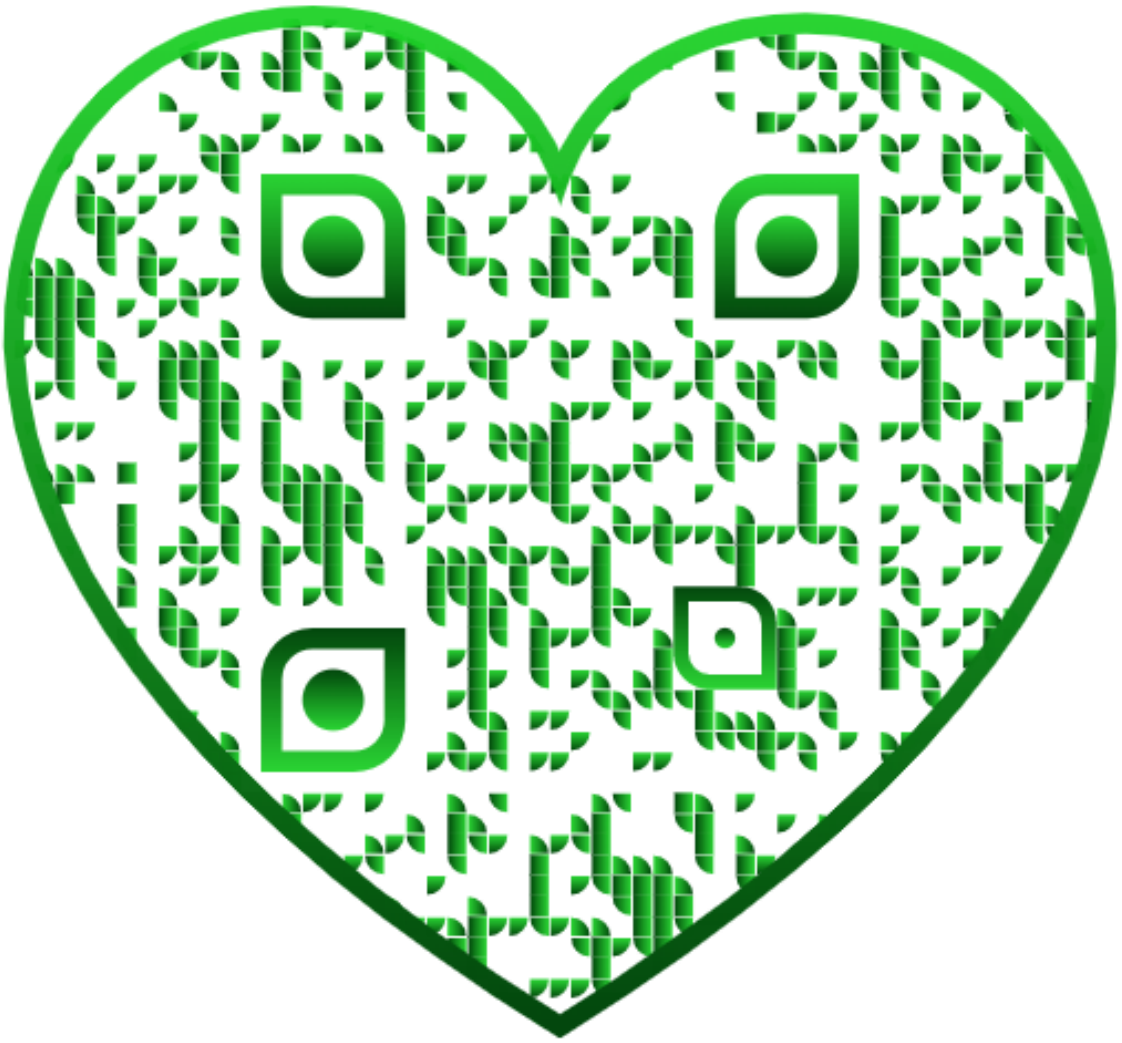
"É tão libertador podermos simplesmente fazer tudo o que queremos!"

LUKASZ JASZAK

"Acho que gosto mais das capas dos álbuns do que dos próprios álbuns"

THE VISION BLEAK

Tenebrosamente fascinante



EDITORIAL

Já vamos a meio de 2024 e a quantidade de música que nos chega é impressionante. Não que seja muito mais do que anos anteriores, penso que o volume de publicações seja o mesmo; mas o que pretendo dizer é que há uma quantidade enorme de música feita, hoje em dia. A música extrema não é excepção e podemos dizer com bastante confiança que não há quem pare isto: o metal está com saúde! Claro que houve talvez uma altura em que a sua popularidade era mais mediatizada, ou talvez mais regular nos meios de comunicação mais abrangentes. Mas hoje, e claro que é assim, temos acesso a mais, muito mais, muito muito mais. Compor e gravar música tornou-se mais fácil, menos custoso, mais rápido, menos exigente. Será que com isto a qualidade do que é gravado é influenciado? Será que o impacto social, emocional e intelectual é o mesmo? Deixo ao critério de cada um decidir. A meu ver, parece-me que hoje-em-dia dá-se mais importância a outros detalhes, do que à música em si. Talvez seja muito mais parra do que uva. Torna-se mais difícil de encontrar uva, mas esta é bem sumarenta e doce quando encontrada. Hail!

Boas leituras e bom resto de 2024 cheio de muita e boa música

Adriano Godinho

VERSUS MAGAZINE
Rua José Rodrigues Migueis 11 *C*
3800 Ovar, Portugal
Email: versusmagazinept@gmail.com

INSTAGRAM
versusmagazinept

FACEBOOK
versusmagazinepage

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL
Download Gratuito

DIRECÇÃO
Adriano Godinho, Eduardo Ramalhadeiro & Ernesto Martins

GRAFISMO
Eduardo Ramalhadeiro & JP Madaleno

COLABORADORES
Adriano Godinho, Carlos Filipe, Cristina Sá, Dico, Eduardo Ramalhadeiro, Eduardo Rocha, Elsa Mota, Emanuel Roriz, Ernesto Martins, Frederico Figueiredo, Gabriel Sousa, Gabriela Teixeira, Helder Mendes, Hugo Melo, Ivo Broncas, João Paulo Madaleno, Nuno Lopes, Victor Hugo e Victor Alves

FOTOGRAFIA
Créditos nas Páginas

CAPA
Foto: Tallee Savage

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

O UTILIZADOR PODE:
copiar, distribuir, exibir a obra

SOB AS SEGUINTES CONDIÇÕES:
ATRIBUIÇÃO - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

NÃO A OBRAS DERIVADAS. O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

CONTEÚDO

Nº65

04 3MESTRE EM REVISTA
06 METAL BRASIL
07 TRIAL BY FIRE
08 SEVEROTH
10 ALFAHANNE
12 EMANUEL RORIZ A CULPA É DO CEMITÉRIO
14 TERRAMORTA
16 A/ORATOS
22 CRÍTICAS VERSUS
33 PLAYLIST VERSUS
34 RAGE
38 ALBUM VERSUS WHOM GODS DESTROY
46 CURTAS VERSUS
49 GABRIELA TEIXEIRA THE GIRL WITH THE KALEIDOSCOPE EYES
50 LUKASZ JASZAK
58 FARSOT
62 ANTRO DE FOLIA 1 ANO DE REMESSAS EM REVISTA
66 PHIL PERES
68 PALETES DE METAL
88 CARLOS FILIPE DODICI CILINDRI

3mestre em revista

Bruce Dickinson

O lendário vocalista dos Iron Maiden, Bruce Dickinson, está de regresso às edições em nome próprio. Editou no início do mês de Março o seu sétimo álbum, ao qual deu o nome de "The Madrake Project". O conceito deste trabalho está também a ser estendido a uma banda desenhada, que terá um total de 12 números, e que sairão a um ritmo de 3 por ano.
O novo trabalho está a ser promovido em cima do palco, numa tour que arrancou pelos Estados Unidos e América Latina, terminando com uma boa quantidade de espetáculos pela Europa.

The Troops Of Doom

O ex-guitarrista dos Sepultura, Jairo "Tormentor" Guedz, que participou essencialmente nos discos Bestial Devastation e Morbid Visions, está de volta à cena com o lançamento do segundo disco do seu projecto The Troops of Doom. O disco tem o nome de "A Mass To the Grotesque" e é lançado pela editora portuguesa Alma Mater Records & Books, que é presidida por Fernando Ribeiro dos Moonspell.

Sonic Blast Festival 2024

O Verão no litoral norte já não seria o mesmo sem o escaldante Sonic Blast Festival. Nos dias 7 a 10 de agosto, junto à Praia da Duna do Caldeirão, em Vila Praia de Âncora, decorre mais uma edição do evento orientado para as sonoridades mais quentes do stoner, desert, sludge, doom rock/metal. Iniciando-se a 7 de Agosto com um dia de pre-party, entre os dias 8 e 10, vai ser possível ver concertos tão variados como High On Fire, Graveyard, Brant Bjork Trio, Viagra boys, Truckfighters, The Obsessed, ou dos nacionais Máquina e Cobrafuma. Os bilhetes já se encontram à venda.

Vilar de Mouros 2024

O mítico festival de verão nacional está de volta entre os dias 21 e 24 de Agosto de 2024. O cartaz ainda está a começar a ganhar forma mas apresenta já algumas propostas que poderão ser de interesse dos leitores das Versus Magazine. Max Cavalera está de volta com os seus Soulfly, assim como Josh Homme com os Queens Of The Stone Age. Dentro do espectro da música rock está confirmada a presença dos The Darkness, The Libertines e de The Legendary Tigerman.

Gaerea

Os portugueses Gaerea não abrandam, e para além de terem acabado de anunciar o single “World Ablaze”, o qual tem também direito a vídeo-clip, nos últimos meses apresentaram-se ao vivo através de vários concertos na China e em Taiwan. Seguem-se agora uma grande quantidade de espetáculos pela Europa, no mês de Maio e Junho, em que serão a banda de suporte aos incontornáveis Wolves In The Throne Room. Para além destas datas, anunciaram também concertos com Testament e Behemoth, na Polónia e Eslováquia.

Inferno das Febras 2024

Mais um festival no norte do país, que se vai tornando num nome já familiar. No Parque de lazer de Casais, em Lousada, entre 30 e 31 de Agosto, estarão presentes diversos projectos de peso, e a lista elabora-se a partir dos Process Of Guilt, El Altar Del Holocausto, Mr. Myagi, Mata Ratos, The Black Wizards, Simbiose, Hetta, e muitos outros.

Pain of Salvation

A Free Music e o RCA CLUB concluíram que a sala não reúne de forma plena o espaço necessário em palco, para a montagem solicitada pelo artista.
Para evitar constrangimentos durante o dia do concerto e de forma a que os Pain of Salvation possam montar o seu espectáculo como solicitado, optámos por mudar este evento para uma nova sala, acabada de estrear, precisamente na rua ao lado do RCA Club, a renovada Republica da Musica.

Metal Brasil!

Por: **Gabriela Teixeira**

A partir de agora, a Versus Magazine terá uma página dedicada ao metal brasileiro. Apesar de falarmos a mesma língua e ouvirmos os mesmos sons, a verdade é que o oceano que nos separa parece ainda ser imenso. Vamos usar este cantinho para provar que o metal brasileiro vai muito além de Sarcófago, Sepultura, Krisium, Nervosa ou Crypta.

A primeira banda que vos queremos apresentar são os Coldwinter - uma banda de Atmospheric Doom Black Metal que têm na sua formação:

Alessandro: Voz
Jéssica Gartz: Voz
Limac: Guitarra, baixo e teclas
William: Guitarra
Júnior Paschoal: Bateria

Formaram-se em 2014, em São Paulo e, nesta década de existência, contam com o EP «The Horizon Dawning» (2016) e a longa duração «Cold Light of the Horizon Dawning» (2020) encontrando-se actualmente em fase de gravação do novo disco «A New Beginning Forever».

Em termos musicais, estes brasileiros trazem-nos uma interessante mistura entre o funeral doom e o black metal. Tanto em termos estéticos visuais como auditivos, é fascinante ouvir uma sonoridade tão gélida, mas não cortante, praticada por uma banda vinda de um clima tão quente!

A voz cavernosa de Alessandro alia-se perfeitamente aos riffs arrastados e lentos da guitarra. Já a bateria dá uma maior dimensão ao som, ao mesmo tempo que as teclas lhe conferem mais melodia e melancolia.

«Cold Light of the Horizon Dawning» é um disco com uma sonoridade bem definida e um tanto revivalista que remete de imediato para os anos 90, nomeadamente no tema “Nothing Will Stop Me Now”.

Neste álbum, os universos doom e black metal convivem harmoniosamente, de onde eu destaco a voz e o trabalho da guitarra.

Creio que a essência sonora dos Coldwinter está bem espelhada no tema “Before Dawn to Darkness”, embora a minha música favorita seja a prolongada “The Forest Calls My Name”.

Enquanto não sai o novo disco, eu aconselho vivamente uma audição deste «Cold Light of the Horizon Dawning»!

Confirmem com os vossos ouvidos no bandcamp e no seu canal do youtube da banda:
https://coldwinterband.bandcamp.com/music
https://www.youtube.com/@CWMusicbrasil

Trial by Fire

Obra - Prima **5** Excelente **4** Esforçado **3** Esperado **2** Básico **1**

	Adriano Godinho	Carlos Filipe	Eduardo Ramalhadeiro	Emanuel Roriz	Ernesto Martins	Gabriel Sousa	Gabriela Teixeira	Helder Mendes	JP Madaleno	Sérgio Teixeira	MÉDIA
ANGMODNES Rot Of The Soul (Meuse Music Records)	3,0	4,5	2,0	3,0	2,5	2,0	3,0	—	3,5	3,5	3,0
BOTANIST Paleobotany (Prophecy Productions)	3,0	2,0	3,0	4,0	3,0	2,0	—	—	3,0	3,0	2,9
FUROR GALLICO Future To Come (Scarlet Records)	3,5	4,0	3,0	3,5	3,5	3,0	3,0	—	4,0	3,5	3,4
JOB FOR A COWBOY Moon Healer (Metal Blade)	4,0	2,0	3,0	4,0	3,0	2,0	3,0	—	4,5	4,0	3,3
SONS OF RA Tropic Of Cancer (Earsplit)	3,0	2,0	3,0	4,0	3,0	2,0	3,0	—	3,0	3,0	3,1

Severoth

Da Ucrânia com… esperança

Há anos atrás, em tempos melhores, Severoth respondeu às perguntas da Versus sobre «Vsesvit». Agora, com a Ucrânia em guerra há dois longos anos, o músico fala-nos da esperança associada ao seu novo álbum: «By the Way of Light». Que assim seja!

Entrevista: CSA

Saudações, Illia! Espero que tu e a tua família estejam a salvo! Entrevistei-te em 2020 sobre «Vsesvit», que me agradou muito. Tenho seguido os teus posts no Facebook. E agora descobri que tens um novo álbum a ser lançado em breve, a 22 de março: «By the Way of Light» to be released the 22nd March. Como tens enfrentado a situação de guerra juntamente com a tua família? É assustador pensar que já começou há 2 anos?
Saudações! Antes de mais, obrigado pelo interesse por Severoth! Sim, o novo álbum vai ser lançado muito em breve! O primeiro ano da guerra foi terrível para todos na Ucrânia. Vives no medo constante de não teres direito a um amanhã. Não podes fazer planos, não podes viver a tua vida! Limitas-te a sobreviver! Eu vivi a cerca de 300 km da linha da frente, portanto não havia guerra perto da minha casa, mas Dnipro estava (e continua a estar) a ser constantemente bombardeada pelos misseis lançados de aviões russos. Podes dizer que Dnipro é a última fronteira. Porque, logo a seguir, tens Carcóvia e a região de Donetsk diretamente afetadas pela guerra. Não vou entrar em detalhes, mas foi muito duro para mim e a minha família. Vivemos assim durante um ano e, depois de mais um ataque de misseis russos, que aconteceu mesmo muito perto da nossa casa e do local de trabalho da minha mulher, decidimos que tínhamos atingido o limite. Portanto, abandonámos tudo, trazendo connosco apenas o estritamente necessário, metemo-nos no carro e fomos à procura de um lugar mais seguro. Neste momento, já estamos a viver na Polónia há quase um ano.

Como conseguias fazer música no meio da guerra? Devias ter recursos muito limitados para o fazer.
Uma grande parte de «By the Way of Light» já estava escrita antes da guerra ter escalado. Durante 2022, quase não pensei em música e apenas consegui escrever as letras para a segunda faixa… não só por causa do stresse, etc., mas também por razões técnicas: quase não tínhamos eletricidade, portanto eu não podia trabalhar. Só consegui terminar o álbum na segunda metade de 2023, depois de nos termos mudado. Era minha intenção ter o álbum pronto em 2022, mas a vida obrigou-me a alterar os meus planos. E estou muito satisfeito por ter conseguido concluir este álbum para ser lançado. Glória e Gratidão Eternas para todos os Heróis da Ucrânia, vivos e mortos! E um grande agradecimento a todos os que no mundo inteiro apoiam Severoth e a Ucrânia de alguma forma!

E como conseguiste prepará-lo para a Avantgarde o poder lançar? Deve ter sido um trabalho árduo.
Todos os álbuns representam um trabalho muito árduo, se pensares que eu faço tudo sozinho e sou muito crítico em relação ao meu próprio trabalho. Mas adoro o que faço e, geralmente, tenho uma ideia muito clara de

como “a coisa deve ficar“. Não fiz nenhuma preparação especial para a Avantgarde, limitei-me a fazer o meu melhor com o tempo e os recursos de que dispunha. Sei que podia ter feito melhor. Mas é o que é.

O título do álbum é muito interessante, porque nos traz uma mensagem de esperança. Compreendi-o bem?
Sim. Vejo um raio de luz na escuridão. Precisamos de mais esperança nos tempos tenebrosos em que vivemos. A guerra muda a tua perspetiva. Pelos menos, alterou a minha. Há tanta negatividade no mundo que eu não quero aumentá-la pela minha parte. Se alguém se sentir melhor depois de ouvir a minha música, sentirei que o meu objetivo foi atingido. Mas é claro que voltarei a abordar temas melancólicos ou tristes com Severoth no futuro. Porque isso faz parte da natureza deste projeto.

> “Há tanta negatividade no mundo que eu não quero aumentá-la pela minha parte. Se alguém se sentir melhor depois de ouvir a minha música, sentirei que o meu objetivo foi atingido

Não é algo um tanto contraditório visto tocares Black Metal?
Pode ser, se te deixares limitar por essas fronteiras. Mas eu não considero Severoth como uma banda de Black Metal, pelo menos na aceção clássica. Porque isso te impõe limites. TENS de fazer isto e aquilo... e eu quero ser eu mesmo. Criar música sem fronteiras para dizer coisas que são importantes para mim. Antes de mais, Severoth é música. Trata de emoções, tem uma atmosfera. Eu sei que as pessoas gostam de categorizar tudo, portanto deixemo-las a pensar a que género pertence a minha música e se eu “traí o Black Metal” ou não. Farei sempre o que me parecer melhor.

Sentes-te mesmo esperançoso? (Muitas vezes tenho a sensação de que neste século estamos a perder tudo o que conquistámos durante o século XX)
Sim. De um modo geral, sinto-me como tu, que o mundo caminha a alta velocidade para a sua própria destruição. Mas, em tempos de desespero, as pessoas PRECISAM de esperança. Como disse J. R. R. Tolkien: “You can only come to morning through the shadows.” Neste momento, estamos a atravessar as trevas... a caminho da luz. Portanto, coragem!

Do ponto de vista musical, penso que «By the Way of Light» é mais atmosférico do que o(s) seu(s) predecessor(es). Concordas comigo?
Isso é algo que eu não posso “medir”. Talvez seja assim, porque eu agora tenho mais experiência. Tento sempre fazer o meu melhor em cada álbum que lanço e «By the Way of Light» não constitui exceção a esta regra.

Em alguns momentos, lembra-me Alcest, noutros Thy Catafalque, duas bandas que conheço bastante bem. Também as conheces? O que pensas deste meu comentário?
Conheço Alcest e gosto muito deles. Mas não conheço a outra banda. Na minha opinião, Alcest é uma banda verdadeiramente talentosa. Traçaram o seu próprio caminho na música. Só por isso já merecem o meu respeito. Por isso, fico contente por me compararares a eles.

De que tratam as letras deste álbum?
Não consigo escrever letras de forma direta. Geralmente, escrevo de forma abstrata. Procuro exprimir emoções combinando as letras com a música. Portanto, este álbum trata de tudo o que tu sentes quando o ouves: esperança, resistência aos maus momentos, o facto de haver sempre uma saída mesmo que te pareça que não. Também fala da natureza, é claro. Sobre contemplá-la e apreciá-la. Quando tento explicar, tudo parece fútil e estúpido. Este álbum (assim como «Vsesvit») têm as letras traduzidas para Inglês nos livrinhos que os acompanham. Sugiro-te que as leias e que tires as tuas conclusões.

Sei que foi a tua mulher que fez a arte para o álbum. Deste-lhe instruções ou deixaste-a fazer o que ela queria para representar a essência do álbum?
Desta vez, dei-lhe instruções muito precisas. Fez tantas versões de tudo antes de darmos o trabalho por terminado! Eu tinha uma ideia

clara do que queria. No passado, usámos várias estratégias para atingirmos os meus objetivos. Por exemplo, para «Winterfall» – o álbum de estreia de Severoth – ela limitou-se a improvisar usando óleo sobre tela. Penso que o resultado final é fantástico.

Que planos tem a Avantgarde para promover o teu novo álbum? Com certeza não vais poder fazer nenhuns concertos.
Avantgarde tem especialistas em relações públicas para fazer esse trabalho do qual eu não percebo quase nada. Mas aprecio muito o seu trabalho! No que toca a concertos, a verdade é que ando à procura dos músicos adequados para ter um line up, porque recebi vários convites para fazer concertos. Espero conseguir fazer isso!

Que expetativas tens em relação a «By the Way of Light»?
Espero que as pessoas gostem tanto de o ouvir como eu gostei de o criar!

Queres deixar uma mensagem especial aos nossos leitores?
Que a Luz esteja sempre Convosco!

ALFAHANNE

Metal metamórfico

Aspiram a viver total liberdade musical e fazer o que lhes parecer bem. Os suecos **Alfahanne** metamorfoseiam-se a cada álbum, sempre à procura da oportunidade de concretizar a suas visões sonoras.

Entrevista: CSA
Fotos: Uffe Sandin

Olá, Fredrik! Espero que estejas bem, assim como os outros membros da banda!
Nunca entrevistei Alfahanne, embora ande a pensar nisso já há algum tempo. Tal como diz o título do vosso quinto álbum: Vår tid är nu! (Chegou o nosso tempo!)

Este ano marca o 10.º aniversário da banda. Como deram início a este projeto?
Fredrik – Na realidade, demos início a este projeto em 2010. Já tínhamos estado em muitas outras bandas antes e o Pehr veio com a ideia de nos juntarmos para formar uma nova banda. Depois fomos buscar o Niklas e o Jimmy. O Stefan juntou-se a nós mais tarde, em 2017. O objetivo era ter uma banda capaz de fazer música sem restrições de qualquer tipo.

O que andaram a fazer durante esta última década?
Muita coisa, é claro. Construir esta banda do zero. Foi um trabalho muito árduo e que nos deu muita experiência. Lançámos 5 álbuns, gravámos um álbum ao vivo, fizemos várias digressões e concertos em toda a Europa, etc.

Supostamente vocês combinam muitos estilos/géneros: Black Metal, Classic Rock, Punk e até Goth e New Wave (de que me lembro da minha adolescência e de que gostava muito). Concordas com este diagnóstico? Há algumas bandas que vejam como influências?
Concordo. Alfahanne é a combinação de tudo o que anda por aí. Quando começámos, não queríamos restringir-nos a nenhum género ou rota musical limitadora. Queríamos ter liberdade para tocar o que quiséssemos, como quiséssemos. Deixemos a música fluir como for aparecendo.

Portanto, as influências são muitas e muito abrangentes: vão desde o Black Metal até à Pop dos anos 80, do Rock clássico à música country, etc.

> “O nosso som é único, porque misturamos na nossa música tudo o que nos agrada. Também não refinamos demasiado o som na altura da gravação. Queremos ter a mesma sensação que temos quando tocamos ao vivo. Sujo e cru.

Acima de qualquer influência, o que torna o vosso som diferente? (Alfapocalyptic rock, como vocês lhe chamam!)
Isso é algo que compete aos ouvintes e aos fãs definir. Para nós é apenas o nosso som. Como já referi, não queremos fechar-nos num género. Todos parecem sentir a necessidade de nos atribuir um

género/de nos pôr numa caixa. É por isso que construímos o nosso próprio género. O nosso som é único, porque misturamos na nossa música tudo o que nos agrada. Também não refinamos demasiado o som na altura da gravação. Queremos ter a mesma sensação que temos quando tocamos ao vivo. Sujo e cru.

> “Queríamos ter liberdade para tocar o que quiséssemos, como quiséssemos. Deixemos a música fluir como for aparecendo. Portanto, as influências são muitas e muito abrangentes.

Quanta da experiência de tocar noutras bandas passa para o que fazem em Alfahanne?
Acredito que todas as bandas em que já estivemos são uma fonte de experiência. Esse fundo também passou a fazer parte de Alfahanne. É claro que é um grande trunfo para todos nós o facto de termos passado muitos, muitos anos a tocar em bandas antes de Alfahanne.

De acordo com a banda, este é o vosso álbum mais pesado até agora. Esta opção foi desencadeada por alguma razão em especial?
Nos últimos dois álbuns, enveredámos por um som mais melódico e mais Rock. Agora que experimentámos esse caminho, descobrimos que não era o que queríamos. Quisemos regressar ao ponto de partida. Fazer um álbum na mesma onda do nosso primeiro. Agora que o mundo está a ficar mais frio, nós também estamos.

O que o torna mais pesado do que os outros?
Tudo. A forma como misturámos, as canções, a voz. É tudo frio e tenebroso. É música direta com o mínimo de fantasia possível. Não é preciso mais nada do que um grande murro nas trombas dado por Alfahanne.

Pegando novamente no título que escolheram para este álbum («Vår tid är nu»), por que é que é agora o vosso tempo? O que significa este título para vocês?
No passado, as nossas letras tratavam da queda da humanidade, da forma como destruímos tudo aquilo em que tocamos. Em «Vår tid är nu», quase todas as canções giram em torno da morte. Parece-me que se trata de uma progressão natural. Do meu ponto de vista, já passámos além da fase da destruição. Agora estamos a contar mortos. Mas esta evolução não é uma surpresa para nós, é algo de que nos fomos apercebendo gradualmente. Temos o que merecemos. É o deserto agridoce da natureza humana. E, por conseguinte, o título do álbum é «Vår tid är nu». Estamos na era dourada da humanidade.

Há alguma razão especial para terem posto uma foto da banda na capa do álbum?
Nenhuma razão em especial. Acontece apenas porque gostamos do visual old school que adotamos nas fotos. Causa sensação. Evoca loucura e causa medo. Além disso, é uma capa diferente de qualquer outra que possas encontrar.

Têm alguns convidados de destaque neste álbum: Doedsadmiralen (Nordjevel), Nattefrost (Carpathian Forest), Spellgoth (Horna), Nattfursth (Sorhin). O que acrescentaram eles ao vosso álbum? Como foi o processo de gravar o álbum com a participação destes convidados?
Estamos encantados por termos trabalhado com os artistas que participaram neste álbum e no anterior. As suas vozes ficaram fantásticas e deram às canções aquele bónus que procurávamos. É muito importante para nós darmos aos nossos convidados alguma liberdade artística para fazerem o que querem. É por isso que os chamamos.
De acordo com o vosso álbum, Alfahanne já vai tocar num festival este ano. Têm mais planos delineados para promover este álbum?
A ideia básica é fazer o máximo de concertos e participar no máximo de festivais que for possível. Já temos muitas participações marcadas. Além do álbum, vamos também ter merchandising muito interessante. E é claro que entrevistas como estas são muito importantes para nós.

Que expetativas têm relativamente à receção de «Vår tid är nu»?
As nossas expetativas já foram atingidas, porque fizemos um álbum que nos agrada a 100%. Apesar disso, é claro que ficaríamos muito contentes, se toda a gente o visse como nós o vimos. Boas críticas, muitas vendas, convidados para tocar em muitos festivais. Nunca negamos que gostaríamos muito de ver o nosso mérito reconhecido e de receber esse tipo de atenção.

Para encerrar a entrevista e só porque eu sou muito curiosa: o que significa o nome da banda?
Em primeiro lugar, deu um logo muito fixe, que se destaca e dá nas vistas. Em segundo lugar, é uma homenagem à nossa cidade natal: Eskilstuna, situada no condado de Sörmland. Há uma figura semelhante no brasão da cidade. Só que o nosso logo simboliza o lado tenebroso que revelamos na nossa música e nas respetivas letras.

A culpa é do cemitério...

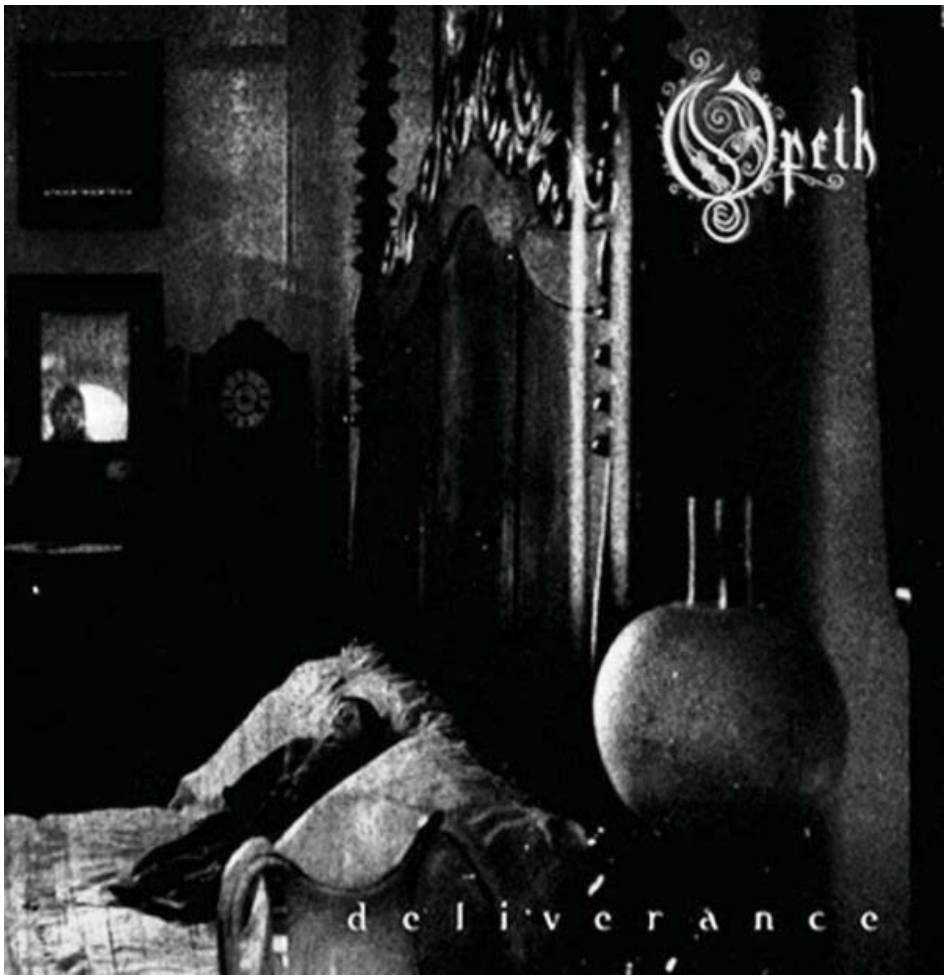
Por: **Emanuel Roriz**

Opeth
Deliverance (2002)

Deixem-me assumir logo aqui à partida a minha eterna devoção a este disco dos suecos Opeth. Será necessário dizer que são suecos, ou explicar quem são os Opeth?
Prova do meu verdadeiro fascínio, é esta já ser a terceira vez que escrevo sobre o Deliverance. Depois de me ter ajudado a atribuir valor à atitude de ter um disco físico, em mãos, e depois de ter aceitado o desafio de me mudar para uma ilha deserta, apenas com a companhia destas 6 músicas, vou procurar explicar aqui de onde vem tal fascínio. Antes da música e da mestria na composição de Mikael Åkerfeldt e companhia, penso ter sido o factor surpresa que agigantou ainda mais este amor. Hoje em dia o factor surpresa está cada vez mais ameaçado, aniquilado, maltratado, mas em 2002 quando o Deliverance foi editado, ainda era possível ser-se surpreendido com facilidade. Que bom que era. Parte dessa surpresa deu-se por na altura não ter conseguido ouvir o disco, ou uma amostra dele, até que deitei a mão a uma cópia. Original, física. Até então, apenas tinha lido sobre o disco. Uma crítica numa revista da especialidade onde teve nota máxima. Um daqueles 10/10. As palavras aguçaram a curiosidade, mas não tinham a possibilidade de demonstrar o novo mundo que iria encontrar entre “Wreath” e “By the Pain I See in Others”. Foi um daqueles casos de primeiro estranha-se e depois entranha-se. E de que maneira

se entranhou. Lembro-me ainda, com uma alegre nostalgia, que a primeira vez que esta real estranheza me rebentou no ouvido, foi precisamente numa das lojas de discos da minha cidade. A pedido, o senhor por detrás do balcão colocou o Deliverance no leitor, a par do Figure Number Five dos Soilwork, pois também este andava a ser muito bem falado. Passou-me os auscultadores e a minha indecisão deve ter durado uns 5 ou 6 minutos, talvez mais, talvez menos. Hoje sinto um ligeiro orgulho, que se ri de soslaio, por ter optado por músicas muito menos fáceis de consumir, muito menos familiares... estranhas. É a história da primeira vez que ouvi Opeth. Como são maravilhosas estas primeiras vezes.

Se os Opeth ainda estão a tempo de vos surpreender, desacelerem, permitam-se a serem deslumbrados, sentem-se, carreguem no play. Os próximos 60 minutos vão ser bem passados. Não fiquem por aqui. Peguem logo de seguida no disco Damnation, registado nas mesmas sessões de gravação do Deliverance e editado cinco meses mais tarde.
Surpreendidos?



TERRAMORTA

Os Terramorta são a mais recente surpresa do metal nacional! A banda nortenha estreou-se com a longa duração «Chronophobia» e a **Versus Magazine** quis conhecê-los um bocadinho melhor. Aqui fica uma breve entrevista, em jeito de apresentação, pela nossa enviada especial

Entrevista: Gabriela Teixeira

Antes de mais, muito obrigada por tirarem um pouco do vosso tempo para responder às nossas questões! Os TERRAMORTA surgiram de rompante no panorama nacional. De repente, em fev deste ano, é lançado um álbum de black/death de pendor mais sinfónico de uma banda que nunca ninguém havia ouvido falar. A primeira coisa que eu gostaria de saber é como surgiram os TERRAMORTA.
Os TERRAMORTA surgiram de uma ideia de sonoridade vinda do Nero Sangrus e o HellVigário, durante o ano de 2022. Com a entrada do Seer, que se identificou com a ideia, demos início à composição e posterior gravação. Também levamos o nosso tempo a apurar e desenvolver o conceito da "TERRAMORTA", no sentido literal da terra estar praticamente morta, isto junto com o nosso papel e rumo como banda e artistas.

Julgo que todos vocês têm um passado ligado ao nosso underground, por isso gostaria que cada um falasse muito resumidamente do seu percurso.
Seer - Vocalista, participou em Crown of Grief, Arcanvm Woods e também é atualmente vocalista de Venial Sin.
Nero Sangrus - (conhecido na produção como Carlos Ribeiro) é o Produtor e Guitarrista. Começou a carreira como baixista de Morbius, passou por bandas como Floyd Rose, Dogs, e como músico contratado esteve sempre ligado a vários estilos musicais. Como produtor produziu várias bandas

nacionais e internacionais, como Superfacta, VDN, Enthroned, entre outros.
HellVigário - baterista, tocou entre 2001/04 em Infernal Kingdom como Sargatanas e gravou a demo Frozen Empire. Desde 2008 é também membro fundador de Venial Sin e gravou o EP Sphere of Morality.

Vamo-nos focar neste Chronophobia que, dentro deste estilo, é um disco muito competente, com apontamentos orquestrais que me agradam bastante, e que vos valeu a designação de disco do mês pelos Caminhos Metálicos. Falem-me um pouco sobre o processo criativo que culminou neste conjunto de músicas.
Nero Sangrus: O processo criativo instrumental foi relativamente simples, a criatividade que aparece tem de ser aproveitada, venha ela de sonhos, do acaso, ou induzida de situações retratadas nos temas do álbum. Já em contexto de grupo com o HellVigário e o Seer, os riffs iam surgindo, as orquestras começavam a soar na minha cabeça e a partir daí foi juntar todas as peças.
Seer: Conceitualmente, decidimos retratar uma viagem musical que inicialmente seria sobre o receio da Morte, no qual todos partilhamos. Mais tarde adaptamos e intitulamos o álbum como 'Chronophobia', o medo da passagem do tempo, as suas causas e consequências. Daí abordamos variados assuntos sequencialmente, como o Burnout, FOMO (Fear of Missing Out), Efemeridade, sentimentos de insignificância perante o Infinito, Morte, o Pós-Morte, e mais.

O vosso álbum remete-me bastante para bandas na onda de Dimmu Borgir. Quais foram as vossas influências?
Sim, Dimmu Borgir faz parte dos nossos gostos musicais e a nossa influência vem desde o Grunge até a Metal Extremo (audível). Dito isto, tivemos o cuidado de criar um álbum no qual gostamos de ouvir de início ao fim, sem grande preocupação com rótulos muitas vezes subjetivos.

E quanto a concertos? Já vi nas vossas redes que em Maio vão tocar com Benighted no Bourbon no Porto e que o concerto de apresentação do disco será no Paranoid. Há mais datas na calha? O que é que as pessoas podem esperar dos vossos espectáculos?

> *"Também levamos o nosso tempo a apurar e desenvolver o conceito da "terramorta", no sentido literal da terra estar praticamente morta, isto junto com o nosso papel e rumo como banda e artistas.*

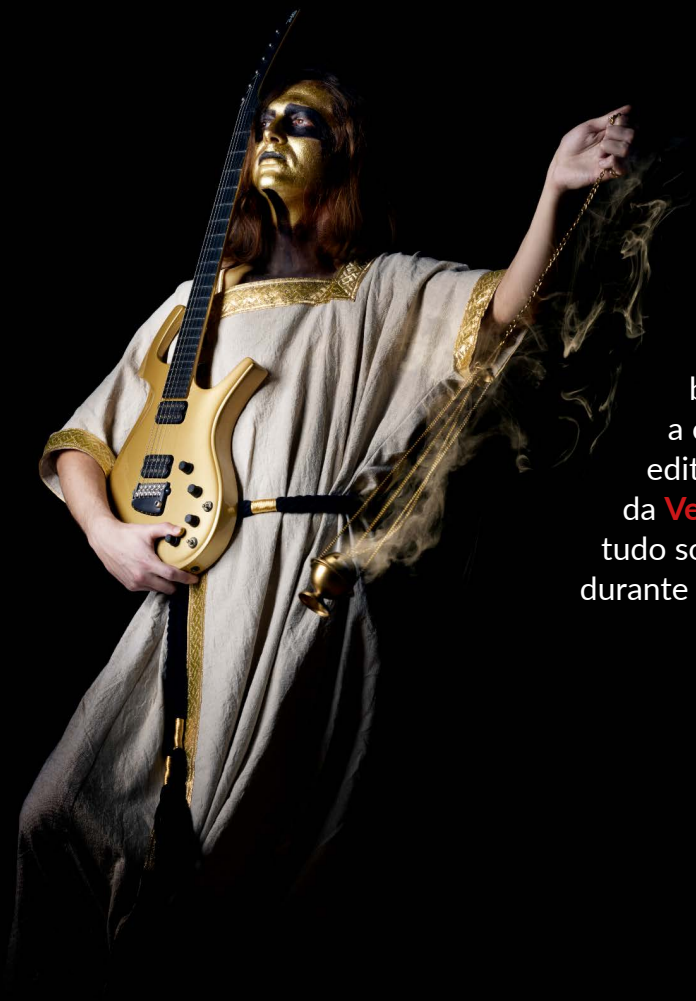
Sim, queremos abranger o máximo de área possível sem que para isso tenhamos de tocar em muitos locais. Por agora o que podemos anunciar é:
06 abril - Paranoid (Freamunde)
27 abril - RCA (Lisboa)
18 maio - Bourbon Room (Porto)
25 maio - TBA (já marcado mas ainda não foi anunciado)
31 agosto - TBA
Podem esperar um bom concerto tanto a nível sonoro como visual. Pretendemos que as pessoas saiam do nosso espetáculo com a sensação de que o dinheiro e o tempo gasto valeram a pena.

O que é que vocês sentem que trazem de novo à cena underground nacional?
Queremos que as pessoas se identifiquem e que este álbum faça parte do leque de músicas que possam voltar a ouvir. Na verdade, queremos que as pessoas se identifiquem com o nosso trabalho em geral, tanto a banda quanto a nossa equipa ambiciona criar uma experiência e envolvência de qualidade que vá além da música, seja a nível conceitual, visual ou presencial.
Numa "Era Digital" pretendemos tocar o álbum ao nível da gravação, pois suamos muito para o gravar (principalmente as baterias). Todos os instrumentos foram tocados e captados acusticamente. Claro que tem processamento digital, mas não se trata de um trabalho feito num computador, um ouvido atento apercebe-se do que estamos a falar.
Por isso, através do nosso trabalho, queremos trazer qualidade, competência e profissionalismo, com um excelente som ao vivo e um bom espetáculo que fique na memória de quem nos viu atuar.

Até onde querem levar os Terramorta?
Dadas as condições que começamos, o rumo atual da banda já nos proporciona bastante satisfação. Porém, estamos comprometidos a fazer mais e melhor, ainda temos muita criatividade a ser explorada mas como tudo, cada coisa a seu tempo. Viemos para ficar e dar tudo o que temos, e sonhando alto, quem sabe um dia fazer parte da Cultura.

A/Oratos

À procura do in/visível



Do Francês ao Grego passando pelo Black Metal, chega-se a uma banda que promete vir a marcar a cena pela mvão da LADLO, uma editora que faz correr tinta nas páginas da Versus Magazine. Wilhelm conta-nos tudo sobre o primeiro álbum de A/Oratos durante um interrogatório cerrado.

Entrevista: CSA

Saudações, Wilhelm! Espero que estejas bem, assim como os outros membros da banda.
Saudações! Estou em boa forma e encantado com esta entrevista.

Sou grande fã de todas as bandas da LADLO. E é claro que A/Oratos não me passou despercebida. Vou começar por te perguntar o que significa o nome da banda. E também se a grafia diferente se destina a distinguir-vos de uma outra banda americana que se chama Aoratos.
O nome da banda vem de uma palavra grega que significa "invisível". Literalmente, podíamos traduzir A/Oratos por In/Visível. A barra entre o A e o O serve para mostrar que a nossa música gira em torno de um conceito associado aos mundos visível e invisível. Num plano mais secundário, esta grafia permite-nos atualmente distinguirmo-nos da banda americana. Tanto quanto me parece, surgiram as duas na mesma altura. A/Oratos foi fundada em 2016.

Vocês são todos bastante novos, mas mesmo assim penso que vale a pena perguntar-te que experiências musicais tinham antes de formarem A/Oratos.
A/Oratos é a minha primeira banda, mas toco guitarra desde a minha juventude. Os meus acólitos tocaram ou ainda tocam em várias bandas da cena francesa, como Véhémence, Griffon, Jours Pâles ou Promethean.

Como tiveram a ideia de criar A/Oratos?
A/Oratos resultou simultaneamente da admiração que eu tinha (e continuo a ter) por algumas bandas, nomeadamente da cena sueca, e da minha vontade de exprimir de forma artística as minhas reflexões esotéricas e espirituais.

A vossa banda tem influências de que nos queiras falar?
Tenho uma veneração quase sem limites por Emperor, Dissection e pelos primeiros álbuns de Opeth.

Penso que foi este tríptico que lançou as bases do meu gosto musical e das aspirações artísticas que depois reforcei com bandas de vanguarda como Arcturus, bandas muito enérgicas como Absu e outras mais místicas como as da cena Black Metal grega.

Ainda te lembras da tua primeira experiência no universo do Metal?
Não, até porque não há nada de extraordinário a referir a propósito do meu primeiro contacto com o Metal, que, tal como para muitos outros, aconteceu no ensino básico. Em contrapartida, lembro-m de ter ouvido bem cedo os primeiros álbuns de Opeth, que já referi. Nem posso exprimir quanto estes álbuns foram decisivos para a minha vida musical.

O vosso logo é fantástico. Faz sonhar, o que combina muito bem com o lado Black Metal, mas também com a vertente melódica do vosso som. A quem o encomendaram?
Obrigado. É uma criação de Christophe Szpajdel - The Lord of the Logos, célebre pelos inúmeros logos que criou para bandas emblemáticas como Emperor.

E, a propósito, o vosso som é genial: pesado e melódico, com pausas e partes bem rápidas. Quem compõe a música da banda?
Obrigado, mais uma vez. Sou eu que trato dessa parte.

Pedes opinião ou sugestões aos outros membros da banda?
Partilho sempre as demos com os outros membros da banda para ter as suas opiniões, mas o processo criativo deste álbum foi muito pessoal e muito solitário por decisão minha. Mas é claro que, de futuro, poderei proceder de outra maneira para envolver mais os outros músicos. No entanto, o trabalho de base será sempre da minha responsabilidade. O meu processo de criação é longo e bastante meticuloso, com várias etapas diferentes: um primeiro momento, bastante longo de exploração e elaboração das demos, seguido por um momento de arranjo e melhoria e, por fim, vem a escrita das pautas, para fixar de vez as estruturas das canções. Nesta última etapa, graças à estabilidade do line up da banda, poderei apostar num trabalho mais colaborativo de futuro.

Como fazem para que todos os instrumentos, incluindo a voz, estejam tão bem coordenados uns com os outros?
Penso que isso tem a ver com o facto de eu ter tido o maior cuidado com o trabalho de composição para todos os instrumentos e também decorre do trabalho de mistura e masterização feito pelo Frédéric Gervais, no Studio Henosis, em que a nitidez e fluidez do som surgem como imagens de marca. Como é evidente, as sessões de gravação – particularmente das guitarras, que desempenham um papel preponderante na dinâmica e na estrutura das faixas – também foram longas e desafiantes.

> *"Resultou simultaneamente da admiração (...) por algumas bandas(...) e da minha vontade de exprimir de forma artística as minhas reflexões esotéricas e espirituais*

Este é o vosso primeiro álbum, que relação há entre ele e o vosso EP de 2019?
O álbum é um prolongamento bem-sucedido de «Epignosis», que devia ser uma primeira pedra do edifício musical. O EP ficou prejudicado pela sua curta duração. Apesar da originalidade, a sua abordagem parece ter ficado um tanto gorada. Digamos que o EP foi um motor, uma base essencial para

a criação de «Ecclesia Gnostica».

Este álbum foi muito difícil de fazer?
A sua criação foi complexa e acabou por se converter numa espécie de provação. Começámos com pouco apoio (sem editora, apenas com um modesto EP na nossa discografia, sem uma formação estável). Eu assegurei sozinho a composição, apesar de a minha ambição ser muito grande. Tudo isso exigiu de nós uma grande abnegação. Porque – depois de a composição ter terminado, de termos gravado as guitarras, contratado músicos novos para gravar as partes do baixo e da bateria, concluído o trabalho de pesquisa sobre os temas tratados no nosso álbum, ainda foi preciso encontrar uma editora para lançar o nosso álbum. Felizmente pude contar sempre com o apoio do Aharon.

«Ecclesia Gnostica» é um álbum concetual? Em caso afirmativo, qual é o conceito subjacente a ele?
Sim, pode-se dizer que se trata de um álbum concetual, visto que todas as faixas abordam uma mesma temática, que gira em torno da Gnose no sentido mais lato do termo, ou seja do conhecimento das coisas sagradas e do mistério do divino. Aliás, há uma evolução bem determinada no alinhamento dos conceitos abordados (através do Hermetismo, da Cabala e da Gnose) até se chegar ao Sétimo Selo. Este último surge precisamente em sétimo lugar, encerrando o álbum com uma referência ao apocalipse de S. João, para anunciar a destruição iminente da humanidade materialista e desligada da sua essência divina.

Quem escreveu as letras para as canções?
Escrevi-as com o meu vocalista, o Aharoon. Partilhámos esse trabalho, partilhando as canções entre nós.

“Literalmente, podíamos traduzir A/Oratos por In/Visível. A barra entre o A e o O serve para mostrar que a nossa música gira em torno de um conceito associado aos mundos visível e invisível.

Sei que foi o Vincent Fouquet que fez a capa para o álbum. Entrevistei-o há um bom par de anos para a secção de artistas gráficos da Versus e tenho seguido a sua carreira no Facebook. Já o conheciam antes?
Sim, conhecemo-lo muito, é um amigo nosso. Também é um colaborador habitual do projeto, visto que já nos acompanha no que toca ao grafismo desde o nosso EP.

Como foi trabalhar com ele?
A nossa colaboração habitual tornou o trabalho muito fluido ao ponto de a parte gráfica ter sido a parte do processo de criação do álbum que correu melhor e com o menor número de obstáculos. Mas, cuidado! É um homem exigente e muito atento aos pormenores, portanto não é boa ideia contratá-lo, se não formos capazes de gerir isso [risos].

Têm a intenção de continuar a trabalhar com ele?

Sem dúvida. Como se costuma dizer: não há duas sem três. Há uma tal coerência e alquimia entre a nossa música e o seu trabalho gráfico que não temos vontade de pôr fim a esta dinâmica criativa.

E como foi que a LADLO vos encontrou?
Tanto quanto me lembro, foi por termos anunciado na nossa página que a produção do nosso álbum estava prestes a terminar sem que houvesse possibilidade de o lançar que o Gérald Milani, o patrão da LADLO, entrou em contacto connosco.

Dão concertos? Ou preferem focar-se no estúdio?
De facto, vamos dar concertos. Queremos muito prolongar a experiência de audição do nosso álbum no palco.

A parte isso, como vai a LADLO promover o vosso álbum?
Uma das colaboradoras da editora vai-se encarregar da promoção nos media, ao mesmo tempo que nós trataremos da nossa própria promoção. Trabalhamos de forma coordenada e simultânea. No entanto, nós trabalhámos muito por nós mesmos, para não dependermos exclusivamente da promoção feita pela editora, numa altura em que a presença ativa nas redes sociais é essencial para dar visibilidade à banda. O trabalho de promoção da banda passa também pela grande rede da editora, que nos pode trazer oportunidades para fazer concertos.

E quais são os planos de A/Oratos para 2024? Aproveito para vos desejar um excelente ano novo?
Temos alguns projetos para este ano. Para além dos concertos, já estamos a trabalhar em material novo e pretendemos fazer um clip para tornar o nosso universo mais concreto! Obrigado pelos votos e por esta entrevista.

> *“Há uma tal coerência e alquimia entre a nossa música e o seu (de Vincent Fouquet) trabalho gráfico que não temos vontade de pôr fim a esta dinâmica criativa.*

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS
PAIN OF SALVATION
SPECIAL GUESTS
APOTHEUS
29.09.2024
RCA CLUB - LISBON
Free MUSIC
RCA CLUB
GLASSVILLE MUSIC
UNKIND
MERCH OFICIAL UNKIND.PT
LETS GO
TICKETLINE

MMOA
MILAGRE METALEIRO OPEN AIR

amorphis

25TH AUGUST 2024

XV OPEN AIR

PINDELO DOS MILAGRES

MM

PINDELO DOS MILAGRES
S. PEDRO DO SUL - PORTUGAL

POWERED BY:
Reparita
Powered by HANNAIK

INFO & TICKETS:
MILAGREMETALEIRO.EU

CRITICAS VERSUS

A/ORATOS

«Ecclesia Gnostica»

(Les Acteurs De l'Hombre Productions)

Foi em Paris que se formaram os A/Oratos no ano de 2016. Tendo lançado em 2019 um primeiro EP com o título «Epignosis», editam agora em 2024 o seu primeiro longa duração, que responde por «Ecclesia Gnostica». De forma muito própria definem-se como praticantes de gnostic black metal, e a partir daqui percebe-se de imediato o quão relevante e determinante é o conceito que desenvolvem, e criam, nas letras das músicas e até na própria imagem. Vão buscar inspiração à etimologia grega, onde o termo aoratos está para invisível/visível, e embarcam numa viagem de fuga, ou contraposição, ao materialismo e vazio espiritual das sociedades actuais, usando para isso o veículo do conhecimento. Sendo uma banda que se encontra a dar os primeiros passos impressionam desde logo por todo o esforço e profissionalismo demonstrado no aspecto gráfico que acompanha o disco. Todo o conceito ganha ainda mais profundidade e expressão pelo facto de ter sido escrito na sua língua mãe, o francês, mas com o cuidado universal de deixarem notas introdutórias e explicativas, em inglês, sobre cada um das sete canções. Musicalmente fazem também reflectir toda esta imagem e conceito, em temas bastante completos, com passagens atmosféricas e místicas, entre os trechos principais que assentam em riffs de guitarra efervescentes e em cadências rítmicas carregadas de intensidade, sempre com sabor a black metal. Um disco coeso, feito por músicos com propósito e inspirados. Não devem parar por aqui…

[7,5/10] EMANUEL RORIZ

ACATHEXIS

«Immerse»

(Amor Fati)

Há bandas que surpreendem pelo simples facto de continuarem a existir. Os Acathexis são um desses casos; quer pela sua própria natureza (a proveniência diversa dos seus integrantes); quer pelo hiato algo prolongado – quase seis anos – entre a estreia auto-intitulada e a continuação com este «Immerse»; quer, e sobretudo, por Déhà continuar ligado a este projecto, ele que faz parte de quase tudo o que é banda. E, contudo, os Acathexis perseveram… Mantendo bem vincado o seu black metal de toques atmosféricos, com músicas longas, a rondar ou até mesmo superar os dez minutos, «Immerse» está longe de ser inovador e revolucionário, pois é fiel às receitas do género, mas consegue ainda assim ter a capacidade de manter o ouvinte quase sempre interessado no que está a decorrer. Se "Adrift in Endless Tides" recorda uns Primordial, o paradigma de «Immerse» terá de ser "The Other", nem de propósito a faixa menos extensa: o seu início mais lento, quase doom (tão característico de Déhà, acrescente-se), dá lugar a riffs atmosféricos que dominam por quase três minutos, que por sua vez dão lugar a uma espécie de interregno arpejado, sucedido por novos riffs atmosféricos e ritmos tipicamente black metal que se vão intercalando até chegarmos ao final, quase sem darmos conta. Este é o traço mais notório de «Immerse»: rola naturalmente, como se fosse uma esfera largada do cimo de uma montanha e, não arrasando tudo à sua passagem, deixa pelo menos as marcas do seu percurso.

[7,5/10] HELDER MENDES

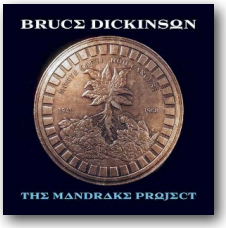
ATTIC

«Return of the Witchfinder»

(Ván Records)

Os Attic são uma banda alemã de Heavy Metal, que decalca em muito a sonoridade do Heavy Metal Clássico à lá King Diamond dos tempos idos dos anos oitenta. O vocalista Meister Cagliostro parece afirmar-se como o verdadeiro herdeiro de Kim Bendix Petersen. Formados em 2010, os Attic estão no seu terceiro lançamento com «Return of the Witchfinder». O problema dos Attic é a sua sonoridade acrónica e nostálgica, de uma época, em que as principais bandas que tocavam Metal assim, já há muito se deixaram disto e seguirem em frente, abandonando a sua sonoridade de início de carreira. Bem, em início de carreira, estão os Attic, e como não são um fenómeno nostálgico de uma sonoridade perdida, com a inclusão de letras magníficas - assim como a fase em português dos Midnight Priest – levam esta banda por este caminho, completamente desinteressante e a falhar o alvo. Será que necessitamos disto hoje em dia? Acho que não. O que é que os Attic acrescentam? Nada que os artistas de sempre nos tenham já providenciado décadas a fio. Não vejo o ponto, a não ser o lado nostálgico de termos hoje uma opção que traga a sonoridade anos oitenta de King Diamond e outros tais, como na faixa título com uma secção vincadamente Iron Maiden. «Return of the Witchfinder» é um álbum que se ouve bem, numa expectativa retro-metal até cumpre o objectivo, mas que não acrescenta nada de novo e mostra-nos uma banda com uma sonoridade fora do seu tempo. Com o talento aqui demonstrado e um

vocalista extraordinário, os Attic podiam-nos obsequiar com algo diferente e mais actual, independentemente do género escolhido. Dito isto, Attic só vêm 40 anos atrasados, pois se surgidos nos anos oitenta, teria sido de certeza uma das grandes bandas a par de todos aqueles artistas fabulosos que conhecemos desde então.
[6.0/10] CARLOS FILIPE



BRUCE DICKINSON

«The Mandrake Project»
(BMG)

E já se passaram quase uma década e meia desde o lançamento de «Tyranny Of Souls» em 2005. O que se passou com Bruce Dickinson para demorar tanto tempo a lançar um novo álbum a solo? Bem, muitas coisas. A principal são os Iron Maiden, como seria de esperar. Mas há mais, há os livros, a aviação, o empresariado e de há uns anos para cá as palestras, tal como qualquer grande líder mundial depois de um cargo, faz. «The Mandrake Project» é o sétimo álbum da carreira a solo do carismático e lendário Bruce Dickinson, e ouvi-lo a cantar é sempre um enorme prazer. O álbum aparece no mesmo momento que Bruce lança a sua nova saga de banda desenhada, o qual é o criador, e adivinhem o nome, pois é chama-se 'The Mandrake Project'. Tal como dizem na página oficial, este não é apenas um álbum, mas uma história sombria e adulta de poder, abuso e luta por identidade, tendo como pano de fundo o génio científico e ocultista. Aqui está bem explanado a temática do álbum, e a razão primordial pelo qual temos um novo álbum de Bruce. A de suporte a este novo projecto de BD. Passemos à música. «The Mandrake Project» é um álbum à Bruce Dickinson, na mesma veia dos seus dois álbuns de génio, o «Accident of Birth» e o «The Chemical Wedding», com músicas bem compostas e momentos que só ele nos pode proporcionar, não continuasse aqui a equipa vencedora Dickinson – Roy Z. O álbum é muito consistente, mas musicalmente diversificado, sem nunca ultrapassar a linha do 'concept álbum', mas para mim, só arranca verdadeiramente com 'Eternity Has Failed' e 'Mistress of Mercy'. Enquanto podemos aproximar «Tyranny Of Souls» de "Chemical", podemos aproximar este de "Accident". Sinto-o mais na veia deste, mas ambos últimos trabalhos, o de agora e o de 2005, estão musicalmente na mesma linha, mas «The Mandrake Project» parece-me uns pontos mais acima. O que é extraordinário é a separação musical que Bruce consegue dos Iron Maiden. Sim, aqui malhas que bem podiam entrar nos Maiden, mas no geral é um álbum que se distancia da banda mãe relativo à sua sonoridade presentada a solo. Quero referir que o CD saiu num livro tamanho A5, com uma amostra da banda desenhada e um booklet do mesmo tamanho que dá uma mais-valia ao conjunto. Aliás, não deviam os CDs de hoje, abandonar as suas caixa de plástico e virem num conjunto de tamanho A5 em cartão. Tornava o objecto físico CD muito mais interessante, mais desejável e seria um verdadeiro 'manguito' ao streaming.
[8.5/10] CARLOS FILIPE

CHAPEL OF DISEASE

«Echoes of Light»
(Ván Records)

Este é um daqueles casos em que a sonoridade sugerida pelo nome da banda nada tem que ver com a música em oferta. E pelo selo discográfico também nunca iríamos suspeitar estar perante um disco essencialmente de hard rock. Mas é disso que se trata. A formação germânica em causa começou, no entanto, por fazer um death metal cavernoso inspirado nos primeiros registos dos Death e Asphyx, e nem mesmo o último álbum, «... And as We Have Seen the Storm, We Have Embraced the Eye», de 2018, que já se aventurou para lá da ortodoxia do género, faria prever a transfiguração radical plasmada neste quarto registo. Não é que «Echoes of light» não conserve ainda traços da extremidade sónica praticada anteriormente, mas fá-lo apenas nas duas primeiras faixas do alinhamento e numa matriz já com muito de progressivo, particularmente em "A death though no loss". Tudo o resto é bastante diferente. A tranquila "Shallow nights" surpreende logo pelas belas guitarradas de vibe Hendrixiana e pelos teclados salientes. A partir daqui a voz de Laurent Teubl faz-se ouvir por vezes rouca, mas sempre em registo limpo. "Selenophile" é toda ela puro hard rock de malhas orelhudas e uma desbunda desenfreada de solos, enquanto "Gold/Dust" cativa ao primeiro contacto com riffs memoráveis à moda dos The Cult e fantásticos fraseados de twin guitars tão tipicos do heavy tradicional. Beneficiando de uma produção condizente de Michael Zech (The Ruins of Beverast, Secrets of the Moon) que realça o espírito retro do disco, «Echoes of Light» tanto pode representar um corte definitivo com o passado desta formação de Colónia, como pode não passar de uma experiência pontual. A sensação que deixa é que, por vezes, recuar até às raízes também pode ser uma maneira de sair da caixa.
[8/10] ERNESTO MARTINS

CRUST

«Dissolution»

(Avantgarde Music)

Com uma discografia já considerável tendo em conta o seu relativamente curto período de actividade, os russos Crust são mais um caso típico de "a pressa é inimiga da perfeição". A voracidade com que lançam trabalhos deveria ser mitigada, pois os Crust continuam a ser uma banda com imensas arestas por limar, sejam elas técnicas, de produção, ou mesmo de consolidação da sua sonoridade. «Dissolution» é um disco que sofre de todas estas falhas, o que seria compreensível e/ou mesmo desculpável numa banda que lançasse agora o seu primeiro álbum, mas imperdoável em quem tem já alguma bagagem. É indiscutível que "Graves Await", "Blazing the Trail in the Land of Suffering" ou "Captivi Infernis" se escutam bem, mas «Dissolution», no seu geral, é um disco que pouca coisa acrescenta e se esquece quase imediatamente após os últimos segundos de duração. E é essa propriedade, por demais evidente, de haver aqui pouco a reter do muito que é proposto, que mais bem define «Dissolution». A vontade que os Crust têm de se fazer ouvir e notar é de aplaudir, mas convém que trabalhem um pouco mais na qualidade dos seus produtos finais. E isso implicará necessariamente parar de lançar coisas à toa.

[6/10] HELDER MENDES

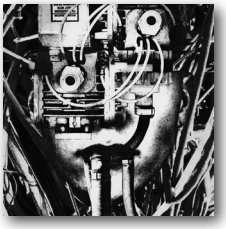
DARKESTRAH

«Nomads»

(Osmose Productions)

Os Darkestrah são uma banda do Quirguistão, mas que, agora, estabeleceram-se na Alemanha de Leste, e já vão no seu sétimo álbum, «Nomads». Os Darkestrah presenteiam-nos com uma sonoridade peculiar no domínio do Black Metal, acrescentando uma veia épica e um conceito Xamânico, autointitulando-se "Epic Shamanic Black Metal". Depois do "intro" 'Journey through Blue Nothingness', em tons acústicos, um Black Metal sustenido começa a desenrolar ao som acutilante das guitarras rítmicas e uma batida bem presente, o qual marca o compasso da música dos Darkestrah, na faixa 'Kök-Oy'. O verdadeirto vinco Black Metal aparece com a entrada do vocalista Charuk decorridos dois minutos, passando este a dominar a música. O que destaca os Darkestrah dos seus demais pares de Black Metal e lhes confere o lado épico, e principalmente Xamânico, vem aos cinco minutos e trinta com um andamento musical do mais interessante que ouvi ultimamente. Acho que é esta peculiar abordagem musical que caracterizam e tornam singular esta banda vinda dos confins do centro da Ásia. Mas o som dos quirguize continua a surpreender logo a seguir, na faixa título, com a inclusão de cordas e sopro metálico, que confere a esta música um som marcante e extraordinário, sempre ao som do Black Metal, o qual é a veia aorta dos Darkestrah. O lado Xamânico é o mais difícil de caracterizar e trazer ao de cima, o qual só acontece quando o ritmo baixa, para um mais lento e pesado, o que acontece até certo ponto nas segundas partes das músicas 'Destroyer Of Obstacles' ou 'Quest for the Soul', mas atinge o seu expoente máximo em 'The Dream of Kojojash' no que se refere a um som Xamânico Épico. A última música, 'A Dream that Omens Death', é um simples um "outro" de conclusão deste interessante e bem conseguido álbum, de uma mistura onde nem sempre é fácil de ter algo vincadamente Black Metal, mas apresentando imensa textura musical a todos os níveis, que lhe confere o seu interesse de maior.

[8.5/10] CARLOS FILIPE



DISSIMULATOR

«Lower Form Resistance»

(20 Buck Spin)

Se alguém colocasse num software de IA a questão "gostava de ouvir uma banda recente que misturasse em partes iguais death e thrash", se a resposta imediata fosse "Dissimulator", poderíamos confiar perfeitamente nesse software para toda e qualquer dúvida. «Lower Form Resistance» é a estreia dos canadenses Dissimulator e é, falando de modo simples e directo, uma bela de uma estreia. Um thrash metal que alterna entre o directo, o rápido e o técnico, sendo neste último caso impossível não mencionar os conterrâneos Voivod como influência (por exemplo em "Warped"), e um death metal que não ficaria desajustado nos anos 90 fazem de «Lower Form Resistance» uma peça a constar de qualquer colecção que preze o riff, o maldito riff. O trio composto por Claude Leduc (guitarra e voz), Antoine Daigneault (baixo) e Philippe Boucher (bateria) impõe-se já como uma das grandes surpresas de 2024 e deixa água na boca relativamente ao futuro: se a qualidade apresentada em «Lower Form Resistance» se mantiver ou até aprimorar, estaremos perante um caso muito sério na música de peso durante os próximos anos. Até lá, nada melhor do que fazer headbanging a faixas como "Outer Phase", "Hyperline Underflow" ou a final "Lower Form Resistance".

[8/10] HELDER MENDES

DÖDSRIT

«Nocturnal Will»
(Wolves of Hades)

Se procuram black metal rasgado mas, ao mesmo tempo, carregado de belíssimas melodias heróicas, este novo álbum dos Dödsrit poderá ser um disco a não perder. A formação em causa surgiu em 2017, inicialmente como um projecto a solo do guitarrista e vocalista sueco Christoffer Öster, tendo-se destacado particularmente em 2021 com o brilhante «Mortal Coil» – o primeiro registo a ser gravado já como um quarteto –, que veio renovar o som do grupo ao adicionar mais melodia e atmosfera à torrente implacável de black metal salpicada de crust de discos anteriores. «Nocturnal Will» explora o mesmo filão estético, mas introduz uma transformação mais radical na imagem sónica da banda. A grande diferença é que o disco é totalmente dominado pelos elementos melódicos, fazendo desfilar ao longo de quase todos os seus 43 minutos de duração, linhas de guitarra incomparavelmente mais orelhudas e exuberantes. A toada sumptuosa e dançante do instrumental "Utmed Gyllbergens stig" é a melhor mostra do extremo melódico até onde a banda se dispôs a ir. Mais do que em qualquer outra ocasião, é aqui que a influência dos Dissection (e de outros baluartes do black metal melancólico) se torna mais gritante. Outro dos vários números com passagens majestosas de cortar a respiração é "Nocturnal fire", tema que inclui o que parece ser o último resquício daquele D-beat tipico do hardcore/crust. Os segmentos acústicos e atmosféricos, já tradicionais na música do colectivo, são aqui mais calmos, criando um contraste mais acentuado com as rajadas geladas e as melodias em tremolo. «Nocturnal Will» é claramente único no reportório desta jovem banda; um disco fulgurante e acessível que é até capaz de cativar fãs com preferências diversas de black metal.

[8/10] ERNESTO MARTINS

FAR BEYOND

«The End Of My Road»
(Prosthetic Records)

Os Alemães Far Beyond estão de regresso com o seu segundo trabalho desde o recomeço da banda em 2016. Com uma sonoridade bem vincada no melódico, as outras duas características, o sinfónico e o death, estão bem definidas em cada uma das músicas de «The End Of My Road». O pêndulo do estilo oscila arduamente para cada um dos lados, sinfónico e Death, em cada música, dando-lhe uma textura intrínseca que confere aos alemães um som distintivo, mas longe de ser original. Já ouvimos estas "partituras" aqui ou ali noutras bandas. Talvez seja este o maior defeito de «The End Of My Road». As músicas são grandes, na casa dos 8 a 9 minutos, sempre com um preâmbulo instrumental, que dá o mote sinfónico à faixa principal que lhe segue. Tudo está harmoniosamente orquestrado e composto, pleno de compostura e uma voz que oscila entre o gutural e o limpo. O ponto alto é atingido em 'Tempus Fugit', um hino à mestria de entrelaçar o sinfónico com o Death Metal. A melodia comanda a música, a orquestração a componente épica e o Death o peso, que, no fundo, vai sustentar a génese musical dos Far Beyond. Tendo abandonado as componentes gótica e Black do passado, em detrimento do Death, se o Black está off, o Gótico está on aqui e ali, como podemos sentir na faixa titulo 'The End Of My Road'. Este é um excelente álbum que mostra uma sólida evolução de «A Frozen Flame of Ice», que podia ser visto como a parte um de «The End Of My Road», de tão na mesma via estar. Far Beyond é uma banda a ter debaixo de olho na contundente ascensão ao topo da montanha do Death Metal.

[8.0/10] CARLOS FILIPE

FIFTH NOTE

«Here We Are»
(Frontiers Music)

«Here We Are» é o disco de estreia deste quinteto oriundo da cidade de Kohima, na Índia, nascido a partir das fundações de uma anterior banda de rock cristão. Numa rápida passagem de vista pelos nomes de algumas das canções, é fácil perceber que essa inspiração continua a ser o mote principal do grupo. Em temas como "Always Love You", "Dreamer", "I Won't Give Up" ou "Here We Are", são também as melodias alegres, carregadas de esperança, que se colam facilmente ao ouvido menos atento e nos mostram um caminho de esperança e luz. Esta figura de estilo encontra-se enquadrada nas regras mistas do rock progressivo e do AOR, num terreno onde não decidiram arriscar pisar muito mais do que terra já batida. Fica a fragrância a cliché no ar, apesar da qualidade das composições e de um trabalho de produção e mistura muito bem conseguido. Por vezes, a voz de Samuel Thapa parece não ter o corpo necessário para aguentar a estrutura. Algo que terá de ser confirmado ao vivo. Se aí criar um impacto tão acentuado como em disco, então a pontuação sobe em flecha. Num disco repleto de temas directos, alguns dos quais parecem feitos à medida para rolarem em qualquer rádio, há também o típico registo baladesco em «Drifted», e a fechar, algo muito próximo do que os Dream Theater fizeram no tema «As I Am» [Train Of Thought]. Têm caminho pela frente.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ

FUNERAL ORATION

«Antropomorte»

(Avantgarde Music)

Vindos diretamente de Itália estes Funeral Oration trazem-nos Black Metal mas não se trata de uma proposta qualquer. Acho que é necessário vincar desde o início desta crítica que o que ouvimos é relativamente original e diferenciador. A música é suficientemente imprevisível, assente naquilo a que poderia chamar aqui de segmentos disjuntos intercalados, acoplados dentro da mesma faixa musical. Isto permite evitar claramente a previsibilidade e consequente monotonia estética. É daqueles álbuns que se ouve uma primeira vez, de certo modo estranha-se, e mais tarde o ouvinte aceitará, ou não, o desafio de voltar a ouvir tudo e tentar perceber se o álbum é de facto coeso ou um punhado de riffs "deslavados". Na minha opinião claramente que «Antropomorte» está a anos-luz de distância de ser apenas um punhado de riffs encaixados com arame e fita-cola. Mais, do ponto de vista de um povo latino tal como são os Italianos, podemos olhar de maneira especial para o conteúdo lírico. Todo ele assente em autores de várias épocas, i.e., letras parcialmente ou totalmente transcritas de autores conhecidos, a originalidade não está tanto na abordagem ao ocultismo, anticristianismo ou poesia já que estes tópicos são sobejamente usados por inúmeras bandas de Black Metal. Aqui o que marca pontos é a utilização do Italiano em jeito discursivo cujo efeito é colocar-nos muito mais próximos do imaginário que os temas tentam transmitir pois como sabemos as questões relacionadas com a aceitação/rejeição da religião têm um grande peso do Latim/Italiano. O resultado é de facto notável. Onde o disco peca por defeito talvez seja a ausência de um conjunto de riffs mais apelativo, visceral, arrebatador que deixem o ouvinte viciado num ou outro tema e arrastem o resto do álbum sem reservas.

[8.5/10] SERGIO TEIXEIRA

HUMULUS

«Flowers Of Death»

(Go Down Records)

«Flowers Of Death» é o quarto disco de originais dos italianos Humulus, de Brescia, Bergamo, um colectivo que se remodelou recentemente. Apesar das mexidas na formação o resultado final está bastante unificado, com uma fluidez de quem já se sente bem à vontade na tarefa de compor e ligar diferentes ideias. E para isso, terá sido seguramente influente a ajuda de Stefan Koglek, músico dos Colour Haze, que neste disco teve o cargo de supervisor de composição. Mesmo com a sempre árdua tarefa de se substituir um vocalista, "Flowers Of Death" deixa na memória as melodias, os refrãos, as palavras e nomes dos temas que parecem ter sido escolhidos com muito critério. O segredo poderá ser a familiaridade entre estas palavras e o espectro musical em que se inserem, o stoner e rock psicadélico. É possível que ao longa da audição encontrem várias semelhanças, ligando-os a vários nomes desta sonoridade, mas a fluidez é tão natural que é um real prazer deixarmo-nos ir pela corrente deste rio de riffs stoner, uma belíssima coleção deles. E embora o andamento do disco seja muito semelhante de início a fim, os Humulus descobrem variadas formas de criar dinâmicas entre momentos de maior intensidade, ligados a vales de serenidade e com a melodia sempre lá, na dose certa. Não desfazendo nenhuma das composições, o miolo do disco, composto pelos temas "Buried By Tree" e "Seventh Sun", é a perfeita justificação para tudo o que aqui digo. Nota de rodapé final para o trabalho gráfico de Thomas Greenwood, que completa esta obra.

[8.5/10] EMANUEL RORIZ

JUDAS PRIEST

«Invincible Shield»

(Sony Music)

E vão dezanove de uma longa carreira que já conta com 50 anos. «Invincible Shield» é um álbum adequado e ao nível do que os Judas Priest nos habituaram, mas, tal como já escrevi algures na VERSUS Magazine, estes álbuns de fim de carreira, destas bandas com longevidade invejável, não acrescentam nada ao panorama musical ou ao repertório que acumularam até aos nossos dias. «Invincible Shield» não tem a áurea de um «Angel of Retribution», que foi uma lufada de ar fresco depois da travessia do deserto dos anos 90, ou a magnificência de um «Nostradamus». «Invincible Shield» segue a linha dos dois últimos de 2014 e 2018, mas, é bem melhor conseguido do que estes dois antecessores. Sem nunca arriscarem grande coisa e mantendo-se 100% fieis ao seu legado musical, os Judas Priest não tinham nada a perder em arriscar ir mais além, bem pelo contrário, como o demonstraram com «Nostradmus». Há aqui músicas com bons momentos à lá Judas Priest, que conseguem sobressair bem do lote de 11 músicas mais três de bónus que compõem o disco. "The serpent and the king", "Invincible shield", "Gates of hell" – talvez a melhor do álbum – ou "Trial by fire", são músicas que dignificam a banda britânica e este trabalho de 2024. Evidentemente, neste tipo de álbum de "segunda linha" dos Judas Priest, há sempre uma música ou outra menos conseguida como "Panic attack" ou "As god is my witness", e algumas faixas como "Devil in disguise", "Crowns of horns" ou "Giants in the sky" que bem podiam fazer

parte do próximo álbum a solo do Rob Halford. O que continua sempre espectacular nos Judas Priest, é o artwork do álbum, e «Invincible Shield» não fugiu à regra. Estamos perante um álbum que não desilude, mas também não deslumbra, e apresenta um bom naipe de boas malhas e músicas, ideal para os fãs da banda acrescentarem à sua colecção e não falhar nenhum trabalho da icónica banda. «Invincible Shield» é um álbum feito para os fãs de longa data se deliciarem e desfrutarem.

[7.5/10] CARLOS FILIPE

KEYGEN CHURCH

«Nel Nome del Codice»

(Metal Blade Records)

Os Keygen Church são o lado B do músico italiano Victor Love (Vittorio D'Amore), o mastermind por detrás dos sintetizadores electrónicos de 8 bits de Master Boot Record (MBR). Posto isto, os que conhecem MBR já sabem do que eu vou escrever e utilizar como objecto de comparação. «Nel Nome del Codice» é a nova extravagância de Love e traz-nos a sonoridade típica que conhecemos dos MBR do synth metal, mas agora para o universo da música de câmara. Se as bases computacionais estão bem presentes na música de Keygen Church, nomeadamente quando o peso do synth metal é trazido para a primeira linha, constituindo o ponto em comum com MBR, tudo o resto diverge, indo no sentido certo de dar uma aura diferente, fazendo jus ao nome da banda, i.e., dar uma sonoridade bem vincada no presbiterianismo. A presença de coros de câmara, a utilização do piano clássico e orgão de igreja em todas as músicas, e mesmo o cravo, como em "La chiave del mio amor", contribuem para a definição da música dos Keygen Church. Evidentemente, estes sons de piano, órgão e cravo são gerados por computador. Vejo estas duas bandas de Victor Love como dois conjuntos matemáticos bem distintos, que se intercetam pela componente mais pesada do synth metal, indo depois cada uma das bandas em direcções completamente opostas. Penso que o synth metal combina melhor com a temática dos x86 do que com a música de câmara, mas como, talvez, só 1/3 é aplicada aqui, os restantes 2/3 conseguem dar o carácter certo à música dos Keygen Church. «Nel Nome del Codice» é um álbum interessante, bem conseguido e homogéneo, mas falta-lhe qualquer coisa que não consigo definir, um "je ne sais quoi". E claro está, mais uma vez, foi possível ver a composição deste álbum e interagir via chat com o criador, em directo, no YouTube, no canal de Master Boot Record.

[8.5/10] CARLOS FILIPE

MASTER

«Saints Dispelled»

(Hammerheart Records)

Passam já 40 anos desde a formação oficial dos Master. Desde esse momento, apenas Paul Speckman (baixista, vocalista) se manteve na banda a tempo inteiro, e só a sua determinação permitiria à banda alcançar hoje o seu décimo quarto álbum de estúdio, este que se intitula de «Saints Dispelled». Impõe-se, claro, respeito por senhores que após este tempo todo ainda continuem a fazer death metal bem rápido e duro. O tema de abertura "Destruction In June" põe logo a nú tudo aquilo que iremos encontrar ao longo do disco. Não representando uma lufada de ar fresco, percebe-se também que não será um disco que nos irá deslumbrar ou surpreender. As ideias do seu death metal com laivos de thrash/punk, podem até soar um pouco monótonas, mas a verdade é que a consistência, de um colectivo bem oleado pela experiência, é um ingrediente que confere um sabor bem especial a este disco, aliás, tal e qual se viu no disco anterior, de 2018, «Vindictive Miscreant». O disco está todo ele muito bem nivelado, não havendo necessidade de destacar este ou aquele tema, a não ser, talvez, "The Wizard of Evil", devido ao seu final doentio. Ao ouvir «Saints Dispelled» sou facilmente atirado para o concreto dado na vigésima edição do SWR Barroselas Metalfest. Lembro-me do público cativado de início ao fim, grande diversão, e uma verdadeira celebração de algo a que se pode chamar de death metal sem hesitação nenhuma. Por tudo isto, é sempre um prazer ouvir os Master.

[7/10] EMANUEL RORIZ

MINISTRY

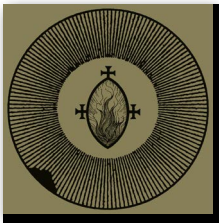
«HOPIUMFORTHEMASSES»

(Nuclear Blast)

Outrora relevantes, os Ministry foram aos poucos sacudindo a importância que alcançaram no terreno nem sempre fácil de percorrer do metal industrial. Os últimos trabalhos mostraram uma banda perdida, com um Al Jourgensen claramente sem inspiração (isto não é suposto ser uma piada a propósito da conhecida adição a opióides do lider dos Ministry). «HOPIUMFORTHEMASSES» não constitui um regresso à melhor forma dos Ministry, mas é um bem vindo upgrade quando posto em comparação com os últimos longa-duração, embora a sua parte final sofra de falta de chama: "It's Not Pretty", em particular, não é lá muito bonita, e o mesmo deve ser dito de "Cult of Suffering". As melhores

músicas são claramente as primeiras, em que a voz rasgada de Jourgensen debita os seus habituais temas ácidos de esquerda acompanhados dos ritmos repetitivos e dos samples que se esperam encontrar na sonoridade industrial dos Ministry ("B.D.E.", "Goddam White Trash", "Aryan Embarassment", "TV Song"…). Em jeito de remate, o que há para dizer acerca de «HOPIUMFORTHEMASSES» é apenas isto: não sendo o mais fantástico disco dos Ministry, está bem longe de ser dos piores. Ao menos que seja dado esse crédito a Jourgensen e aos restantes membros dos actuais Ministry: foram – aparentemente – capazes de dar meia volta ao rumo que a carreira da banda vinha tomando.

[7/10] HELDER MENDES



PONTE DEL DIAVOLO

«Fire Blades From The Tomb»

(Season of Mist)

Ponte Del Diavolo é uma banda formada recentemente, em 2020, que tem em «Fire Blades From The Tomb» o seu primeiro LP, após três EPs. Ao pesquisar o estilo que carateriza a banda italiana de Piedmont, antes sequer de ouvir uma nota do álbum, estão referenciados como Doom/Black Metal. Bof…, mais uma misturada de Doom com qualquer coisa, aqui, por acaso, Black Metal. A entrada com uma toada rápida e uma sonoridade subjacente indefinida de 'Demone', fez-me passar de imediato para outra música do álbum, que felizmente, despertou-me mais a atenção e fez-me regressar ao início, e, ouvir "isto" melhor. E "isto", é excelente! A cada música de «Fire Blades From The Tomb» somos surpreendidos pela tenacidade com que os Piemonteses entrelaçam as essências do black Metal na sólida base Doom que constitui o centro da sua música. O Doom aqui é aquele característico de bandas como Black Sabbath ou Candlemass, mas aqui, liderados pela magnífica voz feminina de Cristina Ferrero numa vertente Darkwave, que é a essência dos Ponte Del Diavolo, e que lhe confere carácter musical e um interesse redobrado. Ao invés, o Black Metal está lá, mas musicalmente absorvido pelo seu género par, não contribuísse para tal a presença de duas linhas de baixos para uma de guitarra, criando as fundações para a guitarra rítmica. «Fire Blades From The Tomb» é um álbum pesado, melódico e homogéneo, onde cada música parece fazer parte de um puzzle musical que perfaz uma obra íntegra. Além do referido, «Fire Blades From The Tomb» ainda tem uma surpresa escondida no seu interior, com uma partitura de clarinete em 'Red as the sex of She who lives in death' e 'Nocturnal veil', que lhe confere uma sonoridade tanto de extravagante, como de esotérica.

[9.5/10] CARLOS FILIPE

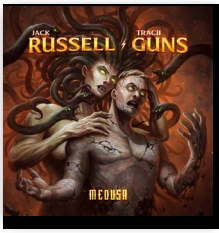
ROMUVOS

«Spirits»

(Hammerheart Records)

Pagan/folk metal há muito por aí, mas não com a alma que transborda deste novo registo dos Romuvos. A banda, originária da Lituânia, foi criada em 2014 pelo multi-instrumentista Velnias com o intuito de recuperar o ethos da cultura Báltica por via da história e das tradições pré-cristãs desse ponto do globo, tendo lançado inicialmente três discos fortemente influenciados pela música dos Heidevolk e dos Falkenbach. Mas este novo álbum é bastante diferente. Em «Spirits» o grupo optou por colocar de lado o estilo de folk animado que ainda pautou o último «The Baltic Crusade», criando desta vez algo mais ritualista e introspectivo e favorecendo uma sonoridade mais atmosférica. A música usa e abusa de ritmos e percussões tribais, mantras hipnóticos, construções fonéticas bem conseguidas e melodias de grande inspiração, que nos transportam, como que por magia, até a um passado ancestral de ligações místicas com as forças da natureza. Pelo meio há sequências metálicas marcadas por riffs dark metal, lentos e poderosos, que remetem por vezes para Bathory, como é o caso do soberbo "Become as one", tema que se destaca também pelo refrão absolutamente irresistível. "World tree" tem qualidades semelhantes a par de brilhantes versos entoados em coro num tom triunfalista. As vozes são sempre limpas, surgindo ora num registo baixo e grave, ora projectando-se em harmonias de tom contemplativo em autênticas odes à natureza. Abraçando desta vez elementos de Wardruna e Myrkur, os Romuvos aventuraram-se desta vez para lá da zona de conforto mas sem comprometer a sua identidade. O espírito folk está lá apesar da música depender menos de melodias do género. O que resultou desta transformação foi um trabalho cativante e envolvente que é pura magia para os sentidos.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



RUSSEL-GUNS

«Medusa»

(Frontiers Music)

Quantos de nós antes de entrarmos no universo da música extrema deram umas voltas no velho amigo Rock'n'Roll. Pois é, e entre muitos artistas de destaque (impossível enumerá-los a todos) pode-se ter como uma das grandes referências dos anos 80/90 os Guns'n'Roses. Mas a história dos GnR não começa com os elementos que os tornaram célebres nos álbuns «Use Your Illusion»

I & II. Tracii Guns foi um dos guitarristas que inicialmente formaram a banda ainda que apenas tivesse permanecido alguns meses ao fim dos quais deixa definitivamente a colaboração com Axl Rose. Ao longo dos anos Tracii Guns foi passando por vários projetos, p.ex. saindo e retornando várias vezes aos L.A.Guns. Agora junta-se em 2024 a Jack Russell para um novo projeto de Glam Hard-Rock. Neste «Medusa» os clichés estão presentes em dose q.b. com bateria descomplicada, riffs e linhas melódicas fáceis de encaixar, solos de guitarra em todos os temas. Em termos de produção estamos num patamar qualitativo a roçar o estratosférico. Mas não só. As composições estão muito bem ligadas e muito longe de encontrarmos um ou outro tema que entram só para "encher chouriços". A voz de Russel seguríssima demonstra que não é preciso percorrer 6 oitavas ou ir até aos 140 decibéis a cada estrofe para marcar pontos. O sr. Guns na guitarra é irrepreensível e mostra que as décadas de música lhe conferiram o estatuto de pós-Doutorado em guitarra rock. O tema «In And Out Of Love» foi o que mais me chamou a atenção mas haverá muitos outros pontos de interesse alinhados com os gostos particulares de cada ouvinte. Como um todo, este álbum foi um relembrar de uma estética muito própria do Glam Hard-Rock ali dos anos 80/90, uma simpática viajem no tempo. Obrigado Sr. Russel e Sr. Guns.

[9.0/10] SERGIO TEIXEIRA

SGÀILE

«Traverse the Bealach»

(Avantgarde Music)

Em gaélico, Sgàile significa 'fantasma' ou 'sombra'; musicalmente é sinónimo de metal progressivo desenvolvido em composições épicas cheias de sentimento, sobre uma base sónica pujante a roçar os géneros mais extremos. O aspecto mais peculiar que ressalta desde logo é o uso exclusivo de vocais muito limpos, de tom ingénuo até (a fazer lembrar, por vezes, Geddy Lee dos Rush), o que contrasta fortemente com os registos agressivos mais habituais neste contexto, podendo exigir, por conseguinte, algum tempo de adaptação. O dono desta voz é um músico de Glasgow chamado Tony Dunn que esteve envolvido inicialmente nos Falloch, Saor e Cnoc an Tursa, mas que abandonou tudo em 2018 para se dedicar a este projecto a solo onde é responsável pela execução de todos os instrumentos. Este novo álbum segue de perto as linhas mestras traçadas em 2021 no disco de estreia «Ideals & Morality» mas agora com composições mais longas e refinadas. Inspirado no histórico trilho homónimo que liga a peninsula de Applecross às altas montanhas da Escócia, «Traverse the Bealach» é um trabalho de catarse de demónios pessoais, mas onde a música, rica em construções pegajosas, assume quase sempre um tom animador. As malhas melódicas de guitarras e teclados remetem vagamente para o folk ou para o shoegaze (sem a faceta sonhadora) e são acompanhadas por frequentes harmonias vocais e arranjos bem trabalhados. A secção rítmica é poderosa, havendo tiradas pontuais ao estilo do black metal mas também hinos muito radio-friendly. No meio de construções algo batidas há lugar também para o imprevisível e para explorações para lá dos cânones do Metal. Enfim, um trabalho despretensioso mas refrescante.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS

STYGIAN CROWN

«Funeral For A King»

(Cruz Del Sur Music)

Depois de uma demo e um primeiro longa-duração, os Californianos Stygian Crown lançam agora em 2024 o seu segundo disco, entitulado de «Funeral For A King». São um daqueles casos que despontam do outro lado do atlântico, que se embebeu numa boa dose de inspiração por clássicos do velho continente. É desde logo evidente nos primeiros momentos do tema título, na abertura do disco, que o doom metal que criam tem um saudoso sabor a anos 90. Tal e qual os próprios referenciam, pretendem mesmo explorar e expandir uma sonoridade que se aproxime ao legado deixado pelos Bolt Thrower e também pelos Candlemass. Sem entrar nos momentos mais furiosos da história dos primeiros, esta afirmação é um tiro certeiro para quem quiser, de antemão, posicionar a obra deste colectivo de Los Angeles. Sobre este disco, é de se dar relevo à linha dramática explorada, num alinhamento com várias oscilações, que ajudam a manter o ouvinte desperto, mas que deixam uma sensação de previsibilidade no ar. Para tirar conclusões, há uma secção do disco composta pela sequência dos temas "Where The Candle Always Burn" - "Blood Red Eyes" - "Beauty And Terror", que expõe as saliências do caminho trilhado pelos Stygian Crown.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ

SYK

«eartHFlesh»

(Season of Mist)

Comecemos pelo que importa: este álbum revela o que de melhor os SYK foram capazes até hoje, sem desvalorizar os antecessores. A banda tem "apenas" 10 anos mas conta com membros muito experientes pelo seu projecto passado: Psychofagist (pensem Zu, Ephel Duath, entre outros). Estamos a falar em gente capaz de criar ambientes não só muito agressivos mas também

muito complexos, turvos, emaranhados com todos elementos musicais que nem consigo enumerar porque até nem faz muito sentido, nem importa. O que nos cai no ouvido é o som SYK, que ira conquistar os fãs de sons mais duros e complexos - a componente instrumental tendo a sua importancia mas a vocal e ambiental a ser surpreendente. Os álbum tem oito faixas, conseguindo evoluir desde a primeira até à última - sem ser repetitivo ou insistente, cada tema tem o sem propósito e deixa-nos com sentimentos diferentes. O tema de abertura tece bem o seu intuito com o tema "I am the beast" - a intenção é marcar o território desde a primeira nota. A meio da viagem cabe-nos momentos reflectivos com temas como "The Sermon", onde a instrumental nos convence que o ambiente é massivo e perplexo. As harmonias também fazem parte desta viagem, onde em temas como "I'll haunt you in your dreams" ou em "For to themselves I left them" os SYK envenenam-nos com melodias sofridas mas profundas e poderosas. A produção é irrepreensível, o som é arrebatador, o fim do álbum dá vontade de voltar a ouvir.

[9/10] ADRIANO GODINHO

TERRAMORTA

«Chronophobia»

(Magnus Pike Records)

«Chronophobia» é o álbum de estreia dos Terramorta, cuja sonoridade se enquadra num black/death metal sinfónico. A primeira coisa que me saltou à vista foi a excelente produção e todo o profissionalismo em torno da estética da banda. No que respeita a sonoridade, acho este disco muito coeso. Nota-se bem que os integrantes da banda têm maturidade musical e sabem o caminho que querem percorrer - a intro "The chaos begins" é demonstrativa do que nos espera nos próximos 40 minutos e o tema-título é a confirmação da perfeita aliança entre pomposas orquestrações e o metal mais extremo que de imediato me remete para Dimmu Borgir. O tema seguinte, "Welcome to the belic gore", é o meu favorito devido à tríade fortíssima de voz, guitarra e bateria. De facto, a voz de Seer, que já conhecemos dos Venial Sin, apresenta-se imponente em todas as faixas. E, por falar em imponência, apreciei o momento de spoken word em "Your god is a lie", seguido de imediato de um raivoso vociferar. Em pé de igualdade com a voz está a bateria, sempre pujante, impondo "o seu respeito", já a guitarra acampanha-os de forma muito competente, nomeadamente em "Presságio" e "Morte". A última música é a minha segunda favorita devido ao ritmo inicial meio tribal da bateria que me faz lembrar Moonspell. A música é muito boa, tem um crescendo caótico fabuloso e depois termina com uma orquestração que me remete para Anorexia Nervosa. É, assim que termina o disco, e a vontade é de carregar em play e retomar o caos.

[7.5/10] GABRIELA TEIXEIRA

THE CHRONICLES OF FATHER ROBIN

«The Songs & Tales of Airoea – Book II, Book III»

(Karisma Records)

O primeiro álbum desta trilogia tinha já sido alvo de crítica na edição 63 da VERSUS Magazine. E tinha ficado em jeito de promessa uma atenção especial aos 2 restantes álbuns da trilogia assim que vissem a luz do dia. Assentes num conceito que teve génese há já 30 anos, na Noruega, mas que apenas tomou forma e corpo apenas no ano de 2023 esta é uma proposta de Rock Progressivo bem enraizado nos primórdios deste género. Estes Book II e Book III vêm então complementar o desafio proposto pelo Book I sem fazer quaisquer desvios inesperados do ponto de vista estético. Mantém-se portanto o registo baseado em vários elementos Folk (por exemplo flauta, guitarra acústica) intercalados por influências Jazz até, claro está, ao Rock com as respetivas guitarras elétricas. A título de comparação este é um trabalho que está mais perto do que ouvimos em «10.000 Anos Depois entre Vénus e Marte» de José Cid, um álbum com lugar cativo no top 100 mundial das referências do universo do Rock Progressivo, do que do peso e assertividade que atravessam por exemplo uma banda como Dream Theater que pouco ou nada tem de Folk 'clássico'. Mantém-se constante a abordagem transversal das sonoridades que como já tinha referido, são propícias a audições suportadas tanto por auscultadores, como com luzes e efeitos de fumo em cima de um qualquer palco. E fica-se mais uma vez com a intuição que esta trilogia não foi pensada e executada do estúdio para o palco mas o sentido inverso, i.e., respira palco por todos os poros e preparada posteriormente em estúdio como consequência inevitável.

Uma última observação para dizer que poderia ser um trabalho para audiófilos se cada nota tivesse tido uma precisão e pureza atómicas, mas por vezes é notório o desvio para tons e misturas mais "sujas" mas muito longe de entrar em distorções inócuas. Temos uma paisagem sonora um pouco híbrida desse ponto de vista. Resumindo, estamos perante uma trilogia dirigida claramente aos amantes das raízes do Rock Progressivo mais puro e muito longe de ir ao encontro dos desejosos de música extrema.

[8.5/10] SERGIO TEIXEIRA

THE MONOLITH DEATHCULT

«The Demon Who Makes Trophies of Man»

(Human Detonator Records)

Formados no início do século e já detentores de um respeitável legado discográfico, os The Monolith Deathcult são sobejamente conhecidos por articularem com mestria a brutalidade de um death metal fortemente inspirado em Morbid Angel com arranjos sinfónicos e elementos industriais e electrónicos – um cocktail multimodal que tem sugerido comparações frequentes também com Septicflesh e The Project Hate MCMXCIX, constituindo naturalmente o modelo sónico de base que rege este oitavo longa duração. «The Demon Who Makes Trophies of Man» é, na verdade, uma compilação de material que o trio holandês foi divulgando em singles, gradualmente desde 2022.

O tema homónimo destaca-se desde logo pelos esmagadores riffs pontuados, as melodias étnicas (a lembrar Nile), alguns samples e fantásticos arranjos orquestrais. “Commanders encircled with foes” junta vozes limpas e processadas ao habitual gutural arrancado das entranhas, sendo uma cavalgada demolidora e muito interessante de mutações rítmicas e solos tortuosos.

Melhor ainda é o instrumental “The nightmare corpse-city of R’lyeh”, com a sua forte componente sinfónica e expressivo spoken-word (num registo quasi Vincent Price) de “Call of Cthulhu” de Lovecraft, bem como o intensamente EBM “Kindertodeslied MMXXIV”, embora este redunde num remake de um original do álbum «III – Trivmvirate». E é basicamente nestas quatro faixas que se esgota o que o disco tem de marcante. O que vem a seguir ou são re-gravações (desnecessárias, por demasiado próximas do original) ou variações baseadas em repescagens de excertos do citado álbum anterior de 2008, ou temas que tendem para um vocabulário death metal mais genérico, tornando-se por isso menos estimulantes.

[6/10] ERNESTO MARTINS

THE VICE

«Dead Canary Run»

(Noble Demon)

Benditos sejam os leads de guitarra que afloram por todo o disco, aparecendo sobre a forma de gancho, cravando-nos à escuta de cada canção, atentos. Bendita seja a consistência essencial do baixo, pela base viciante criada. Bendito piano, secundado por uma guitarra acústica, pelo alargar de horizontes e quebra na dinâmica ao quarto tema “Lit De Parade”.

O trio sueco de católico nada tem, mas os aspectos descritos atrás fazem-me dar graças por poder escutar um disco assim. É certo que não abriram nenhuma caixa de pandora musical, nem estão a inventar a roda, mas a junção de diferentes influências oriundas do black metal, rock’n roll, dark rock, death pop…, está muito bem alinhavada e faz com que os 42 minutos de «Dead Canary Run» sejam interessantes de uma ponta à outra. Ao escutarmos a sequência composta pelos temas “Grant Me Your Peace”, “Lit De Parade” e “Crossing Over”, vejo 3 temas de orientação bem diferente entre eles, mas onde há uma imoressão digital bem definida na musicalidade dos The Vice, que torna já identificável a sua obra.

E isto é sinónimo inequívoco de maturidade e qualidade na composição de canções, onde o growl constante de Rickard (vocalista e guitarrista), é também um elemento de sedução. Este é o terceiro disco do colectivo e avaliar pelo número de seguidores mas redes sociais, têm todo um mundo novo por onde se apresentar. Viciem-se um pouco.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ

VARATRHON

«The Crimson Temple»

(Agonia Records)

O sétimo disco dos gregos Varathron inicia-se com um instrumental épico, que tem aquele estatuto de intro, sem destapar em nada o que está por vir no resto do disco, mas que deixa no ar a sensação de que algo importante acontecerá a seguir. Ponto positivo, esta expectativa não sai defraudada. O segundo tema do disco "Hegemony Of Chaos" põe a nú o quão brutos podem ser, mas é logo de seguida em "Crypts In The Mist" que os Varathron demonstram que os riffs marcantes, por serem fortes, bem elaborados, e a exploração de linhas melódicas, são uma espécie de tesouro helénico, ostentando por estes cinco músicos. Em qualquer uma das dez canções que compõem este trabalho, é notória a dedicação e o esforço em criar peças complexas, dinâmicas e com acentuado relevo. Apesar de o black metal ser a base do colectivo, "Imortalis Regnun Diaboli" pisca o olho de forma bem vincada aos ritmos mais típicos do thrash metal, enquanto por exemplo, em "To The Gods Of Yore", há uma face virada ao doom/dark que se mostra bem iluminada…passo a contradição. Olhando para este «The Crimson Temple», não passa despercebido o trabalho gráfico criado pelo pintor Paolo Girardi, o italiano responsável por capas de discos dos Inquisition ou dos nacionais Filii Nigrantium Infernalium. Depois de tudo isto, os Varathron tiveram ainda a audácia de guardar para o final do disco, aquele que será, talvez, o tema mais marcante deste trabalho. Ponham o disco a rolar e desfrutem da obra como um todo, até que chegarão a "Constellation Of The Archons".

[8.0/10] EMANUEL RORIZ

VIPASSI

«Lightless»

(Season of Mist)

Na tradição budista, Vipassi é um dos antecessores de Siddhartha Gauthama e um nome com raízes etimológicas na palavra 'contemplação', vocábulo que descreve bem o espírito da música deste quarteto que tem como principais mentores Daniel Presland, ex-baterista dos Ne Obliviscaris, e o guitarrista Ben Boyle, colega de Presland nos Black Lava e A Million Dead Birds Laughing. Apostando numa abordagem inteiramente instrumental, «Lightless» apresenta oito faixas de música labiríntica que se desenrola num carrocel de cumes e vales de intensidade, explorando texturas sónicas caleidoscópicas debitadas por vezes em tiradas rápidas e extremas ou em passagens tranquilas de linhas etéreas. É nestas últimas que emergem a cada passo fraseados virtuosos muito interessantes do baixo fretless de Arran McSporran (Virvum) ou autênticos solos de bateria que são um doce para o ouvido. "Labyrinthine hex", "Morningstar" e "Phainesthai" estão cheias de apontamentos cativantes deste género, bem como malhas notáveis da guitarra de Benjamin Baret (Ne Obliviscaris). Embora as erupções de blast-beats sejam frequentes, a sonoridade nunca é crispada, mantendo-se sempre envolta numa aura aveludada e mística proporcionada pelos sintetizadores. Em comparação com «Sunyata», o EP de apresentação lançado em 2016, este primeiro longa duração parece apontar numa direcção mais experimental, pautando-se por uma composição com regras próprias, distintas dos cânones do Metal e de tudo o que é habitual ouvir em projectos instrumentais. Por causa das grandes dinâmicas, fica o aviso de que este é um disco que requer um bom hi-fi para ser ouvido, sob pena de se perder em definição. Depois é só deixar absorver. Demoradamente.

[8/10] ERNESTO MARTINS

WANDERER

«Awakening Force»

(Hellprod Records)

Apesar de ter sido originalmente lançado no ano de 2020, o disco de estreia dos portugueses Wanderer volta a ter destaque ao ser imortalizado no formato de vinil, através de uma edição muito limitada (em números de cópias) da Hellprod Records.

Há 4 anos atrás, os Wanderer mostravam o quanto bebem da fonte de inspiração do heavy metal e do speed metal, ao comporem este «Awakening Force», um disco todo ele intenso, muito caracterizado por riffs e leads de guitarra, que vão surgindo uns atrás dos outros sem pedir licença, assim como alguns refrães que se tornam memoráveis graças às palavras e às melodias que os compõem. A introdução feita com o tema instrumental "Awakening" coloca-nos numa era de estilo fantástico e algo medieval, que parece ser explorada ao longo dos vários temas, e dos quais escolho destacar "Force of Ancient Steel" e "Freedom's Call", como dois grandes exemplos das habilidades dos Wanderer. Nota de destaque, também, para o trabalho gráfico desenvolvido para o disco, que enquadra perfeitamente o ouvinte no ambiente musical criado pelo grupo. Os Wanderer são uma das provas do quão fértil tem sido a cena nacional e transformam esta edição numa real peça de colecção do nosso underground.

[7.0/10] EMANUEL RORIZ

Playlist

Adriano Godinho
Alcest - Alcest
Anciients - Beyond the Reach of the Sun
Blue Öyster Cult - 50th Anniversary Live
Ironmaster - Weapons Of Spiritual Carnage
Inerth - Hybris

Carlos Filipe
Keygen Church - Nel Nome Del Codice
Furor Gallico - Future To Come
“Angmodnes - Rot Of The Soul
The Wizards - The Exit Garden
Far Beyond - The End Of My Road

Cristina Sá
Chapel of Samhain – Black Onyx Cave
Jours Pâles – Dissolution
Mayhem – Grand Declaration of War
Stormcrow – Path to Ascension
Venger – Impaler of Souls and other songs

Eduardo Ramalhadeiro
Bon Jovi - Slippery When Wet
Axel Rudi Pell - Risen Symbol
Mr. Big - Ten
Kissin Dynamite - Back With a Bang
Seventh Wonder - The Great Escape

Emanuel Roriz
Toxikull - Under The Southern Light
Wanderer - Awakening Force
Anthrax - Spreading The disease
Midnight - Hellish Expectations
Queens Of The Stone Age - In Times New Roman...

Ernesto Martins
Paragnosis - Paragnosis
Rush - Hemispheres
Nocturnus AD - Unicursal
The Aristocrats - Tres Caballeros
Februus - Surveillance Orgy

Gabriel Sousa
Winger - Seven
Pretty Maids - Future World
The Cult - Sonic Temple
Bon Jovi - Bon Jovi
Magma Soul - Sacred Fire

Gabriela Teixeira
The Pineapple Thief - It Leads To This
Depeche Mode - Violator
Kristoffer Gildenlow - Empty
New Order - Get Ready
Stoned Jesus - Seven Thunders Roar

Helder Mendes
Esoteric - A Pyrrhic Existence
Paradise Lost - Symbol of Life
Isole - Throne of Void
Cantata Sangui - On Rituals and Correspondence in Constructed Realities
Alternative 4 - The Brink

Ivo Broncas
Testament - Brotherhood of the Snake
Lamb of god - Sacrament
Hatebreed - The Concrete Professional
Devildriver - The last kind words

João Paulo Madaleno
The Vision Bleak - Weird Tales
Karnak Seti - Restos
Thy Shining Curse - Theurgia
Rotting Christ - Pro Xristoy (Προ Χριστού)
Dödsrit - Nocturnal Will

Dupla ambição

... mais de quatro décadas depois os Rage ainda se conseguem reinventar (outra e mais uma vez...). Se no álbum anterior houve o facto de a banda não tocar em quarteto há mais de vinte anos, «Afterlifelines» é o primeiro álbum duplo da banda e, representa o melhor dos dois mundos: Metal e Sinfonia.

Entrevista: Eduardo Ramalhadeiro| Fotos: Oliver Bob

Olá Peavey ou devo chamar-te... Jake Jenkins?! (MUAHAHAH), obrigado, mais uma vez, por responderes às nossas perguntas
Peavey: É sempre uma pressão para mim (risos)...

Vou começar esta entrevista de uma forma diferente porque... pus o "Trapped!" no leitor de CD e agora não consigo parar de ouvir. Sendo assim... estávamos em 92, o que é que recordas desses tempos, das gravações, das digressões... (eram dias diferentes)?
As gravações foram bastante interessantes, pois fizemo-las em estúdios e países diferentes. O básico fizemos em Praga, as guitarras e outras coisas em Berlim, as vozes e a mistura em Tampa, FL. Há muitas boas recordações sobre isso. Depois andámos em digressão pela Europa e tivemos os Exciter connosco, uns tipos muito simpáticos, mais tarde partimos para o Japão, onde fomos recebidos como um grupo de adolescentes, muito estranho e super excitante...

De 92 a 24 anos, o que mudou na tua forma de ver, sentir e fazer música?
Para mim, pessoalmente, não é assim tão diferente na forma como componho, mas é claro que o trabalho de estúdio é muito diferente hoje em dia, devido ao facto de na altura ser tudo analógico, hoje é tudo digital e muito mais fácil e rápido...

Continuas a pensar que, como escreveste em "Medecine", "The right medicine is going back to our roots" ("o melhor reméido é voltarmos às nossas raízes")?
Foram umas palavras sábias de um velho chefe índio, que encontrei num livro na altura. Mas continuam a fazer muito sentido.

"Fast as a shark" é uma versão do caraças! Lembras-te porque é que a escolheste?
Esta música influenciou-me muito e à banda no nosso desenvolvimento como músicos. Foi um grande prazer interpretá-la à nossa maneira!

Há alguns anos, Joe Elliot, dos Def Leppard, escreveu: "Se vais fazer uma versão de uma canção, há duas opções: ou a copias exatamente ou a fazes completamente diferente". Concordas?
Sim, isso está bem descrito! Ambas as formas fazem sentido, dependendo do tipo de canção...

> "É uma linha vermelha, que começa onde "Ressurection day" parou. É uma visão distópica fictícia do futuro do próximo século [...]

Hoje, se pudessem fazer algumas covers, que canções escolhiam?
Fizemos algumas versões muito porreiras há uns anos atrás, no cd extra do "The devil strikes again". Eram coisas dos Rush, Y&T, Skid row...

Agora... quase 40 anos depois... "Afterlifelines". Um 2CD, 2LP... é este o vosso lançamento mais ambicioso até à data?
Talvez sim, era meu desejo fazer um álbum duplo pelo menos uma vez na minha carreira. Algumas coincidências (... e sorte) juntaram-se: Depois de «Ressurection day» não pudemos fazer digressões devido à pandemia, por isso juntámos montes de ideias para temas que eram suficientes para um álbum duplo, e mais, quando estávamos a caminho do nosso 40º aniversário, a SPV deu-nos luz verde para fazer este álbum monumental. Ademais, durante esse tempo construímos o nosso próprio estúdio de gravação, por isso tivemos a liberdade de fazer o que quiséssemos, durante o tempo que quiséssemos...

Quase 30 temas, como é que escolheram quais as que teriam arranjos orquestrais?
As ideias exigiram-no ou não, a canção diz-nos o que é...

... ainda ficas nervoso antes de cada lançamento?
Sim, fico.

Uma coisa que não consegui perceber no EPK é o alinhamento. Li que o primeiro CD - "Afterlife" - foi gravado como um trio. Presumo que, em "Lifelines", para além da orquestra... a banda também é composta por ti, pelo Vassilios e pelo J. Borman. É assim?
Sim, claro, foi tudo gravado como um trio: Jean, eu e o Lucky. O Stefan está a fazer uma pausa desde o ano passado devido a problemas pessoais graves, não consegue trabalhar. Quando ele melhorar pode voltar, até lá trabalhamos como um trio. Não vamos adicionar mais ninguém...

> "[...] sim, era meu desejo fazer um álbum duplo pelo menos uma vez na minha carreira

Para ser honesto, a primeira vez que ouvi "Afterlifelines" pensei: "oh bem, mais um álbum 'mais do mesmo' dos Rage". No entanto, depois de algumas audições, caramba... este é um álbum dos Rage do caraças - ambos os CD's.
- Após 40 anos, quais são as vossas principais inspirações e o que vos move a fazer música?
- Estes dois CD's foram produzidos pelos Rage. Também produziu a orquestração?
- Quem fez os arranjos orquestrais?
A criatividade continua a ser a mesma para mim, encontro ideias em todo o lado. Eu e o Jean fazemos uma excelente equipa, produzimos o álbum no nosso próprio estúdio, incluindo as orquestrações, e para isso colaborámos com Marco Grasshoff, excelente nos arranjos e, também, um excelente compositor e pianista, que vive perto de nós. Ele também se juntará a nós em alguns espectáculos ao vivo este ano, onde tocaremos com a "Lingua Mortis Orchestra"...

Em termos de letras, e tanto quanto me lembro, sempre foste muito ativo no que diz respeito a temas como humanidade, relações, vida, terra, etc... Lembro-me, por exemplo, de "Enough is enough" de "Trapped!". Este lançamento não é exceção. Há algum conceito por detrás das letras?
É uma linha vermelha, que começa onde "Ressurection day" parou. É uma visão distópica fictícia do futuro do próximo século, se tudo continuar como está a acontecer agora... Somos desafiados a encontrar novas soluções...

Pelo que consegui perceber das letras, há uma que me prendeu a atenção: "Dying to Live".. Parece-me que esta é uma letra muito pessoal. É mesmo assim?
É uma canção contra a guerra, imaginei como deve ser para aqueles que são sugados para um inferno desses, o aspeto pessoal é certamente o facto de termos amigos em países que estão em guerra neste momento...

A capa está relacionada com as letras ou com o conceito do álbum? Quem a fez?
A capa foi feita por Karim König e reflecte os tópicos da música, com certeza...

Falando um pouco sobre os vossos projectos paralelos:
Os Refuge nasceram como um projeto paralelo, com um álbum, mas agora o Chris e o Manni já não fazem parte dele, é assim?
Há alguma possibilidade de um segundo álbum?
Claro que o Manni e o Chris fazem parte dos Refuge, quem mais? Nós apenas fizemos uma pausa na pequena banda de diversão, já que estou muito ocupado com o Rage. Vamos tocar algumas músicas juntos em alguns dos festivais dos Rage este verão. De momento, não temos planos para um novo álbum...

Juntamente com Chris e Manni, Mike Terrana e Victor Smolski fizeram parte da outra formação notável dos Rage.
... tens intenção de fazer uma espécie de reunião com Mike Terrana e Victor Smolsky?
Não, não tenho necessidade disso. O que eu sei: O Mike é muito feliz e bem-sucedido como estrela do Youtube, já agora...

Na Wikipedia vocês são considerados "The Big Four" do Power Metal, ao lado de Helloween, Grave Digger e Running Wild. Concordas com isso?
Isso seria uma honra para mim! Obrigado por isso.

Depois de terem tocado no Milagre Metaleiro há alguns anos, há algum plano para tocar em Portugal como cabeça de cartaz?
Acho que há alguns concertos marcados para o outono deste ano, incluindo Portugal...

Obrigado pelo teu tempo a responder às minhas perguntas e espero ver-vos novamente em Portugal.
Sim, obrigado a ti também e muito obrigado a todos os Fãs pelo vosso grande apoio!

METAL´S ALLIANCE
APRESENTA:

40 YEARS IN RAGE

1984 - WORLD TOUR - 2024

OXIDO

Dolmen gate

10 DE OUTUBRO RCA - LISBOA

ABERTURA DE PORTAS 19H30 INICIO 20H

carbono amadora · LOUD! · HUESO · METAL'S ALLIANCE MANAGEMENT · METAL IMPERIUM · LUNA CRESCENS · unkind · LETS GO · NELSON CARMO TATTOO

ÁLBUM VERSUS

WHOM GODS DESTROY
«Insanium»
(InsideOut Music)

Derek Sherinian, Ron "Bumblefoot" Thal, Dino Jelusick, Yas Nomura, Bruno Valverde. Destes 5 nomes apenas reconheci Derek Sherinian (não se pode conhecer tudo), dada a sua passagem pelos Dream Theater. Quanto ao resto do gangue, caso se mantenham unidos por mais um par de álbuns, então, dificilmente ficarão parcialmente incógnitos no mundo da música progressiva e se calhar mais além. E porquê? Porque bastou ouvir os primeiros segundos deste álbum «Insanium» para me questionar quem é que seria suficientemente louco para arriscar entrar em concorrência com os Dream Theater, tal a colagem inicial do ponto de vista de estilo. E depois foi ouvir o álbum até ao fim sem pestanejar. E é um álbum que pede múltiplas audições. Porque estruturalmente é uma viagem em que cada um dos temas nos transporta até ao tema seguinte sem cair numa estratégia de "tema forte" que arraste o resto das composições. A consistência é portanto característica chave levando a que o todo seja superior à soma das partes. Também na componente estética ficam bem vincadas as ideias chave do que deve ser um bom disco de rock/metal progressivo. Simultaneamente, «Insanium» consegue distanciar-se q.b. dos trilhos específicos seguidos pelos Dream Theater. Estes Whom Gods Destroy não estarão ao mesmo nível técnico que os reis do metal progressivo, mas a distância não é muito grande. Uma das grandes diferenças é nas vocalizações onde o croata Dino Jelusick é diametralmente oposto a James LaBrie (voz muito mais encorpada e à vontade nos tons graves). Predominam ainda as guitarras/baixo em modo downtuned acrescentando mais uns quilogramas ao peso global. Em suma, é um álbum que tem de ser escutado por quem é adepto dos sons progressivos, mas o repto fica lançado a todos aqueles que gostem, apenas e tão só, de boa música.

[9.5/10] SERGIO TEIXEIRA

MMOA

MILAGRE METALEIRO OPEN AIR

24TH AUGUST 2024

XV OPEN AIR

PINDELO DOS MILAGRES

PINDELO DOS MILAGRES
S. PEDRO DO SUL - PORTUGAL

INFO & TICKET
MILAGREMETALEIRO

THE VISION BLEAK

Markus Stock (aka Schwadorf) recebeu a Versus no estúdio de sua casa (online, é claro!) para conversarmos sobre o último álbum de The Vision Bleak – uma obra tenebrosa, mas fascinante dedicada à literatura de horror do século passado e até a alguns autores do século XIX. Do exotismo de um álbum – que só tem uma faixa – à dureza do trabalho num estúdio musical, foram vários os temas abordados que revelaram o calor humano que se oculta por trás das trevas do Metal.

Entrevista: CSA / **Fotos**: Lukasz Jaszak

Saudações! Entrevistei The Vision Bleak em 2010 sobre «Set Sail to Mystery», que adorei. Entretanto, já lançaram dois álbuns [«Witching Hour», em 2013, e «The Unknown», em 2016]. E agora temos «Weird Tales», que vai ser lançado a 12 de abril. O que andaram a fazer durante estes quase 8 anos? (Certamente, muitas coisas interessantes.)

Schwadorf – Realmente, temos andado a fazer muitas coisas. Mas também é verdade que já se passaram 8 anos desde que lançámos o último álbum. Temos muitos outros projetos. Eu compus e lancei dois álbuns com Sons of Sleepness, a minha banda de Black Metal, e também um álbum com a minha outra banda chamada Empyrium. Assim, mesmo que te pareça que estamos muito parados, foi porque estivemos a trabalhar nos nossos outros projetos musicais. Também tenho andado muito ocupado no meu estúdio profissional a produzir outras bandas, logo o meu horário é sempre muito apertado. Por exemplo, hoje estive no meu estúdio a fazer gravações com uma banda. Geralmente, quando gravo/produzo outras bandas fico muito cansado. As pessoas pensam que o trabalho de estúdio é só paródia, que não se pode considerar como trabalho, mas, na realidade, é muito, muito cansativo. Portanto, quando chego a casa depois de um dia assim no estúdio, estou completamente exausto. Pelo menos, não consigo escrever a minha própria música. Por conseguinte, preciso dos momentos que passo longe do meu estúdio para ser capaz de criar a minha própria música. Esses

momentos são muito importantes para mim. Compor um álbum exige talento e uma quantidade incrível de trabalho. Cada vez que acabo um prometo a mim próprio que vai ser o último, porque me custa uma montanha de trabalho. Mas depois volto a fazer o mesmo!!!

Como vives a experiência de produzir os álbuns da tua própria banda no teu próprio estúdio?

É muito menos cansativo para mim trabalhar na minha própria música. É mais relaxante do que trabalhar na música de outras pessoas, porque, no que diz respeito à minha música, eu sei exatamente o que quero. Com outras bandas, precisas de comunicar muito. Quando estou a trabalhar com o Tobias e o Thomas [de Empyrium], não há muito conversa, nem discussão, porque somos amigos e nos conhecemos muito bem. Corre como um ribeiro. Por isso, gosto mesmo de trabalhar na minha música no estúdio. Sei tão bem como quero que soe! A visão é tão clara! Por vezes, trabalho com bandas com cinco elementos e cada um quer uma coisa diferente, portanto tenho de servir de mediador. Com o meu material, fazer o trabalho é muito mais fácil.

É algo fácil de perceber. Já trabalhas com o outro membro de TVB há muito tempo, não é verdade?
Trabalho com o Tobias desde 2000. Lançámos o nosso primeiro álbum em 2004, mas já fazíamos música juntos desde o fim dos anos 90. Isto significa que estamos juntos nisto há mais de 25 anos.

Quem fez o quê neste álbum? Fizeram tudo juntos?
Neste álbum, eu escrevi toda a música e também todas as letras. O Tobias entrou mais tarde, quando a música estava toda pronta, mas não a voz. O contributo dele consistiu em trabalhar comigo as linhas de voz. Desta vez, compus toda a música sozinho, porque este álbum é especial. Pareceu-me que devia ser feito por uma só pessoa, porque é constituído por uma só faixa. No passado, quando os nossos álbuns tinham várias faixas, o Tobias fazia uma canção. Mas esta necessitava mesmo desta abordagem: uma só pessoa responsável por tudo.

E por que razão decidiste que este álbum teria apenas uma longa faixa?
Basicamente, há já algum tempo

que eu queria escrever um álbum que tivesse só uma canção, mas acabei sempre por adiar a ideia. Depois do último álbum, ficou claro para mim que tinha chegado a altura de o fazer. Quando comecei a escrever a música para este novo álbum, não tinha em mente a ideia de escrever uma só canção longa, mas, enquanto estava a escrever e verifiquei que já tinha uma canção com 10 minutos, decidi que ia fazer isso. Pareceu-me muito mais natural escrever música assim do que compor várias canções. Não eram canções, mas sim temas e estavam a precisar de ser aglomerados numa só canção. Como vês, a ideia já era muito velha, mas nunca tínhamos adotado esta perspetiva em nenhum álbum. Mas, desta vez, senti que tinha de o fazer mesmo. Há uma banda antiga que me inspirou a fazer isto. É uma banda eslovena. Não eram muito famosos, mas fizeram álbuns incríveis no início dos anos 90 e tinham sempre uma só canção por álbum. Quando formos tocar em festivais, como não podemos tocar o álbum todo, decidimos tocar alguns excertos. Mas, no outono, vamos fazer uma digressão, em que vamos tocar o álbum todo, depois virá outra banda tocar e a seguir voltamos nós a tocar uma set list composta de material antigo. Esses concertos vão exigir um público especial. Mas espero que as pessoas gostem da ideia. Sei que não vai ser fácil. Pensei nisso, quando estava a escrever o álbum. Hoje em dia, as pessoas – sobretudo as mais novas – têm uma capacidade de atenção muito reduzida. Sempre gostei de ouvir álbuns inteiros, não fragmentos ou uma canção. Gosto de pôr um vinil ou um CD e ouvir atentamente o que o artista fez para mim. Às vezes, vou ao YouTube e fico lá a "desenterrar" canções isoladas. Quando chego a casa cansado de um dia longo no estúdio, não consigo ouvir música nenhuma. Portanto, quando tenho tempo para ouvir música, ouço um álbum

> "Compor um álbum exige talento e uma quantidade incrível de trabalho. Cada vez que acabo um prometo a mim próprio que vai ser o último, porque me custa uma montanha de trabalho. Mas depois volto a fazer o mesmo!!!

inteiro para usufruir dele.

O título do álbum é muito interessante para mim, uma vez que se refere a uma famosa revista americana de pulp fiction dedicada a contos de horror. Como encontraste a ideia central para este álbum?
TVB teve sempre uma relação privilegiada com a literatura de horror. Quando estava de férias, li um conto da autoria de Lafcadio Hearn que adorei e comecei logo a matutar na ideia de ter uma coleção de contos reunidos numa só peça como esta revista antiga chamada "Weird Tales". Gosto muito destas coletâneas de contos: vais lendo o livro e vais ficando a conhecer histórias diferentes, autores diferentes, mas continua a ser um só livro para ler. E eu queria associar exatamente esse tipo de sentimento ao nosso álbum: podes sentar-te e ficar a ouvi-lo e a conhecer as histórias que constituem uma unidade. E foi esta a ideia de base que deu origem ao conceito subjacente ao álbum. Além disso, a "Weird Tales" apresentava autores como Lovecraft. As primeiras histórias que eles escreveram foram publicadas em revistas desse género e eram vistas como literatura underground. Portanto, esses autores eram vistos como inferiores. Em TVB, também nos vemos como artistas underground. Não somos uma banda pura: não somos uma banda de Death Metal, nem uma banda de Goth Metal, somos qualquer coisa entre os dois. Também não me vejo como uma pessoa muito sociável. Tenho o meu pequeno reino, o meu estúdio, a minha banda e este é o nicho onde vivo. Por isso, sinto uma grande ligação entre mim e esses autores que escreviam na "Weird Tales". Eram uma espécie de párias da sociedade do seu tempo. Por exemplo, ao que parece Clark Ashton Smith passou toda a sua vida numa casa pequena na floresta. Era um autodidata. Aprendeu tudo sozinho: Francês, por exemplo. Nunca frequentou a universidade, fazia tudo sozinho, isolado. Isso fascina-me verdadeiramente. Portanto, esses autores produziram uma espécie de literatura "barata", mas que resistiu muito bem ao tempo! No seu tempo, eram escritores underground.

O artwork de Lukasz Jaszak é soberbo como sempre. Penso que ele passou um momento difícil a tentar encontrar uma imagem capaz de representar a essência de um álbum que é feito de tantas coisas. Como decorreu esse processo?
Conheço o Lukasz desde 1995 ou perto disso. Era um artista underground. Também fez as capas para os outros álbuns de TVB. Falámos muito sobre este álbum e ficou decidido que a ilustração da capa tinha de estar centrada no conto que me inspirou para criar este álbum e o tema "Once I Was a Flower", que fala de uma mulher que pôs uma flor no cabelo e depois morreu e levou-a para a sepultura com ela. Fizemos muitas tentativas até chegarmos à capa definitiva... acho que fizemos pelo menos quinze versões da capa. Acabámos por optar por algo muito simples, mas penso que a ilustração é mesmo bonita – no verdadeiro sentido da palavra. Apesar de parecer muito simples, deu muito trabalho a fazer! Acho que ele trabalha a partir de um esboço, que depois põe no computador para o aperfeiçoar. É bom, porque podes juntar todos os elementos e trabalhá-los. Podes estar sempre a alterar coisas, o que é bom, mas também pode ser mau. Ao procurar a perfeição absoluta, podes destruir o teu trabalho sem te aperceberes disso. Vejo isso com as bandas com quem trabalho. Há pessoas que nunca aprendem a pôr fim às coisas. Estão sempre a adiar esse momento e quanto mais perto estás de acabar o álbum, mais alterações querem fazer. Eu vou dizendo que é preciso terminar, mas eles continuam a fazer mudanças. Sinto-me muito feliz por ter gravado os meus primeiros álbuns em tempos em que, quando ias para o estúdio, o álbum tinha de estar pronto. Não podias voltar atrás. Tinhas de avançar para a mistura. E assim é que estava bem! É claro que a técnicas atuais produzem obras quase imaculadas. Mas eu sinto que os pequenos defeitos, até os erros das gravações antigas fazem parte do seu charme.

> "Pareceu-me muito mais natural escrever música assim do que compor várias canções. Não eram canções, mas sim temas e estavam a precisar de ser aglomerados numa só canção.

Sim! Por exemplo, eu adoro os álbuns antigos de Darkthrone, porque a produção é muito, muito "suja"!
Também adoro Darkthrone! Penso que a cena Black Metal norueguesa deve a sua supremacia ao facto de se concentrar mais na atmosfera, na emoção do que na perfeição musical.

O que podemos encontrar no livro de capa dura com 36 páginas que acompanha uma das versões do álbum em CD?
É claro que, nesse livro, há mais fotos e ilustrações. Mas eu também escrevi notas para cada um dos capítulos do álbum. Para cada canção, escrevi um texto sobre a forma como me inspirei para a criar, o conto que lhe deu origem, alguma informação sobre o autor. Deu-me muito trabalho! No Natal, estava eu sentado no meu escritório a escrever esses textos. Na minha opinião, o livro destina-se especialmente a pessoas que se interessam pelo background do

conceito, pela literatura em que nos inspirámos para fazer este álbum. Por conseguinte, é mesmo um livro, com muitas palavras! Haha! Também gosto muito disso. Quando era novo, gostava de me sentar a ouvir um álbum, enquanto lia as letras das canções e observava a capa. É algo que me distrai muito!

Por que convidaram a Aline Deinert para tocar violino e viola de arco no álbum?
Na minha opinião, dá uma nova dimensão ao álbum. Gravámos solos, mas também partes em que usámos instrumentos de cordas. Costumamos usar cordas sintetizadas ou samples. Mas, quando em cima disso podemos gravar verdadeiro violino ou verdadeira viola de arco, o som torna-se muito mais orgânico. Além disso, no álbum, havia partes em que deixámos espaços para esses instrumentos! Aline já tinha tocado muitas vezes com TVB, sobe ao palco connosco. Também há canções no álbum que não têm violino ou viola de arco, mas juntámos linhas para ela, por exemplo, para substituir os teclados. Além disso, a última parte do álbum inspira-se muito em bandas como Paradise Lost e My Dying Bride e eles usam sempre o violino (pelo menos, My Dying Bride). Era quase obrigatório fazê-lo.

É uma espécie de cruzamento com a música clássica!
Gostamos do lado orgânico do som, gostamos de usar instrumentos acústicos: viola de arco, violino, violoncelo, a voz humana... Gosto da guitarra elétrica, que também é um instrumento muito orgânico, mas o violino e a viola de arco têm um som quente, quase humano.
A Aline vai estar convosco no palco?
Já conhecemos a Aline há muito tempo: também está em Empyrium e toca muito bem. Mas este ano provavelmente não vai poder participar em concertos durante algum tempo por razões do foro privado. Portanto, tivemos de arranjar alguém para a substituir em alguns concertos.

Então vão fazer concertos?
Sim! Vamos fazer alguns, na primavera, e, no outono, faremos uma pequena digressão. Vamos tocar na Alemanha, é claro, na Áustria, na Suíça, na Polónia, na Bélgica. Também fomos convidados para fazer um concerto em Portugal, mas, infelizmente, não vamos poder aceitar esse convite. Íamos tocar no Under the Doom Festival. Há muito tempo que queremos participar nesse festival, mas sempre que nos convidam surge um problema. Espero que possamos participar nesse festival em breve. Estivemos lá – em 2016, acho eu – e gostámos muito do local. Estávamos em digressão com Peter Tagtgren e Pain. É um espaço pequeno, mas muito carismático. Espero que nos convidem outra vez no próximo ano e que desta vez possamos ir.

Conheces algumas bandas portuguesas?
Conheço a mais óbvia: Moonspell. Já era fã deles quando lançaram «Under the Moonspell» (EP – 1994). E continuo a seguir a sua carreira. São uma grande banda. Mas, quando se pensa em Portugal, são a banda óbvia.

Uma última pergunta: o que pensam os teus filhos da tua música? Gostam dela?
Penso que gostam mesmo dela. O meu filho gosta de Metal em geral. A primeira banda que lhe chamou a atenção foi Iron Maiden. Também gosta de Ghost. Está mais interessado em grandes bandas, monstros, etc. Não está muito interessado em material underground. Mas penso que gostam mesmo desta música. Já foram a dois concertos meus. É um bocado estranho saberes que os teus filhos estão no meio do público! Eles gostaram! Para eles, é muito divertido ver-me no palco. Sentem que não se trata do mesmo gajo que come com eles à mesa... Fico muito feliz por eles se interessarem pela minha música. Tanto eu como o Tobias temos dois filhos e isso é fantástico. Além disso, quando és um adulto, também aprendes com os miúdos, compreendes que tens de ser mais flexível, ficas mais aberto ao mundo. Quando

estás a crescer, o mundo é como uma folha de papel em branco, em que tu podes começar a escrever. Quanto mais velho ficas, mais escreveste na tua folha. Tenho três irmãos mais velhos do que eu. Comecei a interessar-me muito cedo pelo Metal. Quando tinha 8 anos, descobri «The Number of the Beast», ouvi o álbum e fiquei absolutamente fascinado. A partir daí, fiquei completamente obcecado por Metal. Os meus irmãos diziam-me constantemente que, quando eu tivesse 15 anos, já não ia querer ouvir aquela merda! Quando cheguei aos 15, seria aos 20... e por aí adiante. É óbvio que eu nunca cresci!!! Haha! Um dos meus irmãos também é metaleiro, mas gosta igualmente de outros estilos musicais. Tenho 45 anos e ouço Metal desde 1986 ou 87 e tenho a "carreira" típica de um metaleiro: Maiden, depois Dio, Warlock da Alemanha (adoro o álbum «Triumph and Agony»), a seguir Metallica, Testament, Slayer, Sepultura, Morbid Angel, Darkthrone... sempre a subir!

Gostarias de dizer algo mais?
Obrigado pela entrevista e pelo teu interesse pela nossa música. Espero que TVB volte em breve a Portugal.

THE VISION BLEAK

«Weird Tales»
(Prophecy Productions)
O lugar do duo Konstanz e Schwadorf no que toca ao gothic/horror metal já é por todos reconhecido. Desde que os The Vision Bleak surgiram há 20 anos com o excelente «The Deathship Has a New Captain», a qualidade dos registos vem demonstrando que não há como estes teutónicos para compor boas músicas de tonalidades góticas e tétricas inspiradas por Poe e Lovecraft. «Weird Tales», a novidade para 2024, é um acrescento a esse historial. Iniciando com um instrumental que não estaria deslocado numa película de John Carpenter, "Weird Tales", uma só faixa dividida em 12 capítulos, desfila todas as qualidades dos The Vision Bleak, qualidades essas que podem resumir-se num dos versos do capítulo II "In Rue d'Auseil": "Sounds of evil,/Dreadful power/And of unheard grace". Os The Vision Bleak sempre foram isto: pesados - não são a típica banda gótica bonitinha e soft, como de resto mostra o capítulo V "The Premature Burial" -, mas ao mesmo tempo capazes de criar ambiências que nos remetem para as eras romântica e vitoriana e, ainda, experientes ao ponto de perceberem o que é necessário para cada canção, ou álbum, funcionar. É verdade que, passados estes anos, os The Vision Bleak já não surpreendem como o fizeram por alturas dos dois primeiros discos, mas em boa verdade a consistência deste duo permanece elevada e «Weird Tales» é mais um bom lançamento com a marca destes germânicos.
[8.5/10] HELDER MENDES

CURTAS

AGIMA SUN

«Ultra Fiction»

(Deformeathing Production)

Os polacos Agima Sun estreiam-se com este «Ultra Fiction» no formato de longa-duração. Com recurso ao conceito distópico, contam-nos a história de como num futuro ainda longínquo, máquinas clonam as memórias da raça humana, então desaparecida. Contudo, há uma história de amor a ser contada, que teve lugar no nosso presente, e não neste futuro. A música que criam e o conceito de arte do disco, retratam muito bem este misticismo temporal. Uma sonoridade moderna, supreendente, enigmática, com elementos de metal industrial, post-metal e ambiente cyber. Vale a pena a viagem.

[7,5/10] EMANUEL RORIZ

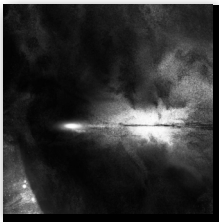
CRUCIAMENTUM

«Obsidian Refractions»

(Profound Lore Records)

Encontrando-se no activo desde 2008, após demos, um split e EP's, os Cruciamentum lançaram na recta final de 2023 o seu segundo longa duração. Neste novo disco, apresentam uma fórmula de death metal, que se encontra muito bem trabalhada. A abordagem é progressiva q.b., com temas complexos, muito completos, nos quais podemos contar com mudanças de intensidade e de velocidade repentinas, do início ao fim. São 6 temas que perfazem 41 minutos de puro tormento, onde por vezes, o som mais grave não permite uma visão muito clara do que aqui se passa. Uma produção mais polida poderia fazer sobressair um maior esplendor, mas talvez o objectivo seja o mergulho nesta sujidade toda. É death metal lamacento.

[7,0/10] EMANUEL RORIZ



DARKSPACE

«Dark Space -II»

(Season of Mist)

Darkspace são provavelmente das bandas de Black Metal menos reconhecidas face ao que produzem em termos de paisagens sonoras, fruto talvez de uso de secção rítmica integralmente eletrónica ao invés de um(a) baterista ou até "excesso" de sintetizadores. Desde que ouvi a reedição (remasterizada) do álbum Darkspace -1 em 2012 que esta banda proveniente da Suíça se mantém no meu radar. Há obviamente quem possa ir no sentido oposto e ache que, enfim, degeneraram. Em todo o caso não é justo deixar passar este Dark Space –II sem dar o devido destaque. Black Metal Atmosférico com uma dose q.b. de Industrial, sujo, mas longe da sonoridade crua dos primórdios do Black Metal. Tudo isto "empacotado" numa única faixa de 47 minutos. Para uma ou mais viagens através do inóspito Cosmos, mas polvilhado de nebulosas, galáxias e maternidades de estrelas.

[9.0/10] SERGIO TEIXEIRA

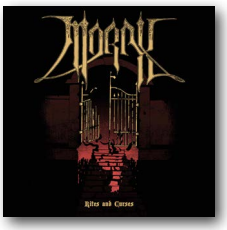
HAND OF KALLIACH

«Corryvreckan»

(Prosthetic Records)

Uma incursão por sonoridades situadas entre o Metal Industrial, o Death Metal e algum Synth Progressivo Melódico resultam neste trabalho que não sendo o precursor de algo de muito novo tem na mistura das várias vertentes (a release note inclusivamente fala em Folk Escocês) uma excelente proposta que tem o seu valor sem dúvida. A primeira banda/projeto que identifiquei como sendo na mesma linha destes Hand of Kalliach foram os Mechina, cujos trabalhos comparam bem com este «Corryvreckan». Não se deixem iludir com as expressões Folk e Synth. Este trabalho é uma proposta bem pesada com guitarras no limite do extremo sem chegar ao patamar do agressivo. Vocalizações guturais sempre acompanhadas por uma suave voz feminina em todos os temas combinam na perfeição. Este casamento entre 2 músicos (literalmente marido e esposa) tem como resultado para já uma descendência auditiva digna de referência.

[8.0/10] SERGIO TEIXEIRA



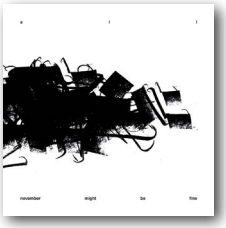
MORAX

«Rites And Curses»

(High Roller Records)

É uma espécie de golpe de magia negra, percebermos que estes poucos mais de 21 minutos de música foram inteiramente compostos e registados por um único músico. Ele é o norueguês Remi Andre Nygård, e de momento ainda será mais conhecido pelo trabalho feito com a banda de thrash metal Inculter. Neste mini álbum e trabalho de estreia de Morax, ele explora a sua paixão pelo heavy metal de natureza mais obscura, admitindo o próprio, que nomes como Mercyful Nate ou In Solitude são sinceras influências. Os cinco temas que podemos ouvir nesta estreia, de tão bem estruturados que estão, deixam água na boca e refrões a ecoar na cabeça. Ouçam “Face The Reaper” ou “Be My Guillotine”, e imaginem como seria estar já numa das filas da frente num espetáculo “dos” Morax.

[8.0/10] EMANUEL RORIZ

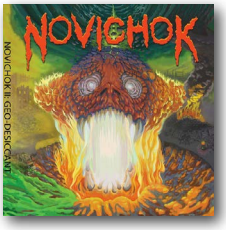


NOVEMBER MIGHT BE FINE

«All»

(Edição de autor)É uma espécie de golpe de magia negra, percebermos que estes poucos mais de 21 minutos de música foram inteiramente compostos e registados por um único músico. Ele é o norueguês Remi Andre Nygård, e de momento ainda será mais conhecido pelo trabalho feito com a banda de thrash metal Inculter. Neste mini álbum e trabalho de estreia de Morax, ele explora a sua paixão pelo heavy metal de natureza mais obscura, admitindo o próprio, que nomes como Mercyful Nate ou In Solitude são sinceras influências. Os cinco temas que podemos ouvir nesta estreia, de tão bem estruturados que estão, deixam água na boca e refrões a ecoar na cabeça. Ouçam “Face The Reaper” ou “Be My Guillotine”, e imaginem como seria estar já numa das filas da frente num espetáculo “dos” Morax.

[8/10] EMANUEL RORIZ



NOVICHOK

«Geo-Desiccant»

(Independente)

Banda de Thrash Metal com raízes no Canadá, começa por chamar a atenção pelo próprio nome. Optando por serem independentes de editora, acabam por entrar em terreno escorregadio. É o que permite em geral a qualquer banda fazer o que dá na real gana, porém gera-se o risco de falhar a entrada no mercado. Neste caso, aparentemente, a banda consegue ir na direção desse equilíbrio. Em 2022 já tinham lançado este álbum «Geo-Desiccant» mas acabam por promovê-lo agora mais uma vez no início de 2024. Seguem um pouco as pisadas de bandas como Megadeth ou Slayer, com riffs poderosos e uma acutilância vocal em tom de protesto e intervenção, à luz da inconformidade do conteúdo lírico que está longe do neutro. Vale a pena dar uma espreitadela.

[8.0/10] SERGIO TEIXEIRA

ZACK SABBATH

«Doomed Forever Forever Doomed»

(Magnetic Eye Records)

Com data de edição marcada para 1 de Março, o mais do que consagrado guitarrista Zakk Wilde premeia os fãs dos míticos Black Sabbath com uma nova gravação dos álbuns «Paranoid» e «Master of Reality». Com uns toques evidentes de produção atual e algumas alterações de tempos/métrica e detalhes em alguns solos, este é um trabalho que deverá ter alguma atenção. Zakk Wilde, para além do trabalho integral de guitarra, é ainda encarregado das vocalizações onde por vezes nos desafia a conseguir distinguir de Ozzi Osbourne. É um trabalho que ao começar com “War Pigs” e “Paranoid” fica difícil parar de ouvir. Para os fãs de Black Sabbath é óbvio o ponto de interesse, para quem nunca teve a oportunidade de tropeçar no trabalho dos míticos pioneiros do Heavy Metal da década de 1970, têm aqui uma excelente e quase obrigatória oportunidade.

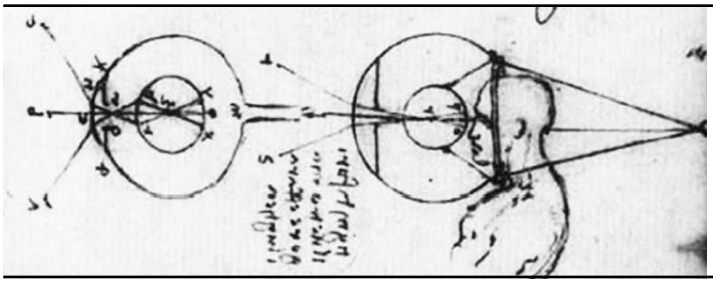
[8.0/10] SERGIO TEIXEIRA

14 FEV. 2025

CINETEATRO CAPITÓLIO

AIRBOURNEROCK.COM

WWW.PRIMEARTISTS.EU | FB.COM/PRIMEARTISTSPT | INSTAGRAM.COM/PRIMEARTISTSPT



The girl with the kaleidoscope eyes

Por: Gabriela Teixeira - mixcloud.com/Submundo

Um disco - Uma porta para uma fantasia

Há duas coisas que eu adoro comprar em segunda mão: roupa e cds. As roupas, após uma lavagem, passam a ser minhas; e os cds, mal os coloco na estante, fazem de imediato parte da minha mui humilde colecção. Isto acontece impreterivelmente com todos os discos que tenho vindo a comprar, à excepção de um único.

Estavámos algures nos inícios dos anos 2000 quando fui estudar para o porto e descobri um paraíso chamado Piranha, repleto de discos de bandas que eu ainda desconhecia, mas já estava a aprender a gostar. Numa das minhas idas à loja trouxe comigo um disco, em segunda mão, pois claro, de uma banda que me tinham falado, uns tais de Lacrimosa que viriam a ganhar uma importância e simbolismo muito fortes na minha vida. O disco em questão é «Angst», o primeiro do génio Tilo Wolff, aqui ainda como membro único do projecto.
Eu era uma miúda de 19 ou 20 anos que vinha do hard rock e do heavy/thrash metal, portanto podem entender que foi um choque quando ouvi um álbum maquinal muito orientado para o piano, bastante obscuro e dominado pelo dramatismo daquela voz masculina a cantar em alemão - uma língua que pouco dominava. O facto é que adorei e hoje conto com uns 5 discos da banda cá em casa. Posso dizer até que a minha vontade de aflorar algum do universo gótico, visto ser tão amplo, adveio do gosto que adquiri por Lacrimosa.

Mas a particularidade deste disco não assenta na sua música, na estética do seu booklet, na poesia de Tilo...nada disso! É algo mais mundano, mas que me levou a conjecturar diferentes cenários. Pois bem, este cd, quando o comprei, estava impregnado de um cheiro tal a tabaco que perdurou anos! Não estou a exagerar! Eu não fumava, ninguém em minha casa fumava, portanto aquele objecto trouxe uma estranheza ao meu mundo.
De todas as vezes que eu tirava o disco da estante, questionava-me o motivo deste cheiro tão presente e, enquanto o ouvia, imaginava que este objecto que agora estava nas minhas mãos, havia pertencido a um homem que vivia sozinho e que todas as noites ouvia música numa cave mal iluminada, com paredes pintadas de roxo, fumando cigarro atrás de cigarro, defumando assim toda a sua colecção de discos. Imaginei-o vestido de preto, a viver uma existência nocturna, à qual só a música dava significado. Outras vezes havia em mim a certeza que este objecto estava empestado por ter pertencido à colecção de algum clube ou do DJ de algum clube. Esta era, tenho consciência, a opção mais lógica, só que vive em mim uma romântica do caraças e portanto, aludindo ao grande João César Monteiro, eu quero que a lógica se... esvaia!

A verdade é que o cheiro a tabaco terá perdurado seguramente uma década até desaparecer por completo, mas nunca desapareceu de mim, a vontade de esta cópia do «Angst» ter pertencido a um tipo soturno e solitário que eu deveras gostaria ter conhecido e com quem, de certeza, haveria apreciado umas longas conversas em torno de música e literatura. Ele, fumando os seus cigarros e eu, bebendo os meus chás. Ainda hoje, passadas mais de duas décadas, perdura em mim esta fantasia em torno do mesmo disco que pertenceu a duas pessoas que nunca tiveram a oportunidade de se conhecer... E, se me perguntarem qual o motivo que terá levado este misterioso homem a desfazer-se do disco que tenho agora em minha posse, a minha resposta só pode ser uma - este foi o disco que ele lhe ofereceu no dia em que ela aceitou ser sua namorada e que ela deixou para trás no dia em que saiu em definitivo da sua vida....

Nunca antes, nem depois de ter adquirido «Angst», voltei a encontrar outro disco com qualquer pormenor que me fizesse mergulhar nos meandros da imaginação.

Lukasz Jaszak

Um homem tranquilo

Lutou muito para chegar onde está e sente-se plenamente satisfeito com o seu destino. A partir da publicação de um obscuro fanzine na sua língua materna chegou ao contacto com "bandas consagradas" do universo underground do Metal! É esta a história que Lukasz Jaszak – o autor das capas dos álbuns de The Vision Bleak – tinha para contar à Versus Magazine.

Entrevista: CSA
Fotos: Lukasz Jaszak

Como te inspiras para fazer as capas para TVB? Que técnicas usas?
Não há magia. Baseio-me nas imagens que o meu cérebro me traz. Por vezes, não me mostra nada, mas, ao fim de algum tempo, acaba por disparar. No caso de TVB, normalmente é o Markus que me apresenta uma ideia precisa relativa ao que quer ver na capa do álbum. A maior parte das vezes, usamos gravuras antigas ou uma ilustração de um livro que o Markus encontrou introduzindo pequenas alterações. «Set Sail to Mystery» constitui exceção: nesse usei uma foto da banda, que alterei no Photoshop. Gostei de rever esses trabalhos, quando recentemente estive a preparar as edições em vinil. Assim, tive a oportunidade de retocar ligeiramente a capa e o layout do álbum intitulado «Carpathia», porque não gostava muito do

capas são as minhas favoritas dentre todas as ilustrações que vi no teu portefólio online. Como começou esta colaboração?
Lukasz – Eu e o Markus Stock (aka Schwadorf) já somos amigos há muito tempo. Conhecemo-nos quando Empyrium lançou a sua primeira demo. Nessa altura, eu tinha o meu fanzine aqui na Polónia e fazia o que era habitual: escrevi ao Markus a pedir uma cópia da demo para escrever uma crítica. Ele enviou-me a cópia e eu lembro-me de ele ter ficado muito bem impressionado por eu lhe ter enviado uma cópia do fanzine com a crítica. Tenho a certeza

fazem. Haha! Desde essa altura temos mantido o contacto. Fiquei a conhecer a Prophecy Productions devido ao facto de Empyrium ter contrato assinado com essa editora. Comecei a trabalhar com a Prophecy no fim dos anos 90 como designer gráfico e naturalmente acabei por trabalhar com Empyrium e depois com The Vision Bleak. Sempre que nos encontramos e bebemos uma cerveja ou dez, dá-nos para o sentimentalismo e começamos a lembrar-nos de há quanto tempo nos conhecemos e a pensar na idade que temos agora. Haha!

trabalho que tinha feito. Na edição em vinil, ficou bem finalmente.

No que diz respeito a técnicas, depende do que se quer. No caso de TVB, usei aquele efeito de "papel antigo" até ficarmos fartos dele e o pormos de parte, o que aconteceu recentemente. Geralmente, usava o Photoshop, fotografias e texturas. Partimos quase sempre de fotos antigas, mapas vetustos, ilustrações…

A capa de «Weird Tales» – o último álbum deles – é diferente das outras. Como criaste a imagem que representa a essência do álbum?
Mais uma vez, tomei como base uma visão do Markus. Ele queria uma imagem representando uma mulher morta a segurar uma flor e com um ar bizarro. Não era para ser assim, mas, depois de inúmeras tentativas e revisões, ficou esta imagem baseada numa velha foto funerária, que eu converti numa imagem mais parecida com uma ilustração para um livro de contos de fadas. O antigo logo de TVB não estava nada adequado a este conceito, por isso decidimos usar uma fonte normal.

Eu apresentei várias propostas e a banda acabou por ficar com um novo logo oficial. Fico contente por ter podido pôr de parte o antigo! Sempre me pareceu um logo de meia tigela, um tanto incompleto! E era muito difícil trabalhar com ele.
«Weird Tales» é um álbum fantástico. É – sem sombra de dúvidas – um produto da arte de TVB. Fico encantado por ver que esta banda conseguiu ter uma sonoridade específica e por me aperceber de quanto evoluíram ao longo de todos estes anos.
No outro dia, estive a ouvir «Deathship…» e dei comigo a pensar: "Uau! Este álbum parece muito fraco comparado com o novo material deles!"

Andei a ver a tua página oficial e reparei que tens estilos gráficos diferentes, que procuras adequar à banda em questão. [Por exemplo, preto com branco, cinza ou manchas de vermelho escuro para Austere; muita cor para Zakk Sabbath; bastante psicadélico – como as capas de Pink Floyd – para o último álbum de Dodheimsgard; etc.]. Como decides que estilo vais usar para cada banda?
Não me parece que eu tenha algum estilo especial. Limito-me a preocupar-me em ir ao encontro dos gostos da banda. Agradam-me bandas que têm uma ideia do que querem ver na capa do seu álbum. O meu trabalho é ajudar os seus membros a concretizar essa ideia. Trabalhar com Austere é sempre pacífico e agradável. Eu e o Mitch (aka Desolate) estamos em sintonia, logo o trabalho corre bem. Há pouco tempo, fiz uma capa para o novo álbum de Germ (a outra banda do Tim de Austere) e o trabalho ficou pronto num só dia, porque ele tinha uma ideia inspiradora para o artwork. Foi divertido fazer a capa para Zakk Sabbath, embora – dentre todas as versões que eu fiz – eles tenham escolhido a mais simples. Mas resultou muito bem, especialmente num produto físico, com a estampagem a quente e o verniz. Mas, geralmente, as capas de que mais gosto são sempre aquelas que fiz para bandas que ninguém conhece. Adoro o estilo cartoony – tipo réplica pobre das capas de Ed Repka – que usei para Condemned A.D., Primal Instinct, Volturyon ou

Cut Up. Também adorei fazer uma capa para Snowgoons, porque são os meus artistas favoritos no género hip hop. Por isso, quando eles me contactaram, eu fiquei nas nuvens! Estou precisamente neste momento a acabar uma capa para eles e está a sair muito bem.

Fiquei muito bem impressionada com o teu portefólio. Tens lá trabalhos para bandas fantásticas!

Para além de TVB, Empyrium e Dødheimsgard, encontrei Green Carnation, Vader, Decapitated… Todos apresentaram sugestões para o teu trabalho?
Sim. E todas essas sugestões foram muito bem-recebidas. Caso contrário, teria de manobrar no escuro e já ninguém tem tempo para isso, atualmente. Haha! A capa de Dødheimsgard é muito diferente de tudo o que eu fiz até agora, sobretudo porque o conceito foi inteiramente idealizado pelo Vicotnik: ele apresentou-me a sua ideia e eu ajudei-o a dar-lhe vida. Não fiz grande coisa para Green Carnation. Acho que só fiz trabalho de layout. Geralmente, eles pedem a outra pessoa para fazer a capa e eu depois ajeito-a. Mas estou agora a lembrar-me de que refiz a capa para «Acoustic Verses». Detestava a capa original, por isso, quando eles me contactaram para fazer o layout para a edição em vinil, eu pedi-lhes para me deixarem refazer a capa. Haha! Acho que nunca fiz nada para Vader a não ser a capa para a biografia deles e algumas fotos do vocalista. Mas há outras bandas fantásticas com quem trabalhei. Geralmente, suscitam desconfiança, porque ninguém as conhece. Mas penso que

vale a pena conhecer o seu trabalho. Volturyon é um monstro de Death Metal. Deaf Rat tem composições tão cativantes que facilmente emulam as maiores bandas de Rock. Se gostas de Dodheimsgard, tens de ouvir Dold Vorde Ens Navn, que tem uma formação inteiramente constituída

Não me lembro de todas, mas penso que o Discogs tem isso registado. Neste preciso momento, estou a preparar quatro edições em vinil para Napalm Death. Nunca ninguém vai saber que eu fiz este trabalho, mas não interessa, eu fico contente na mesma.

a lado nenhum. Ainda me envolvo em alguns projetos, mas nem sequer falo disso. Nunca me ajudou na parte gráfica, antes pelo contrário. Nunca fui capaz de fazer fotos ou arte para os meus próprios projetos, não sei porquê. Talvez fazer as duas coisas representasse demasiado trabalho,

por estrelas: Vicotnik (DHG), Haavard (ex-Ulver), Kai (ex-DHG) e Myrvoll (Ved Buens Ende). Trabalhei com carradas de outras bandas a fazer o layout, enquanto outros criavam as capas. Isso acontece muito. Mas também gosto de fazer esse trabalho. Não preciso de estar na ribalta. Ainda por cima, isso deu-me a oportunidade de trabalhar com Arcturus, Xasthur, Fen, Falkenbach, Thief, Dead, Kirlian Camera, Antimatter, Nachtmystium e outros.

Ao ver o teu perfil na Metallum, descobri que também te dedicas à música. Isso ajuda-te quando estás a tentar fazer arte para uma banda?
Não, não sou um músico. Não acredites no que lês em sites que vão desenterrar "projetos" de há 35 anos atrás com lançamentos com três cópias e assim constroem a tua "discografia". De vez em quando, dedicava-me à música, mas nunca foi uma coisa séria, nem me levou

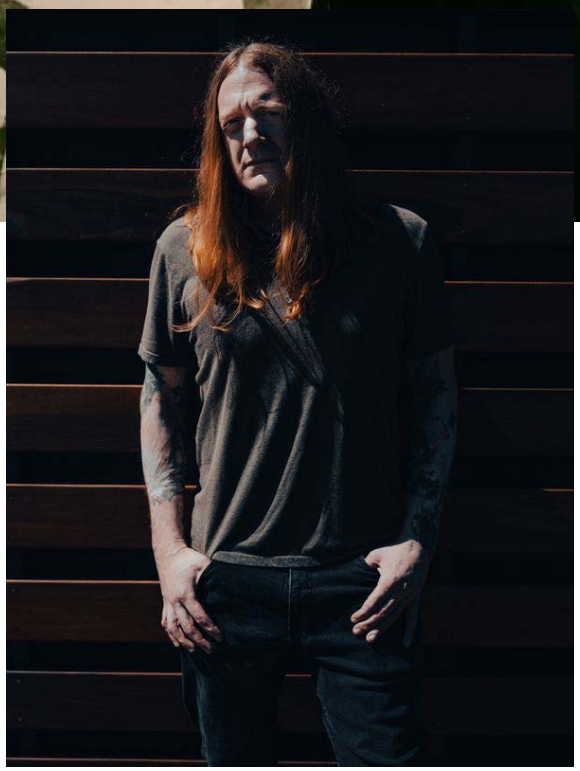
logo, se eu faço a música, terá de ser outro a tratar da arte. Haha!

Também analisei as tuas fotos. São muito inspiradoras. O que fazes para que os teus modelos se sintam descontraídos? [Já entrevistei muitos músicos de Metal e alguns deles declararam que detestavam posar para fotos.]
Não sei se eles se sentem descontraídos. Para dizer a verdade, acredito que muitos deles não se sentem mesmo assim. Não sou uma pessoa muito sociável, pelo que não disponho de grandes estratégias

para os “seduzir”. Haha! Às vezes, falo muito e conto anedotas estúpidas e acabo por pôr toda a gente a rir às gargalhadas, o que não facilita nada o trabalho de tirar fotos, com hás de calcular. Haha! Muitas das pessoas que fotografo são amigos meus, logo é muito fácil fazer o trabalho. É só divertimento. O mesmo acontece com as bandas: geralmente trabalho para pessoas que conheço há muito tempo. É raro eu aceitar fazer sessões fotográficas com estranhos. Não sei se os músicos realmente detestam posar para fotos ou se só têm medo de parecerem bimbos. Haha! Muitos não sabem o que fazer e parecem ter receio do que as pessoas vão pensar quando tentam ser mais criativos durante as sessões fotográficas. Aprecio muito as bandas que têm uma imagem clara de si próprias como Nifelheim, por exemplo.

E como encontras aquela ideia que te vai ajudar a fazer fotos que mostram mesmo como são as bandas?

Gosto de bandas que sabem o que são e isso vê-se nas fotos. Isso raramente acontece, mas quando acontece ajuda muito. Parece que as fotos se fazem sozinhas. Fazer sessões fotográficas com bandas como Mgła, Belzebong, Rob Coffinshaker, Nifelheim ou Terrordome foi fácil e engraçado… Vaguear com o Blake Judd na Califórnia foi também divertido – não fazíamos ideia do que ia acontecer, portanto fomos andando e tirando fotos. Ele achava tudo bem e isso ajudou muito. Também tenho boas recordações da sessão fotográfica com o Fursy dos Les Discrets. Fizemos uma digressão pela Europa com os TVB e, em cada cidade,



fizemos alguns “retratos urbanos” do Fursy, só pelo gosto de os fazer. Algum desse material era muito bom, mas infelizmente perdi essas fotos todas…

As tuas fotos de rua também são admiráveis. Viajas para as fazer ou tira-las porque viste qualquer coisa que te pareceu apelativa?
Eu costumava levar a máquina sempre que ia a algum lado, porque nunca sabes o que te vai aparecer, e ia fazendo fotos. Às vezes, vês algo extraordinário numa cidade banal, outras vezes aparece-te uma cidade que só por si é um “circo”! É só fotografar! Fiz fotos muito boas entre 2017 e 2020. Mas parece que o espírito das pessoas mudou, ficam zangadas e já não é tão fácil tirar fotos na rua. Espero poder voltar a fazer fotos dessas um destes dias. E gostaria muito de fazer um livro com as minhas fotos de rua, mas não consigo ganhar ânimo para começar a tratar disso. Seria interessante publicar algo num formato que possas segurar nas tuas mãos, porque não tem piada ver as fotos apenas em quadradinhos pequeninos no Instagram…

Também vi alguns dos teus vídeos. São fantásticos! Não se pode dizer que se inspiram mais ou menos no artwork que fizeste para as bandas?
Não, não me parece. Os poucos vídeos que fiz são muitos simples e é assim que eu gosto de os fazer – mostrando a banda. Era do que eu gostava mais, quando era miúdo: ver a banda no Headbangers Ball a “rockar” com os seus instrumentos na maior. Não preciso de nada dessa merda que usam nos vídeos para os fazer parecer filmes de baixo orçamento. Penso que o vídeo de Banisher intitulado «Devil in ISO 5» tinha algo a ver com o artwork do álbum.

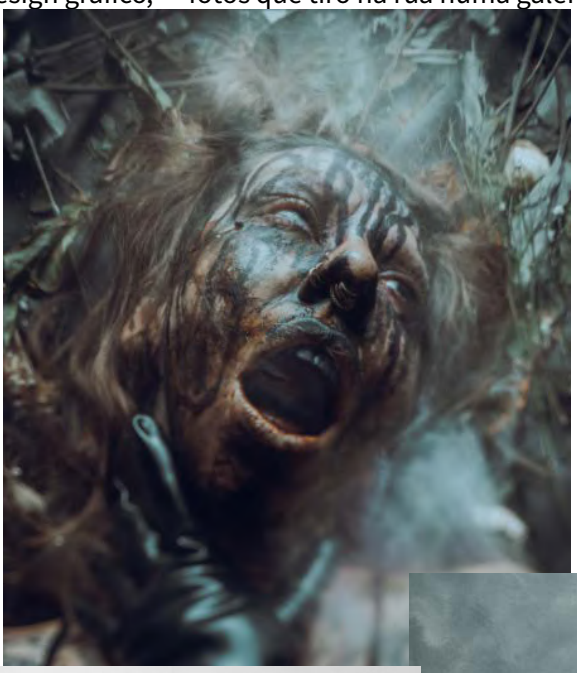
A bem dizer, todo o álbum girava em torno da passagem do líder pela prisão, algo que ele queria revelar. Nós até queríamos fazer as fotos numa cadeia fechada, mas não nos levaram a sério e tivemos de as fazer numa velha cave que parecia um bunker. Haha!

Estudaste para te tornares um artista gráfico?
Não, sou um autodidata. A escola apenas me ensinou a escrever e a contar (de forma básica). Agradeço aos meus pais terem-me deixado fazer o que eu queria (por outras palavras, terem desistido de tentar fazer de mim uma pessoa normal). Portanto, eu pude instalar-me no meu quarto e ir fazendo trabalho gráfico, mexendo em computadores e escrevendo. Fiz websites, publiquei o meu fanzine, estabelecei contactos e foi isso que me pôs no lugar onde estou agora.

Como descobriste que querias seguir esta carreira?
Sempre fui atraído pelo lado gráfico das coisas. Acho que gosto mais das capas dos álbuns do que dos próprios álbuns. Às vezes, nem ouvia a música. Nos anos 90, tínhamos uma companhia aqui na cidade que imprimia capas de contrafação para pormos nas nossas cassetes. Eu comprava as capas – mesmo sem ter cassetes – e ficava horas a observá-las. Nunca pensei que acabaria por vir a trabalhar neste ramo. Mas, quando comecei a zangarilhar com computadores, Photoshop, etc., segui nessa direção, assim que tive a oportunidade de

o fazer. Durante anos, tentaram convencer-me de que isto era apenas um hobby e que um dia eu arranjaria um "emprego a sério", mas eu continuei a fazer este trabalho. Há 30 anos que vivo de fazer design gráfico, layout e fotografia, portanto não vou arrepiar caminho, a não ser que a vida me obrigue a isso.

Onde encontras a tua inspiração?
Nunca sei. Às vezes, surge sem avisar, sem que eu faça nada para que isso aconteça. Às vezes, há algo que desencadeia uma espécie de avalanche de ideias e, de repente, surge uma visão na minha mente. Gostava que isso me acontecesse com mais frequência! Haha!



Tens feito exposições? Encontrei no teu site uma notícia sobre uma em 2021.
Não faço exposições. Não estou interessado em promover-me. Limito-me a fazer o meu trabalho. Há séculos, fiz uma exposição numa convenção de tatuadores e, mais recentemente, uma exposição das fotos que tiro na rua numa galeria na Suécia que pertence a um amigo meu. Ele gostou do que viu no Facebook e convidou-me para fazer a exposição. E eu aproveitei a oportunidade. À parte isso, não ando a pedir que mostrem o meu trabalho.

Qual é o teu maior feito como artista gráfico do teu ponto de vista?
O facto de fazer o que gosto e de viver disso. Adoro o que faço, sempre quis fazer isto e, mesmo quando me sinto exausto, nunca me queixo. É o que mais se adequa ao meu estilo de vida. Ficaria deprimidíssimo, se tivesse de deixar de fazer este trabalho. Sinto-me feliz por ter conhecido tantas pessoas fantásticas enquanto trabalhava nos seus álbuns. Fico-lhes eternamente grato por isso.

E qual é a tua maior ambição?
Acho que não tenho sonhos, nem ambições. Sinto-me muito feliz como estou agora, embora gostasse de viver num sítio onde pudesse conhecer mais gente criativa, para poder melhorar os meus dotes de fotógrafo, etc. Se alguém por esse mundo fora quiser partilhar um quarto, ficaria bem contente por ir passar uns meses fora. Basta enviarem-me um mail!

flickr

farsot.

Arquétipo sonoro

São uma banda de destaque, mas precisam de bastante tempo para criar novos álbuns explorando o arquétipo sonoro que foram construindo ao longo da sua carreira. É assim que Farsot é apresentada nas palavras de X.XIX e III.XXIII, que aceitaram responder à entrevista da **Versus** sobre o seu quarto álbum.

Entrevista: CSA / **Fotos**: Georg Boerner

Saudações! Espero que estejam bem, assim como os outros membros da banda! Entrevistei Farsot em 2017 sobre o álbum anterior de que gostei tanto que até comprei a edição especial com o livro. Podem resumir para os nossos leitores os momentos mais importantes da carreira da banda durante quase sete anos?

III.XXIII – Obrigado pelas tuas palavras. O que aconteceu ao tempo? Os últimos sete anos foram marcados por altos e baixos no mundo e pela pandemia. Felizmente, nada disto teve um impacto muito negativo em nós. Conseguimos tirar proveito do tempo disponível para viver experiências mais profundas na arte e na vida, para abrandar o ritmo e criar coisas novas com uma força e uma criatividade renovadas. Nunca estivemos completamente afastados do palco, para que essa parte importante da vida da banda – transferir a energia diretamente para o ouvinte – pudesse acontecer de vez em quando.

> O tema central é sempre um assunto filosófico que concebemos em conjunto e sentimos como sendo um construto de Farsot. O mesmo acontece com a música.

Por que precisaram deste tempo todo para lançar o vosso quarto álbum? (Valeu muito a pena esperar)
III.XXIII – Aconteceu assim. Geralmente, começamos a trabalhar em material novo muito rapidamente depois de termos concluído um álbum. A partir daí avançamos com o trabalho mantendo um grande rigor. As estruturas de base das canções estavam prontas no fim de 2020. Desta vez, por exemplo, queríamos fazer uma pré-produção adequada para gastar menos tempo no estúdio [Wooshed Studio e fazer previamente algumas experiências com as guitarras e a voz. O resto do tempo é usado para sessões no estúdio, elaboração do artwork, os vídeos e o lançamento. Podes dizer que nunca gastámos tanto tempo nisso como desta vez. Mas parece-me que valeu a pena!

O título do álbum é bastante ameaçador, embora bastante verdadeiro. Quem o inventou?
X.XIX – Acho que tudo começou há três anos atrás, quando vi um documentário dobrado na TV pela noite dentro. O tema era a existência em geral e algum conteúdo filosófico difícil de digerir, mas um dos entrevistados usou este enunciado. Achei que havia tanta verdade nessas três palavras, que tomei logo nota desse enunciado. Infelizmente, não me consigo lembrar exatamente de que tipo de documentário se tratava. Mas como já ia a meio da conceção do álbum, eu sabia que esta frase ia converter-se no título do álbum.

Como relacionam a várias faixas do álbum com esse tema central?
III.XXIII – O tema central é sempre um assunto filosófico que concebemos em conjunto e sentimos como sendo um construto de Farsot. O mesmo acontece com a música. Basicamente, os dois pilares geralmente associam-se sem dificuldades. Contudo, o nosso vocalista adapta as letras – que são frequentemente criadas ao mesmo tempo ou um pouco mais tarde – às canções.

Ao ler a informação disponibilizada pela editora, constatei que a capa do álbum é da autoria do vocalista da banda, que também se encarregou de fazer todo o layout. És um artista gráfico? O que ia na tua mente quando escolheste esta imagem para representar o espírito do álbum? Foi a capa que deu origem às letras das canções ou o inverso? Os outros membros da banda tiveram alguma participação no processo?
X.XIX – Sim, trabalho a tempo inteiro como artista gráfico, portanto ocupo-me de tudo o que tem a ver com essa área. É claro que trabalhamos juntos, porque cada membro da banda tem de estar por detrás da

ideia em questão e satisfeito com ela. Muitas vezes, há inúmeras versões, repetições e comentários até o artwork estar concluído e todos se sentirem contentes com ele. Como já foi referido, eu já estava envolvido no processo de criação do conceito do álbum quando encontrei o que iria ser o respetivo título. Geralmente, não começo a criar a capa enquanto o álbum não tem título. Nessa altura, ainda não tinha escrito as letras todas, mas o conceito já estava criado. Portanto, desta vez, apresentei à banda o primeiro esboço da capa no fim de 2020. Escrevo todas as letras sozinho. Como já fazemos música juntos há muitos anos, há uma grande confiança entre nós. Geralmente, as letras sofrem algumas ligeiras alterações durante o processo de finalização e também no estúdio, mas são só pequemos ajustes.

> “Criámos o arquétipo do som de Farsot, que é único, mas também fascinante e atraente. Gostamos de marcar a diferença, mas não queremos que esta seja forçada.

A música no vosso álbum é bastante estranha, mas extraordinária. A voz é áspera, mas as linhas vocais são bastante melódicas. A bateria tem várias velocidades. As guitarras são ameaçadoras e dinâmicas. Também há alguns teclados sinistros. Tracei uma imagem adequada do vosso último álbum?
III.XXIII – Parece-me que o caracterizaste bem. Evoluímos como banda, graças à maturidade e à mente aberta de todos os seus membros e ao toque especial de cada um de nós. Criámos o arquétipo do som de Farsot, que é único, mas também fascinante e atraente. Gostamos de marcar a diferença, mas não queremos que esta seja forçada. Gostamos de elementos cíclicos, da frieza das trevas, de expansões analógicas calorosas, de quebras de ritmo, de mudanças e travagens que não figuram em nenhum manual de música.

Supostamente é Black Metal (e algumas partes são mesmo), mas deteto no vosso som muitas outras componentes: technical Death Metal, uma espécie de Shoegaze, um Groove de jazz. Concordas comigo?
III.XXIII – Technical Death Metal parece-me inesperado. Na verdade, até para nós seria difícil inserir esta banda em alguma categoria. Temos todos mentes muito abertas em termos musicais e procuramos satisfazer os nossos anseios em contacto com todos os tipos de música e de arte. Isto acaba por se refletir de forma subliminar no cosmos sonoro da banda. É tão libertador podermos simplesmente fazer tudo o que queremos! O

núcleo duro será sempre agreste e tenebroso, a severidade e o peso nunca vão desaparecer, porque tudo isso é muito importante e faz jus à banda. No entanto, gostamos de envolver esse núcleo em facetas ocasionais, que o fazem brilhar ainda mais quando emerge dessa amálgama.

Quem escreveu essa música sensacional?
III.XXIII – Geralmente, desenvolvo os riffs e algumas pequenas estruturas preliminares em casa. Depois trabalhamos nos arranjos na sala de ensaios com a bateria e o baixo. Mas ainda há espaço para partes espontâneas e reviravoltas que resultam da alegria e da dinâmica de tocarmos juntos. Quando as estruturas básicas das canções estão definidas, os outros criam as suas partes. Normalmente, gravações preliminares e pré-produções resolvem o assunto. Foi assim que consegui compor e gravar linhas adicionais de guitarra para «Life Promised Death», por exemplo. Foi útil, porque desta vez todas as linhas de guitarra saíram da minha cabeça. Normalmente, o nosso vocalista está na sala de ensaios nos momentos iniciais de criação das canções, para encontrar a inspiração que depois vai explorar para escrever as letras e compor as linhas de voz.

Tiveram V. Santura (que conheço de Dark Fortress e Triptykon) convosco para gravar, misturar e masterizar o álbum. Como foi trabalhar com ele? Por que lhe pediram para gravar a bateria para este álbum? E para se juntar à banda tocando teclados e outros instrumentos?
III.XXIII – Conhecemos o Victor há muito tempo e temos uma grande estima por ele. Colabora connosco desde a gravação do nosso primeiro álbum. Por um lado, partilhamos os mesmos gostos em termos de música e socialização e, por outro, um espírito que faz com que nos sintamos muito bem a trabalhar juntos. Respeitamo-nos e valorizamo-nos uns aos outros e aceitamos críticas construtivas, o

> “Escrevo todas as letras sozinho. Como já fazemos música juntos há muitos anos, há uma grande confiança entre nós.

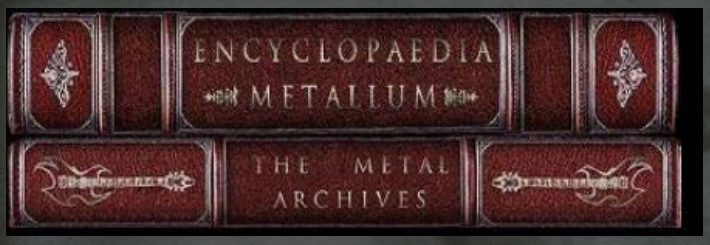
que ajuda a obter um bom resultado. Esta atmosfera relaxada não nos desconcentra, pelo contrário ajuda-nos a trabalhar calmamente e a focarmo-nos no que temos de fazer e a ser criativos. É muito importante para nós. O facto de ele ter um talento excecional, quer em termos técnicos, como produtor, quer em termos musicais torna tudo ainda melhor. Por exemplo, a bateria nas mãos dele soa sempre de forma muito orgânica, pesada e concisa, em vez da obsessão técnica que caracteriza a atualidade. As suas participações em todos os álbuns são puramente espontâneas e acontecem subitamente, quando estamos a gravar: “Aqui ficava bem uma pandeireta… tem mesmo de haver uma pandeireta… posso tocar pandeireta nesta parte?” – “Hmmmmm! Ok! À vontade!”

E o que há previsto de concertos para promover o álbum?
X.XIX – Como somos uma banda que só lança álbuns esporadicamente (entre 5 a 7 anos de intervalo), infelizmente está a tornar-se cada vez mais difícil acompanhar a evolução da cena. Há tantas bandas que estão literalmente a inundar o “mercado” com campanhas de marketing bem orquestradas e ciclos de lançamento bem regulares. Logo, a procura por bandas que estão a perder alguma da sua importância devido a ausências prolongadas tende a diminuir. Tens de contratar agências para te arranjarem concertos e digressões. Nada disto corresponde à nossa conceção sobre fazer música. Abreviando… gostaríamos muito de promover o nosso álbum. Com um pouco de sorte, conseguiremos fazer mais alguns concertos este ano para além do já confirmado no Prophecy Fest. Também vai haver um concerto de lançamento na nossa cidade natal. Esperamos que aconteçam mais coisas boas após o lançamento de «Life Promised Death». Já estão a decorrer algumas negociações.

Quais são as vossas expetativas relativamente à receção deste álbum?
X.XIX – Para dizer a verdade, são muito baixas. É claro que ficaremos muito felizes, se houver críticas positivas, se obtivermos um bom lugar ou simplesmente por podermos partilhar o nosso “filho” com ouvintes, amigos e fãs interessados na nossa arte. Continuamos muito entusiasmados e ansiosos pela chegada do dia de lançamento. No entanto, tínhamos expetativas altíssimas relativamente a nós próprios durante o processo de composição e gravação do álbum. Essas foram totalmente satisfeitas ou até ultrapassadas. Se, pelo menos, alguns ouvintes gostarem do álbum tanto como nós, sentir-nos-emos para além da lua. Se o álbum rebentar com tudo, de certeza que vamos ser os últimos a queixar-nos (risos).

ANTRO DE FOLIA

Por: Carlos Filipe



Uma revista de música, além de uma relação de confiança com os seus leitores, é feita, principalmente, da confiança estabelecida entre os seus leitores e as editoras, sendo parte integrante da divulgação da música produzida pelos artistas e lançada pela editora. Sem produção de música e a sua divulgação, não há nada para contar, sendo este o catalisador de tudo o que podem encontrar e ler, neste exemplar da Versus.
E produção de música, caros leitores, é o que não falta! É música a rodos, a metro, que nunca mais acaba. Cada ano acaba sempre com um número grande de lançamentos, que nos últimos anos, tem rondado na média de 700 álbuns por ano e um total desde 2016 de ~5500 artigos musicais, sobre a forma de MP3. Isto dá 1,9 álbuns por dia para ouvir. O mais surpreendente de tudo é poder afirmar, sem qualquer dúvida, que estes números são apenas uma amostra, de um total global que, digamos por agora, é desconhecido. Não consigo aferir empiricamente qual a percentagem que recebemos do total lançado para cada ano globalmente. A única coisa que sei, é que chega à Versus via email muito mais álbuns que os 700 anuais. Estes são apenas uma selecção dos editores da Versus daquilo que recebem das editoras via email.
Este ano batemos o record. Recebemos 929 álbuns para ouvir e criticar e 2 livros em PDF! Evidentemente, isto é impraticável, quer ouvir tudo – eu oiço tudo, mas há álbuns que não passa da 1.ª música ou minuto - quer criticar tudo, e mesmo enfiar tudo na rúbrica "Paletes de Metal", é impossível sem tornar a Versus nas Páginas Amarelas da música metálica – Quem não souber o que são as Páginas Amarelas, é favor perguntar ao ChatGTP ou ao Gemini. A liberdade de escolha é total, não existe nenhum compromisso estabelecido com qualquer das editoras com o qual trabalhamos, indo ao encontro dos nossos critérios e acima de tudo, gostos pessoais. Eu tenho os meus critérios para escolher o naipe dos álbuns que entram no Paletes e só critico álbuns que me surpreenderam pela positiva. Com tanta escolha e liberdade editorial, ninguém aqui tem de fazer fretes, e criticar álbuns que nada lhes dizem. Claro, se a oferta fosse muito mais reduzida, se calhar haveria bandas que teriam mais oportunidade, pois, o Metal, há muito que sabemos, não é, nem nunca foi, uma música mainstream, feita para entrar de imediato no ouvido. Por vezes, é necessário tempo para desfrutar e ouvir com atenção, fazer o click. Com esta enxurrada vómica a cada 15 dias, é deveras uma tarefa inexequível, e por vezes, uma injustiça, injustiça para com o artista que se esforçou para lançar cá para fora um trabalho, um álbum, um objecto vital para a sua carreira, quer esta esteja no início ou no fim dela.
Para aferir de forma aproximada os dados globais da música produzida, existe felizmente o site encyclopaedia Metallum (EM), para termos uma noção geral do que foi lançado em cada ano, em cada país e de cada género. Este site, com um grafismo e usabilidade de outros tempos da Internet não muito distantes, tem-se constituído ao longo dos anos como a Bíblia do Metal. Com um bocado mais de informação técnica, de produção e distribuição, podiam-se estabelecer como o que o IMDB (Internet Movie Database) é para o cinema. Da minha experiência, na procura do país e estilo de uma banda que acabou de cair pela primeira vez na "redação" – E não imaginem a percentagem de novos artistas que há em cada remessa, isto anos a fio - o primeiro lugar onde procuro é o Encyclopeadia, e em 95% dos casos a banda e álbum está aqui. O que me leva a concluir que os números que extrair do EM no seu "Advance Search" são fiáveis e corresponde uma fonte aproximada da realidade. Urge dizer, que as editoras deviam ser as primeiras a utilizar o EM sempre que lançam um álbum de uma banda do seu catálogo.

Um Ano de Remessas em Revista

Assim, segundo o EM, em 2023 foram lançados 16871 trabalhos, o que corresponde a 5,52% do que recebemos. Destes quase 17 mil álbuns, 6239 foram relacionados com Black Metal (37%), 4902 com Death Metal (29%) - e apenas 53 foram de Death/Black ou vice-versa, 1952 e 1955 respectivamente de Thrash Metal e Doom (11,5% cada) e 986 de Progressive Metal (5,8%). Do total, há que distinguir entre LPs (Long Plays), EPs (Extended Plays), ao vivo e compilações, que foram de 9214 LPs, 6275 EPs, 860 compilações e 522 álbuns ao vivo. O que não se consegue extrair do EM, são o número de reedições. E a ver dos nossos 929, há bastantes reedições. Das nossas estatísticas Versus, há três nações que se destacam: EUA, Alemanha e Austrália. DO EM, conseguimos obter que dos EUA (52 estados) foram 4602 álbuns, e que analisado por estilos segue mais ou menos as percentagens globais dos estilos. O que me leva a concluir que a origem do país em nada interessa na definição do estilo mais predominante. A Alemanha teve 961 álbuns lançados, 512 da Suécia, 680 do Canadá e 428 da Austrália. Estes números estão dentro das percentagens que tenho das nossas remessas. Outro país interessante para analisar é a Inglaterra. A nação "mãe" e outrora berço do Heavy Metal, tem perdido influência e "momentum", apresentando valores similares a uma Suécia, com 518 álbuns.

No que respeita à Ibéria, e no "combate desleal" Portugal-Espanha, temos 143 vs 515 para os espanhóis, mas o que é curioso aqui é que das bandas "portugas" só recebemos 18 álbuns em 143, e da vizinha Espanha só 15 em 515! Pronto, os espanhóis não querem nada connosco... mas, os nossos conterrâneos, não percebo. Ainda por cima, a maioria serão bandas que necessitam de divulgação como de pão para a boca. Antigamente, a divulgação era cara. Tínhamos de mandar fazer o cd, colocar num envelope e enviar pelos correios às nossas custas. Ora, hoje, com o advento da Internet e o email, fazer um email com um texto de divulgação, providenciar um link para um zip com os mp3 e fotos, não custa nada. Eu chego à conclusão que muitas bandas portuguesas fazem música para elas próprias e os seguidores das redes sociais. Onde é que eu já vi isto? Ah, sim. No cinema português, onde a maioria dos realizadores fizera filmes para eles e poucos mais, negligenciando o público. Bandas nacionais, acordem

ANTRO DE FOLIA

para a vida! Independentemente da divulgação disponível, aproveitem, mesmo que não vá a lado nenhum ou fique apenas pelo paletes de metal. Deem a vocês próprios uma chance. Isto faz-me lembrar daquele individuo que sonhava com a lotaria e pedia a Deus que o ajudasse a que saísse a mesma, ao que Deus retorquiu: "Eu ajudo-te pá, mas ao menos compra a cautela."

O mesmo pelos vistos se pode estender aos nossos compatriotas brasileiros. Dos 673 álbuns lançados em 2023, apenas uns singelos 9 conseguiram atravessar o atlântico. "Galera?" Então? O mesmo que disse no parágrafo anterior é válido para vocês. Ou o email paga imposto aí no Brasil? No vosso caso, até seria uma situação "win-win", pois beneficiaríamos em muito da divulgação da Versus por terras do Brasil, como as bandas brasileiras teriam em muito a beneficiar com a nossa promoção do lado de cá do Atlântico. Mesmo que o trabalho não chegasse a ser editado aqui, há sempre o streaming e as lojas de música online, tal como no futebol, a Versus e Portugal podiam ser uma porta de entrada para a Europa. 673 trabalhos é muita música para nós todos descobrirmos, e certamente há pérolas bem escondidas por aí.

Dos 143 álbuns portugueses lançados o ano passado, temos 90 LPs, 46 EPs, 3 álbuns ao vivo, sendo um dos Decayed de um live in 1993, e 4 compilações. Destes 136, 66 tem Black Metal lá metido, 30 Death Metal, 20 Doom, 9 Progressive Metal e zero de Trash ou Power Metal. Aparentemente, a malta por aqui não quer nada com estes estilos. No que respeita a formatos, dos 143, 88 foram em CD, 15 em cassete, sim, K7!?!?! – Eu o vinil ainda compreendo, cassete não. – e 36 exclusivamente em vinil.

Olhando para o panorama actual, acho que andamos todos a navegar à vista, num nevoeiro denso de um qualquer ambiente Doom pesaroso, completamente desnorteados. Devia ser criado uma entidade – As editoras? – que agregasse todos os dados da produção mundial de música pesada, vulgo "Metal", incluindo dados económicos sobre tournées e merchandising. Assim, qualquer um, e em especial as bandas, os editor e promotores, tinham algo de palpável sobre o negócio global e por país do Metal. Globalmente, já existe um relatório mundial sobre toda a música que se faz no planeta, que sai a cada 2 anos, o Global Music Report do IFPI. Aliás, é daqui que retiro o gráfico mais importante sobre as vendas de música, em formato físico, digital, streaming e performance. No fundo, seria o mesmo, mas aplicado apenas a tudo o é pedra e rola pelos trilhos dos pesos pesados, mas expandido para diferenciar os diferentes géneros musicais do Metal.

Estatísticas gerais à parte, eu tenho a minha folha Excel com os 929 álbuns e 2 livros que recebemos, como base de trabalho para a rúbrica "Paletes de Metal". No que respeita a estilos e países, os meus dados seguem em linha

os valores percentuais retirados do Encyclopeadia Metallum, excepto para o caso da Alemanha, que representa 9,3% dos trabalhos recebidos, fruto julgo eu, das editoras com quem trabalhamos, que faz artificialmente aumentar este valor comparativamente com o do EM, respectivamente, 5,7%. Mas outros dados curiosos. 15,5% dos álbuns foram primeiras obras. 4% foram reedições, na maior parte de álbuns de bandas há muito desaparecidas dos anos 90 ou primeira parte da década dos 90 e 1,5% de álbuns ao vivo. Outras curiosidades, recebemos material de pandas oriundas de países tão díspares como México, Costa Rica, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Bósnia e Herzegovina, Filipinas, Indonésia, África do Sul e Egipto. Continua a ser muito raro ter uma banda de Metal originária de África, América Central, Médio Oriente e dos países asiáticos, nomeadamente da grande China. Nestes anos todos que faço o Excel, desde 2016, só encontro uma ocorrência para a China, o quarteto de metal progressivo OU (pronuncia-se: "O").

O que estes dados todos nos mostram é que o metal é bastante prolífero, díspar e universal, estando presente nos quatro cantos do mundo. Se é economicamente viável para todos os intervenientes, já tenho dúvidas, mas para as grandes bandas que andam por aí há décadas, certamente que o é. Esta criatividade toda, por vezes, traz à tona uma sensação de "música a metro". Há realmente bandas que nada acrescentam ao panorama, que fazem música para o seu umbigo, sonhando um dia pelo el dourado, pelo romper do saco da mediania e ascender ao topo da pirâmide. Não vejo mal nenhum nisto, mas desculpem-me o beliscar do vosso meritório esforço, se apenas ouvir trinta segundos da vossa música e passar ao artista seguinte. É injusto descartar assim o esforço de um músico, mas com esta fértil produção não há muito a fazer. Uma coisa é termos dez a quinze álbuns por mês para ouvir com atenção, outra é termos cerca de 80 trabalhos para analisar no mesmo período temporal de um mês. E a última remessa acabou de cair para os próximos 15 dias. São 54 álbuns criteriosamente selecionados e prontos para serem ouvidos e criticados...

PHIL PERES

TESOURO AO ALCANCE DE VÁRIOS CLIQUES

O **metalportuguês tv** é o maior agregador de fonogramas e maquetas de bandas nacionais de metal alguma vez existente. De tudo se pode aí encontrar, desde os registos mais obscuros aos mais conhecidos. Para melhor conhecer este projeto ímpar a **Versus** falou com o seu criador, **Phil Peres.**

Entrevista: Dico

Versus Magazine - Desde sempre que és fã de Metal. Como e quando surgiu o teu interesse por este género de música apaixonante?
Phil Peres – O meu gosto pelo Metal começou no início da década de 90 ao ver telediscos no "Headbanger's Ball", da MTV, e visitar as lojas de música que havia no Porto naquela altura — a Tubitek, a Bimotor e, ao nível mais Underground, a Helloween, do falecido David, antigo vocalista de Web. Na minha escola não havia muitos fãs de Metal, por isso tinha de pesquisar sozinho. Uma das coisas que também me ajudou foram os programas de autor das rádios, tanto aqueles que eram emitidos em FM nacional como em rádios do interior, por exemplo em Castelo de Paiva.

Na adolescência e juventude tiveste algum projeto de divulgação de bandas ou chegaste a tocar em alguma?
Projeto de divulgação na juventude não, só mais tarde em algumas zines mas já na era digital. Tocar sim, tive uns projetos "homemade" e alguns deles estão no canal, adivinhem quais. [risos]

O interesse pelo Underground e pelo Metal português em concreto surgiram ao longo do tempo ou foi algo que sentiste logo numa fase inicial enquanto fã?
Sim, diria que foi com o passar dos anos (ainda na década de 90) que percebi haver bandas e projetos nacionais que tocavam tão bem ou melhor do que se fazia na altura lá fora. Comprava muitas demo-tapes e cada vez mais saiam álbuns em CD. Essa foi outra razão que me fez desde cedo começar a comprar material nacional e ser um aficionado das nossas bandas.

Se não estou em erro, criaste o canal MetalPortuguês TV no Youtube em março de 2017. Nele, disponibilizas gravações recentes e antigas de bandas nacionais praticantes de subgéneros tão díspares como o Heavy Metal ou o Grindcore. Organizadas em playlists, essas gravações — muitas delas raras — foram originalmente lançadas nos mais variados formatos físicos e digitais (demo-tapes, singles, EPs, álbuns, compilações, single, EP, etc.). Como surgiu a ideia de iniciares este ambicioso projeto?
O canal é bem anterior a 2017, não sei precisar a data, mas teve uma encarnação anterior à atual.
A ideia surgiu da minha falta de ocupação (por motivos de saúde), que dura até à data, e, claro está, pelo amor ao que Metal que se faz no nosso país. Achei na altura que havia um vazio a precisar de ser colmatado. Era necessário mostrar aquilo que foi feito desde sempre por cá aos fãs que não conhecem esse material, dando simultaneamente oportunidade aos nostálgicos, como eu próprio, de ouvir as demos, EPs e álbuns antigos. Tudo isto ao mesmo tempo que apoio aquilo que se vai fazendo, através da publicação de novidades ou de material antigo que ainda não fora disponibilizado.

Tens colaboradores ou és tu que trabalhas em exclusivo no MetalPortuguês TV?
Sempre fiz tudo sozinho. Tive e tenho algumas ajudas quer de bandas quer de editoras, mas quem trata do canal sou eu, basicamente. Ocasionalmente um ou outro colecionador de material mais antigo disponibiliza-me algumas demos, ripadas para mp3 pelos próprios, pois em CD tenho praticamente tudo ou grande parte.

No disclaimer do canal informas que este projeto não tem fins lucrativos, que todos os direitos são reservados aos artistas, editoras e autores e que se alguém quiser ver removido o seu trabalho do MetalPortuguês TV basta contactar-te. Já houve alguma situação deste género? Já tiveste algum caso de mais difícil resolução ou que te tivesse mesmo trazido prolemas?
Sim, já houve um ou outro caso mais difícil, mas com paciência e compreensão de todas as partes tudo acabou por se resolver.
À data da realização desta entrevista (final de fevereiro) o canal agrega 3973 vídeos, reúne 1 784 776 visualizações e tem 9,290 subscritores. Estatisticamente, como tem sido o desenvolvimento do canal? Tem sofrido altos e baixos ou o seu crescimento tem sido sustentável?
Sim, por vezes existem altos e baixos, depende do material publicado. Depende também se é um disco novo ou uma demo pouco conhecida, por exemplo. Se eu ficar algum tempo sem postar nada (semanas, por vezes) os resultados também variam.
Que feedback e apoios tens recebido ao longo destes anos, em especial das bandas e editoras?
Felizmente, na maior parte dos casos o feedback é positivo. Claro que há exceções, mas no geral diria que sim.

Como vês o futuro do canal a médio prazo e que eventuais outros projetos tens a decorrer ou em preparação?

Enquanto tiver forças e houver gente interessada neste meu hobby vou andando por cá. Projeto futuro seguramente que aparecerá qualquer coisa, como é obvio ligado ao Heavy Metal feito em Portugal. É aguardar.

Link: https://www.youtube.com/@metalportuguestv700

PALETES

Por: Carlos Filipe

Vastum - «Inward To Gethsemane» (EUA-Califórnia, Death Metal)
A densidade cavernosa que VASTUM fez permanece tão desumana como sempre, continuando a mergulhar em atmosferas mais sombrias, mas nunca evoluindo para a escuridão ambiental; pelo contrário, é sempre punitivo e com um ímpeto assustador. VASTUM tornou-se um portador da tocha do underground horrível e grotesco. (20 Buck Spin)

Odd Crew - «Dark Matters Part II» (Bulgária, Groove/Alternative Metal)
Prepare-se para mergulhar nas profundezas da exploração sonora dos ODD CREW, os prodigiosos arquitetos musicais da Bulgária. «Dark Matters Part II» funde perfeitamente a energia crua do metal alternativo com as intrincadas nuances das melodias progressivas. Eles criam uma tapeçaria de som hipnotizante, misturando perfeitamente instrumentais intrincados com letras que ressoam com a alma. (All Noir)

Catafalque - «Dybbuk» (Inglaterra, Drone Doom Metal)
CATAFALQUE do Reino Unido, entrega drone doom metal com fortes influências de ruído e industrial, resultando num som extremo, experimental e intransigente. «Dybbuk» é um álbum extremo e abrasivo que combina as qualidades exaustivas e avassaladoras do doom metal da velha escola com as texturas e frequências ásperas encontradas no ruído e no industrial. (Code666)

Félonie - «De Sève Et De Sang» (Suiça, Black Metal)
FÉLONIE é uma banda a solo de black metal, vinda da pequena vila de Nendaz, situada nos Alpes Suíços. É projeto paralelo de Marc Bourban, integrante das bandas WIZARDS OF WIZNAN e TYRMFAR. Esta jornada inspira-se na história, contos e lendas locais. «Sedunum Invictus» é black metal intenso e angustiado. (Code666)

Nyrst - «Völd» (Islândia, Black Metal)
Das profundezas de Reykjavik, na Islândia, NYRST forjou uma criação enegrecida chamada «Völ», um álbum que presta homenagem aos imensos vulcões da Islândia. NYRST evoca música com dureza implacável. (Dark Essence Records)

Left Cross - «Upon Desecrated Altars» (EUA-Virginia, Death Metal)
Emergindo em 2015 com uma marca exclusivamente hostil de death metal carregado de guerra, LEFT CROSS regressa para lançar o seu segundo álbum, «Upon Desecrated Altars». Uma oferta cacofónica, que junta melodias grotescas com uma veemência desumana que dispensa qualquer ambiguidade. (Earsplit)

Robots Of The Ancient World - «3737» (EUA-Oregon, Doom/Stoner Metal/Rock)
ROBOTS OF THE ANCIENT WORLD oferece uma excursão sonora alucinatória por uma ampla gama de estilos, apresentando um álbum rico em riffs viciantes e pesados, complementados por uma bateria forte, linhas de baixo descoladas e os vocais crus e dominantes. ROBOTS OF THE ANCIENT WORLD pretende entregar algo significativo, não apenas para a banda, mas para o mundo. 3737 é a resposta. (Earsplit)

Ghosts Of Atlantis - «Riddles Of The Sycophants» (Inglaterra, Symphonic/Melodic Death Metal)
Uma experiência cinematográfica lindamente inspirada do início ao fim. Uma masterclass em Symphonic Extreme Metal, mitologia e narrativa! Após as ações heroicas do povo Atlante em 3.6.2.4, aqueles que tiveram a sorte de escapar das grandes inundações, agora chegam à costa numa nova terra. (Hammerheart Records)

Jord - «Tundra» (Suécia, Atmospheric Black Metal)
Jord é uma banda atmosférica de Black Metal com influências Blackgaze e post-rock fundada em 2020 como um projeto solo de Jurg. A inspiração veio da natureza do norte, do folclore, do misticismo e da relação do homem com esta parte da terra. "Tundra" conta histórias sobre deuses antigos. (Hammerheart Records)

High Spirits - «Safe On The Other Side» (EUA-Ilinois, Hard Rock/Heavy Metal)
HIGH SPIRITS sempre foram identificados como rock de alta energia. Como o seu antecessor «Hard to Stop», o som brilhante e dinâmico de «Safe on the Other Side» é cortesia do engenheiro Dan Swanö e do seu famoso estúdio Unisound. O resultado é um álbum poderoso e ousado. (High Roller Records)

Hitten - «While Passion Lasts» (Espanha, Heavy Metal)
A fórmula continua a mesma, uma mistura de heavy metal old school e hard rock. Desta vez, pressionaram ainda mais no som hard rock do final dos anos 80/início dos anos 90, mas ainda na maioria infundido com aquela abordagem do metal da velha escola que é a base do som dos próprios HITTEN. (High Roller Records)

Welcome To Pleshiwar - «Apostasy» (Alemanha, Melodic Doom/Death Metal)
Welcome To Pleshiwar, fundado em 2021, causou grande rebuliço na cena metal alemã com o seu EP «Unsolved». Com «Apostasy», o álbum de estreia do quarteto, que lida musicalmente no Dragging Death Doom, que não nega as influências dos grandes nomes do género dos anos 90. (MDD Records)

Thragedium - «Lisboa Depois De Morta» (Portugal, Folk/Melodic/Doom/Progressive Metal)
THRAGEDIUM é uma banda de neofolk-metal originária de Portugal. «Lisboa depois de Morta» (Lisbon AD) é o surpreendente novo álbum, após duas décadas de hiato. Este é o sucessor do misterioso conto «The Isolationist» e do clássico «Theatrum XXIII», onde o gosto da banda pela guitarra portuguesa, pelo mito lusitano e pelo doom metal progressivo, já se manifestava e que agora atinge um novo ápice neste álbum. (Alma Mater Records)

Bloodphemy - «Dawn Of Malevolence» (Países Baixos, Death Metal)
Death Metal avassalador, estrondoso e muito sombrio. Influenciando a Flórida, a Suécia e a sua herança, esses holandeses distinguem-se pelo death metal agressivo, misturando estilos modernos e clássicos com uma atmosfera pesada. Prepare-se para vocais profundos e cavernosos, cantos fúnebres, pesados e lentos. (Non Serviam Records)

Conny Ochs - «Wahn Und Sinn» (Alemanha, Dark Folk)
Trabalhando com os multi-instrumentistas Kiki Bohemia e Sicker Man, a banda apresentou uma improvisação musical coletiva baseada no conceito de música minimalista de Tony Conrad como máximo. «Wahn Und Sinn» constitui a transição para um novo capítulo no trabalho criativo dos CONNY OCHS. (Earsplit)

Deathcode Society - «Unlightenment» (França, Symphonic Black Metal)
Depois de um álbum de estreia para reacender a chama de uma abordagem sofisticada e enfática do metal extremo, enraizada na segunda onda do black metal escandinavo, DEATHCODE SOCIETY voltaram com «Unlightenment», um mergulho impiedoso na zona escura, fundindo metal brutal com arranjos orquestrais. (Osmose Productions)

Aphelium Aeternum - «Dark Interstellar Mysteries» (Alemanha, Symphonic Black Metal)
APHELIUM AETERNUM levou mais de três anos para terminar as gravações do seu primeiro álbum. Mas a jornada de APHELIUM AETERNUM apenas começou: finalmente, o seu álbum de estreia chega com «Dark Interstellar Mysteries», criando uma tela cósmica, temos black metal sinfónico, dramático e denso. (Dominance of Darkness Records)

Convocation - «No Dawn For The Caliginous Night» (Finlândia, Funeral Doom/Death Metal)
CONVOCATION voltou com as suas hipnotizantes vibrações fúnebres e com o seu trabalho mais ambicioso até agora! Começaram como um projeto de death metal que mais tarde se desenvolveu em paisagens sonoras mais sombrias e doomish, uma saída para música realmente pesada e lenta. (Everlasting Spew Records)

Crystal Coffin - «The Curse Of Immortality» (Canadá, Melodic Black Metal)
CRYSTAL COFFIN é um trio de black metal melódico de Vancouver, Canadá. A sua música faz referência ao amor pelo cinema de terror italiano dos anos 1970/80, combinando estilos de black metal com influências de música progressiva e música ambiente/eletrónica, mas dando-lhe uma certa poesia e melodia. (Independente)

End - «The Sin Of Human Frailty» (, Metalcore)
Formado em 2017, destacados por «Covet Not» e «Absence», a banda intimidou os sentidos como o seu álbum de estreia em 2020. Agora, os membros reuniram-se para escrever e gravar o que é o 2º lançamento num ano. (Closed Casket Production)

Immortal Guardian - «Unite And Conquer» (EUA-Nevada, Progressive/Power Metal)
O álbum é um verdadeiro reflexo das tumultuadas experiências de vida que cada um de nós passou durante a sua criação. Eles trabalharam muito para representá-lo em cada riff, groove e melodia criada no álbum, cuidadosamente escrita com as nuances das letras e movimentos de emoções. (M-Theory Audio)

Wooden Throne - «Eternal Wanderer Of The Night Sky» (Finlândia, Atmospheric Doom/Black Metal)
WOODEN THRONE regressa com um sucessor igualmente poderoso: «Eternal Wanderer of the Night Sky». Intitulado quase perfeitamente demais, «Eternal Wanderer of the Night Sky» é cada centímetro, uma contrapartida/contraponto. O verdadeiro desenvolvimento é o uso proeminente do piano, ligeiramente agridoces, puxando as cordas com a mesma facilidade com que causam arrepios na espinha. WOODEN THRONE não é tanto um disco estritamente de "black metal", mas sim um disco de metal atmosférico. (Purity Through Fire)

Kinit Her - «The Nature Out There» (EUA-Wisconsin, Post-Folk)
Com o seu 15º álbum «The Nature Out There», KINIT HER alcançou um ponto culminante no seu crescimento orgânico. O coletivo simbolista pós-folk, apresentando um belo caleidoscópio de cores musicais explosivas e viagens espirituais com paisagens sonoras exuberantes que surpreendem e emocionam a cada nota. (Prophecy Productions)

Ch'Ahom - «Knots Of Abhorrence» (Alemanha, Black/Death Metal)
A horda bestial de black/death metal, alucinatória e infestada de prog, Ch'ahom desencadeia a feitiçaria absoluta do caos com o seu álbum de estreia «Knots of Abhorrence». Ch'ahom tem passado por uma metamorfose expansiva no seu som e composição, que exalta novos elementos incorporados do death metal técnico do início dos anos 90, bem como das influências do prog do Reino Unido dos anos 70. (Sentient Ruin)

King - «Fury And Death» (Austrália, melodic black metal)
KING, uma força inabalável e melancólica do metal enegrecido, mantém o espírito do passado enquanto abre um novo caminho, épico enquanto permanece cru, majestoso enquanto mantém uma atmosfera primitiva. O quarteto cria um som que captura a essência do antigo enquanto abraça as influências mais modernas. (Soulseller Records)

The Last Eon - «Infernal Fractality» (Itália, Post/alternative rock)
«Infernal Fractality» desencadeia um ataque implacável de brutalidade sonora do enigmático fundador da banda, Ødemark. Um artista movido por ambos, a paixão ardente dos psicodélicos e uma busca pelos territórios desconhecidos do metal extremo. THE LAST EON foi formado para ultrapassar os limites do som industrial, mas adormecido, do black metal, com a visão de "criar a música mais intensa da história. (Soulseller Records)

Satan's Fall - «Destination Destruction» (Finlândia, Heavy/Speed Metal)
Satan's Fall definitivamente não é a primeira banda vinda de Helsinque. Durante muitos anos, a capital finlandesa, foi considerada um caldeirão de bandas e músicos talentosos que têm resistência para sobreviver mesmo em tempos difíceis. Satan's Fall encontrou obviamente o seu próprio som e o embelezou uma ampla gama de dinâmicas e referências cruzadas de outros géneros, como o hard rock e black metal. (Steamhammer SPV)

Aeternus - «Philosopher» (Noruega, Death Metal)
AETERNUS foi formada por Ares em 1993 em Bergen, Noruega, e foi pioneira no género conhecido como Dark Metal; combinando Black Metal e Death Metal com elementos de música clássica e folk. A banda cria o seu som característico ao combinar guitarras superlativas e interlúdios melódicos assombrosos. (Agonia Records)

Palehørse - «Hunting Grounds» (Finlândia, Alternative Rock)
Prepare-se para embarcar numa jornada musical emocionante enquanto Palehørse lança o seu novo álbum «Hunting Grounds». Este promete uma aventura sonora como nenhuma outra. É uma prova do compromisso incansável de Palehørse em ultrapassar os limites do género com atitude sem remorso. (Indie Recordings)

Savage Blood - «Wheel Of Time» (Alemanha, Heavy Metal)
Power, Thrash e Heavy tradicional! Savage Blood vem causando impacto na cena metal alemã. Com a sua enérgica e uma mistura única de heavy metal tradicional e uma porção de thrash metal, a banda rapidamente conquistou uma base de fãs fiéis. «Wheel Of Time» combinação poderosos riffs intensos e melodias cativantes. (MDD Records)

Aaron Cravens - «Regenerate» (EUA-Illinois, Instrumental Cinematic Rock)
O estilo musical de Aaron, descrito como técnico, melódico, poderoso e edificante, é evidente no seu álbum «Regenerate», que apresenta uma mistura única de melodia, poder e tecnicidade, ao mesmo tempo que carrega uma sensação cinematográfica. «Regenerate» segue um pouco na mesma linha dos primeiros álbuns de Joe Satriani, mas com uma sensação diferente embutida nele. (Independente)

Deorbit - «Retrogradient» (Austrália, Progressive Instrumental rock)
Deorbit é uma jornada musical enigmática criada para cativar os ouvintes com as suas composições instigantes e mistura única de géneros. Os limites sonoros serão ampliados com o novo álbum «Retrogradient» – uma coleção distinta de faixas que convida o público a mergulhar no cosmos. (Independente)

Gong - «Unending Ascending» (Inglaterra, Space Prog)
O universo Gong foi criado em 1969 por Daevid Allen, segue uma profunda visão psicodélica. Membro fundador da Soft Machine, Allen teceu as suas inclinações espirituais e metafísicas num coletivo em evolução, mais uma mitologia do que uma banda no sentido convencional. (Kscope)

In A Forest Dark - «Buried Giant» (Portugal, Gothic/Doom/Black Metal)
Bem-vindo ao mundo assombroso de «IN A FOREST DARK», o projeto musical a solo criado pela mente do multi-instrumentista Mario Pereira, também conhecido pelo seu trabalho em Eternal Mourning. Inspirada na rica tapeçaria de doom, black e gothic metal, cada música entrelaça melodias comoventes, camadas atmosféricas e letras emotivas para criar uma jornada sonora cativante. (WormHoleDeath)

Inculter - «Morbid Origin» (Noruega, Blackened Thrash Metal)
O segundo produto de exportação mais conhecido da Fusa, metal pesado e mortal, se destaca desta vez com a fabulosa nova entrega de morbilidade do INCULTER. O novo ataque mostra uma banda que amadureceu ainda mais no que diz respeito à composição e arranjos musicais, mas não esqueceu a agressividade e a juventude. (Edged Circle Productions)

Phobocosm - «Foreordained» (Canadá, Death Metal)
«Foreordained» é um amálgama de tudo o que veio antes dele. Uma fusão perfeitamente equilibrada da depravação obscura do death metal de «Deprived», misturada com o doom devastador de «Bringer Of Drought». Os três primeiros álbuns são uma trilogia, então «Foreordained» é o último capítulo dessa trilogia. (Dark Descent Records)

Revulsed - «Cerebral Contamination» (Austrália, Technical/Brutal Death Metal)
REVULSED está finalmente de volta para lançar o seu álbum mais brutal «Cerebral Contamination»! Quintessência do death metal brutal, o epítome da selvajaria auditiva! (Everlasting Spew Records)

Todomal - «A Greater Good» (Espanha, Atmospheric Doom Metal)
Todomal voltou com «A Greater Good». A dupla espanhola traz uma coleção de "músicas sombrias", que começou com as sementes plantadas em «Ultracrepidarian», o seu álbum de estreia, que evoluiu para um álbum complexo, denso e inclassificável que nos leva numa viagem por paisagens sombrias e tragicomédia. «A Greater Good» está envolto em música que às vezes é sombria e outras vezes luminosa, abrangendo desde ritmo lento até rock progressivo e litanias quase místicas. (Ardua Music)

Totenmesse - «Fiktionlust» (Polónia, Black Metal)
Cinco anos após o lançamento do primeiro álbum «To», Totenmesse regressa com a sua própria marca de black metal. O novo álbum «FIKTIONLUST» consistirá em oito faixas inéditas. Com o seu som majestoso, poderoso e colossal, enquanto as letras exploram a morte e como a mente humana a percebe. (Pagan Records)

Vemod - «The Deepening» (Noruega, Black Metal)
VEMOD não é de forma alguma uma banda mediana. Os noruegueses existem nos espaços limiares e nas encruzilhadas do lugar num eixo vertical e do tempo num eixo horizontal. O trio esculpiu o seu segundo álbum «The Deepening» no mesmo granito sonoro de onde veio o seu antecessor há mais de uma década. VEMOD tornou-se pioneira de estilos extremamente populares a que nunca aderiram, como blackgaze e post-Black. (Prophecy Productions)

Avræ Lvnæ - «Ntdd Strl» (Equador, Black Metal, Ambient)
AVRÆ LVNÆ é um power-trio vindo da ainda emergente cena black metal equatoriano. Liderado por Wampyric Strigoi, a banda chama o seu black metal de "neon metal", que não é tão extravagante quanto parece; em vez disso, eles revisitam as texturas cintilantes de vitrais do místico black metal de obsidiana psicadélica. (Signal Rex)

Ginnungagap - «Heliacal Arising» (Portugal, Black Metal/Ambient)
Familiarizados com o sempre fértil black metal underground português, GINNUNGAGAP tem abraçado os ventos frios e gelados da Estrela Aldebaran, evocando uma tempestade encantadora de misticismo. «Heliacal Arising» é o black metal por excelência, um retrocesso sem esforço à atmosfera dos tempos antigos. (Signal Rex)

Saevus Finis - «Facilis Descensus Averno» (Portugal, Dissonant Death Metal)
A música de Saevus Finis tem um resultado específico no ouvinte. A música deles é imediatamente avassaladora; pulsando ritmicamente com um peso de estourar o peito, as partes pulsantes são alternadas com riffs angulares e incisivos, dominando a arte de combinar os melhores elementos para criar um death sombrio, hipnótico e sufocante com um toque enegrecido ameaçador. (Transcending Obscurity Records)

Skiltron - «Bruadarach» (Argentina, Celtic Folk/Power Metal)
O quinteto, originalmente nascido na Argentina e agora radicado na Finlândia, entrega o seu 6.º álbum de estúdio, com músicas épicas executadas com poder e habilidade. Este trabalho coloca a banda num novo patamar com uma sonoridade marcante mesclando a força do Heavy Metal com o charme das melodias celtas. (Trollzorn)

Wolvennest - «The Dark Path To The Light» (Bélgica, Experimental Psychedelic Black Metal/Ambient)
Wolvennest continua a sua viagem sonora com o seu terceiro álbum «The Dark Path ToThe Light». Este novo disco abraça o doom metal sombrio, embeleza-o com rock psicadélico e preenche-o com riffs abismais de black metal, para guiá-lo através do dito Dark Path To The Light. (Ván Records)

Abyss Of Hel - «Into The Abyss» (Alemanha, Atmospheric Balck Metal)
Abyss of Hel foi originalmente fundado como um projeto individual pelo ex-guitarrista do Thrudvangar Daniel Stromayer. As raízes musicais estão mais no Death Metal americano, mas também influências Progressivas, Punk e Electro são encontradas nos arranjos que se unem numa parede sonora moderna, melódica e dark. (MDD Records)

Angrenost - «Magna Lua Ordem Mística» (Portugal, Black Metal)
Emergindo do norte de Portugal, Angrenost foi definido não pela produção, mas pela sua evolução pouco ortodoxa. O projeto tem sido um veículo para explorar o mal dentro do homem, livre das restrições da cena predominante ou das tendências atuais. «Magna Lua Ordem Mística ("A Ordem Mística da Grande Lua")» é uma obra repleta de tradição passada, elevada pelo domínio do som, pelas palavras e espírito. (EAL Productions)
Abduction - «Toutes Blessent, La Dernière Tue» (França, Progressive Black/Death Metal) | Desde a sua criação em 2006, Abduction – formado pelo guitarrista e compositor Guillaume Fleury – toca black metal melancólico com estruturas em constante evolução e mudança, que oscila entre momentos de intensidade eléctrica e partes acústicas suaves. Totalmente escrito em francês. (Finisterian Dead End/Frozen Records)

Bathory Legion - «Latomie» (Itália, Industrial Avant-garde)
Na antiguidade greco-romana, as latomias eram pedreiras de pedra ou mármore que serviam de prisões. Para BATHORY LEGION, as latomias representam lugares onde você morre e desaparece – ou renasce mais forte. Musicalmente, «Latomie» serve um industrial negro dominante com elementos eletrónicos obscuros e de vanguarda. «Latomie» é o primeiro lançamento do BATHORY LEGION sem nenhum colaborador envolvido. (Septenary Arts)

Mêlée Des Aurores - «Aube Cannibale» (Canadá, Black Metal)
Quase 15 anos depois do seu primeiro álbum, este projeto paralelo de Blanc-Feu e Cadavre retorna ao primeiro plano com um estrondo monstruoso! «Mêlée des Aurores» ataca com 40 minutos de black metal brutal, desorientador e sufocante, onde a improvisação estruturada se choca com riffs rígidos e dissonantes. Entre a atmosfera pesada e os sons desconexos produzidos por pianos preparados, contrabaixos, violinos e teclados. (Sepulchral Productions)

Dethroned - «A Bridge To Eternal Darkness» (Alemanha, Black Metal)
DETHRONED são uma das entidades mais cultas na rica da história do black metal alemão. Com o segundo álbum, «A Bridge to Eternal Darkness», apresenta-se como um lançamento do 30º aniversário, com 47 minutos de black metal do velho mundo, livre de tendências, servindo um portal de mistérios e misticismo. (Dominance of Darkness Records)

Coven Japan - «Earthlings» (Japão, Heavy Metal)
Melodias cativantes fazem parte da força musical, onde COVEN JAPAN é baseada no heavy metal tradicional e clássico com guitarras gémeas e vocais femininos, também colocando e misturando vários elementos como músicas cativantes de animação japonesa, criando um estilo único. Basicamente, Iron Maiden de há 45 anos. (No Remorse Records)

Engulf - «The Dying Planet Weeps» (EUA-New Jersey, Death Metal)
As vibrações brutais, porém sombrias, delineiam o espectro no qual Engulf move os seus passos. Riffs cativantes, vocais ásperos, Death Metal selvagem! Engulf é o projeto a solo de Death Metal, e está pronto para avançar e liberar o seu enorme e selvagem primeiro álbum de estreia «The Dying Planet Weeps». (Everlasting Spew Records)

Frostbite Orckings - «The Orcish Eclipse» (Internacional, Melodic Death Metal)
Frostbite orckings estão preparados para fazer história com o 1ª álbum de heavy metal gerado por IA do mundo. A potência do heavy metal emergente do metalverse, e está prestes a reescrever as regras da história da música. «The Orcish Eclipse» representa uma fusão sem precedentes de tecnologia e música, abrindo novos caminhos no reino do heavy metal. (Metalverse)

Deemtee - «Strange Aeons Deliriums» (Espanha, experimental black metal)
«Strange Aeons & Deliriums» é o segundo álbum dos inovadores espanhóis do black metal Demmtee e provavelmente o lançamento mais incrível, quimérico e revolucionário em que Nightmarer, As Light Dies e Asciimov esteve envolvido. Nightmarer dá-nos o inesperado, o imprevisível, o implausível, mas também o prodigioso, o inédito, o colossal... um admirável prodígio do black metal vanguardista e alquímico. (Darkwoods)

Rosa Faenskap - «Jeg Blir Til Deg» (Noruega, Fusion Black Metal)
ROSA FAENSKAP é uma declaração de amor – bem como uma declaração de guerra contra – o próprio black metal. Eles trocam a pintura de cadáver e o odor suado de Black Metal por um arco-íris. Combinam bateria contundente e rápida com linhas de baixo pesadas e melódicas, banhando-se numa parede sonhadora de som da guitarra. ROSA FAENSKAP levou a luta contra o preconceito e a repressão para um novo milénio, expandindo a base do hardcore político com elementos de black metal, pós-rock, prog e shoegaze. (Fysisk Format Records)

Sombre Héritage - «Inter Duo Mundi» (Canadá, Black Metal)
Três anos depois de um álbum de estreia que chamou muita atenção, «Sombre Héritage» ataca fortemente o seu segundo álbum, que vê o seu mentor Exu impulsionar o seu black metal épico a novos patamares. «Inter Duo Mundi» oferece uma barragem implacável de riffs incisivos e melódicos, complementados por uma produção gelada, mas poderosa. Imperdível para os fãs de black metal melódico! (Sepulchral Productions)

Stuporous - «Asylums Lament» (Bélgica, Black Doom Metal)
STUPOROUS é uma banda holandesa/belga de black-doom com membros do infame coletivo Zwotte Kring. Com uma história no black metal que remonta aos anos 90 e um profundo interesse pelo doom metal, nasceu a ideia do STUPOROUS. STUPOROUS é ideia de Floris Velthuis, que já havia trabalhado com o blackened doom. (Void Wanderer Productions)

The Convalescence - «Harvesters Of Flesh And Bone» (EUA-Ohio, Symphonic Metalcore/ Deathcore)
Misturando teatro de black metal/horror com intensas batidas explosivas no estilo death metal e guitarra retalhada, com colapsos brutais e melodias cativantes. The Convalescence espera fazer o possível para intensificar cada disco, incluindo este. Imundo, brutal e sinfónico. (Cleopatra Records)

Vargrav - «The Nighthold» (Finlândia, Symphonic Black Metal)
VARGRAV quase sozinho revigorou o frequentemente difamado subgénero do black metal sinfónico. VARGRAV sequencia cada música com talento artístico e alto drama, concluindo a experiência imersiva com um solo de guitarra ousado e comovente. O Nighthold é ilimitado! (Werewolf Records)

Burial Moon - «Burial Moon» (Internacional, Black Metal)
BURIAL MOON é uma misteriosa entidade internacional que pode ou não incluir membros tão distantes como o Norte da Europa, bem como os climas mais meridionais da Europa. Sombrio e etéreo é o seu black metal, já que as quatro longas faixas do miniálbum de 22 minutos do Burial Moon lançam um feitiço de misticismo cru. (Signal Rex)

Resin Tomb - «Cerebral Purgatory» (Austrália, Sludge/Death Metal)
A banda australiana Resin Tomb aperfeiçoou o seu som para o seu tão aguardado álbum de estreia. Eles criaram o seu próprio som, que é uma mistura coesa de death metal dissonante, grave e de alguma forma até mesmo lodo espesso e enegrecido. Este som único permite que eles façam as suas próprias coisas, explorando as inúmeras possibilidades, mantendo a música tensa e explosiva. (Transcending Obscurity Records)

Olhava - «Sacrifice» (Rússia, Atmospheric/Post-Black Metal)
A dupla pós-black metal Olhava voltou com «Sacrifice», com a duração megalítica de oitenta e seis minutos, «Sacrifice» é uma coleção de longos hinos hipnotizantes e melancólicos, para as almas saudosas que irão penetrar profundamente nos sentimentos do blackgaze. O sacrifício é o passo necessário para renascer. (Avantgarde Music)

Final Strike - «Finding Pieces» (Suécia, Power Metal)
A formação completa do FINAL STRIKE continua a escrever o seu debut «Finding Pieces» com a diretriz de que o álbum deveria soar exatamente. Altamente melódicos, os suecos concentram-se no que constitui Heavy ou Power Metal: riffs groovy como base para uma guitarra extremamente melódica, sustentada por linhas de bateria e baixo, bem como arranjos de teclado que expandem o som geral poderosamente. (Reaper Entertainment)

Abyssal Rift - «Extirpation Dirge» (EUA-Ohio, Death Metal)
Abyssal Rift emerge das entranhas do inferno com a sua monstruosidade de estreia, «Extirpation Dirge», um gigante miasmático de trinta e seis minutos de destruição sombria e anti-humano concebido pelo multi-instrumentista Matt Auxier, lidando com todos os instrumentos, composição e gravação. (Sentient Ruin)

Dissimulator - «Lower Form Resistance» (Canadá, Death/Thrash Metal)
Ao longo dos 42 minutos de «Lower Form Resistance», os riffs angulares estridentes, as estruturas complexas e a atmosfera de incongruência exuberante, misturam-se agudamente com um impulso direto e acessibilidade perpétua na encruzilhada onde as cenas de Thrash e Death Metal começaram a unir e a potencialidade direcional parecia ilimitado. (20 Buck Spin)

Malist - «Of Scorched Earth» (Rússia, Black Metal)
Malist é uma banda de black metal, formada em 2017 e vinda de Moscovo, Rússia. «Of Scorched Earth» é o quinto disco dos Malist, e conta uma história da humanidade e que inevitavelmente morrerá nas garras da natureza. (Avantgarde Music)

Alfahanne - «Vår Tid Är Nu» (Suécia, Rock N' Roll)
Dando um passo para frente e três para trás, Alfahanne regressa com o seu trabalho mais furioso e pesado até agora! «Vår tid är nu» está carregado com melodias cativantes que se tornaram a assinatura de Alfahanne. O álbum combina atitude punk, melodia e groove com uma atmosfera sombria, que de alguma forma lembra os anos 80 e os primeiros dias do black metal. Alfahanne olha para trás enquanto se inclina para frente, olhando profundamente para o abismo. (Dark Essence Records)

Madder Mortem - «Old Eyes, New Heart» (Noruega, Progressive Metal)
Chegando ao fim de uma jornada árdua cercada por turbulências e perdas, Madder Mortem está finalmente pronto com o seu 8.º álbum «Old Eyes, New Heart». Esta foi uma época conturbada para os Madders – Agnete e o pai de BP, Jakob, faleceram – tratando o álbum da esperança, da decepção e da ambivalência entre eles. É música de corações antigos e raízes profundas, com novos olhos abertos às possibilidades ilimitadas das 12 notas, e escrever canções honestas e boas. (Dark Essence Records)

Eitrin - «Eitrin» (França, Avant-garde Black Metal)
EITRIN reúne os talentos de Vindsval (BLUT AUS NORD), Dehn Sora (THROANE) e Marion (MÜTTERLEIN) para comemorar 20 anos de estilo apropriadamente desafiador. «Eitrin» coloca a apaixonada fúria lírica/vocal de Marion no centro do palco, alcançando novos patamares, enquanto contextualizada as inimitáveis melodias frias e texturas sobrenaturais de Vindsval. EITRIN mostra perfeitamente onde esteve e está a ir, com tons sombrios do extremo underground. (Debemur Morti Productions)

Dipygus - «Dipygus» (EUA-Califórnia, Death Metal)
Desde o alvorecer do Paleolítico, a humanidade registou cenas espetaculares de morte, seja em cenas de festas canibais toscamente gravadas nas paredes das cavernas, ou em massacres imortalizados em áglifos que adornam monumentos dos antigos reinos. DIPYGUS regressa ao tempo primordial com um 3.º álbum elegantemente autointitulado. (Memento Mori)

Dusk - «Dissolve Into Ash» (EUA-Wisconsin, Doom/Death Metal)
Os mestres do doom-death Dusk, de Wisconsin, EUA, lançam «Dissolve Into Ash». O objetivo deste álbum é de alguma forma igualar musicalmente o desaparecimento geral da humanidade; uma atmosfera quase apocalíptica/do fim dos dias. É o primeiro álbum da banda em 28 anos. (Dark Symphonies / The Crypt Vinyl)

Kalt Vindur - «Magna Mater» (Polónia, Progressive Black/Doom Metal)
Kalt Vindur foi fundada na primavera de 2015 em Dukla, Polónia. O primeiro álbum da banda é composto por seis composições ambientadas no clima do black metal progressivo, caracterizado pelo clima da região de Podkarpacie demonstrado pelas melodias e ritmos agressivos. (The Circle Music)

MVI - «In The Rain Shadow» (EUA-Califórnia, Progressive Acoustic Instrumental)
O Virtuoso da Guitarra Acústica Progressiva Mark Vickness lança o seu novo e dinâmico álbum instrumental, com o seu coletivo musical, MVI (Mark Vickness Interconnected). «In The Rain Shadow» é um álbum conceitual, inspirado com instrumentação exuberante e multicamadas e temas poderosos inspirados no mundo natural. «In The Rain Shadow» cobre uma vasta extensão de subgéneros e momentos inspiradores. Desde jazz e clássico até rock progressivo e muito mais, todos encontrarão um novo favorito nesta emocionante fusão. (Independente)

Pessimystic - «Burnt Offering» (Canadá, Blackened Death Metal)
A entidade de death metal enegrecido Pessimystic revelou o seu álbum de estreia: «Burnt Offers»; uma oblação alotrópica de auto entrega através da autodestruição e unidade através do desapego. «Burnt Offer» compreende cinco canções de música extrema de vanguarda, com duração total de pouco menos de meia hora. Sob a sua mortalha densa e dissonante, Pessimystic combina a ira e a fúria do death metal com a intensidade e os ecos melódicos do black metal. (Independente)

Hollow Woods - «Like Twisted Bones Of Fallen Giants» (Finlândia, Black Metal)
Em muitos aspectos, «Like Twisted Bones of Fallen Giants» é uma continuação natural do álbum de estreia de HOLLOW WOODS de 2021. Elementos familiares - BLACK METAL puro e orgulhoso, feito com personalidade e carisma - são reformulados em formas mais variadas. A produção do álbum é um pouco mais arejada em comparação com aquela de estreia, mas ainda longe de ser excessivamente polida. A agressão evidente é reduzida um pouco para abrir espaço para passagens mais épicas, onde o baixo dá suporte a vocais limpos e poderosos. (Signal Rex)

Fathomless Ritual - «Hymns For The Lesser Gods» (Canadá, Death Metal)
Com alegria maníaca, Fathomless Ritual recria o tipo enlouquecido e desequilibrado de death metal criado por artistas como Demilich e dá-lhe o seu próprio um toque feio e cheio de sujeira. A música tem um som mais sombrio e cavernoso, mas, ao mesmo tempo tem uma qualidade mais densa e um senso de urgência moderna

que anima o processo. Não há momentos de tédio no álbum, com a enxurrada constante de riffs a martelarem o seu cérebro. (Transcending Obscurity Records)

Zwielicht - «The Aphotic Embrace» (Alemanha, Black Metal)
Zwielicht existe como tal desde 2002, mas era anteriormente chamado de Gordem. A primeira emanação física foi uma fita «Leibestod». Para frente e para baixo na espiral, o próximo passo foi em 2010, o EP «Unholy Legion». Álbum de estreia de Zwielicht, «With love from Sinister». (Ván Records)

Hulder - «Verses In Oath» (EUA-Washington, Black Metal)
O assustador e grandioso novo álbum do HULDER, «Verses in Oath», foi criado durante os meses mais frios e sombrios do inverno do Noroeste, constitui a manifestação mais majestosa e indomada até agora na jornada de conquista da banda. Enquanto o Black Metal evoluiu para uma miríade de ramificações e subgéneros ao ponto da incompreensão, HULDER está imerso na preeminência destrutiva, nos rituais e nas tradições do género, carregando a herança das suas origens. (20 Buck Spin)

Blood Red Throne - «Nonagon» (Noruega, Death Metal)
Os reis noruegueses do death metal, BLOOD RED THRONE, comemoram 26 anos na cena e continuam fortes com o seu 11.º e mais forte lançamento até hoje, intitulado "Nonagon". (Soulseller Records)

Metalite - «Expedition One» (Suécia, Melodic Power Metal)
O mais recente álbum de estúdio da banda sueca de power metal melódico Metalite, «Expedition One», inspira uma ampla gama de composições diversas e uma história de ficção científica que não poderia ser mais atual. São dezasseis canções multifacetadas que combinam os muitos pontos fortes do quinteto: riffs e solos de guitarra poderosos, melodias, hinos, ritmos intensos e partes de teclado habilmente posicionadas. (AFM Records)

Mega Colossus - «Showdown» (EUA-North Carolina, Heavy Metal)
Metal melódico de alto índice de octana do coração de Raleigh, Carolina do Norte! No seu quarto álbum «Showdown», MEGA COLOSSUS combina a grandeza épica do metal com refrão e melodias de Rainbow e Kansas! «Showdown» leva a marca de metal melódico e triunfante do MEGA COLOSSUS a novos patamares, sem esquecer de onde a banda veio. (Cruz del Sur Music)

Vincent Crowley - «Anthology Of Horror» (EUA-Ohio, Death/Doom/Black Metal)
Uma aventura dark de Heavy Metal contando histórias de terror e macabro criadas por Vincent Crowley. O heroísmo épico e tradicional do Heavy e do Doom Metal aconteça, com Crowley supervisionando as musicalidades atmosféricas sombrias com os seus vocais sinistros e poderosos. O conteúdo temático de Terror está em perfeita simbiose metálica. (Hammerheart Records)

Morbid Saint - «Swallowed By Hell» (EUA-Wisconsin, Thrash Metal)
De certa forma, é bastante sensacional ver outro álbum do MORBID SAINT lançado neste momento, ou seja, mais de 30 anos após o seu segundo LP «Destruction System». No entanto, a perspectiva de entregar novas músicas no seu estilo único de death/thrash metal foi uma das principais razões pelas quais os membros principais reuniram-se em 2010. (High Roller Records)

Defect Designer - «Chitin» (Rússia, Death Metal)
A banda norueguesa de death metal Defect Designer levou as coisas a outro nível com o seu tão aguardado novo álbum. A urgência do grind foi suplantada por uma influência mais thrash e vê a parte death metal ficar mais pronunciada com a experimentação progressiva. A música é tão selvagem, imaginativa e colorida como a arte de Ian Miller. Cada música parece oferecer algo único. Em palavras simples, este é um disco refrescante de death metal. (Transcending Obscurity Records)

Devastator - «Conjurers Of Cruelty» (Inglaterra, Black/Thrash Metal)
DEVASTATOR é uma banda de Black Thrash do condado de Derbyshire, no Reino Unido. Conquistou rapidamente o underground, com a sua abordagem implacável do primitivo 'Black Thrash Attack'. Expandindo a atitude estridente do Black 'n' Roll do álbum de estreia da banda e elevando o Black Metal a níveis cacofónicos, o segundo lançamento dos DEVASTATOR difere em muitos aspectos sem perder o espírito e a força da estreia. (Listenable Records)

Funeral Winds - «333» (Países Baixos, Black Metal)
«333» é o título do oitavo álbum de estúdio do FUNERAL WINDS e refere-se ao Morador do Abismo, o Demónio da Dispersão, também conhecido como Choronzon. Estilisticamente, este álbum é um black metal cru e frio que joga a coragem bem na cara. FUNERAL WINDS permanece fiel aos valores originais do black metal venenoso e verdadeiro até os ossos. Funeral Winds é a verdadeira essência da música black metal (Osmose Productions)

Chamelion - «Legends Lores (Rockshots Records)» (Finlândia, Power Metal)
Fundado pelo teclista Marco Sneck, CHAMELION cria um power metal épico e sinfónico de fantasia combinado com música clássica, incluindo elementos de coral, renascentistas e barrocos. O segundo álbum, «Legends & Lore», os fãs podem apertar o botão play, fechar os olhos, para mergulhar num mundo de fantasia, onde o poder e a magia governam. (Rockshots Records)

Mourning Dawn - «The Foam Of Despair» (França, Black/Doom Metal)
A jornada da nossa evolução pessoal deve ser intrinsecamente integrada e desenvolvida na nossa criatividade. MOURNING DAWN sempre refletiu os ricos ciclos das suas vidas em álbuns. Este novo álbum tem todas as qualidades de referência: o ritmo enegrecido doom, os vocais angustiados e as composições cativantes, numa alquimia criativa. (Aesthetic Death)

Necrotum - «Defleshed Exhumation» (Roménia, Death Metal)
NECROTUM é um death metal firme (e doentio!) da safra mais antiga dos anos 90, mas enquanto os seus álbuns anteriores poderiam ser inseridos no panteão do death metal do início dos anos 90, «Defleshed Exhumation» segue um caminho consertado em direção a meados ou mesmo, ao death metal do final dos anos 90. (Memento Mori)

Abhoria - «Depths» (EUA-Califórnia, Black Metal)
Como uma bebida sedutora – ou um veneno perverso – «Depths», o segundo álbum do quarteto de black metal ABHORIA, está atualmente fermentando... esperando o momento certo para ser lançado no mundo. «Depths» mostra a banda aprofundando os temas da distopia, num bom equilíbrio entre melodia e intensidade. (Prosthetic Records)

Replicant - «Infinite Mortality» (EUA-New Jersey, Technical/Avant-garde Death Metal)
Após ter quebrado os padrões prevalecentes para o estilo com a sua abordagem única, Replicant vai ainda mais longe com o seu novo álbum, encontrando maneiras de tornar a sua música ainda mais complicada e impactante, mantendo o seu som dissonante e cativante, como a sua marca registada. As músicas seguem as suas próprias direções inesperadas e emocionantes, ao mesmo tempo, em que mantêm a aparência inerente de groove. (Transcending Obscurity Records)

Messiah - «Christus Hypercubus» (Suiça, Death/Thrash Metal)
A Suíça sempre foi um terreno fértil para o Extreme Metal. MESSIAH foi formado em 1984 e lançou dois discos verdadeiramente inovadores. No início da década de 1990, MESSIAH lançou mais três álbuns completos antes de seguirem caminhos separados. Em 2018, decidiram reformar a formação original e abraçar um reboot musical. (High Roller Records)

Full Earth - «Cloud Sculptors» (Noruega, Psychedelic Rock)
Full Earth é o mais recente prodígio psicadélico do extremo norte. Liderado e centrado no compositor e baterista Ingvald Vassbø, com a sua profunda conexão e amor pela música minimalista, heavy stoner rock de vanguarda eletrónica, o Full Earth-sphere circula em riffs difusos, experimentalismo sonoro e música barulhenta. (All Noir)

Dymytry - «Five Angry Men» (Chéquia, Metalcore)
Será que Dymytry, realmente, consiste em cinco homens furiosos em algum tipo de cruzada do metal, para espalhar o temor de Deus no resto do mundo? As novas declarações de metal da banda incluem «In Death We Trust» sobre o desenvolvimento da bomba atómica por Robert Oppenheimer e o seu impacto destrutivo, movido pela adrenalina. (AFM Records)

White Death - «Iconoclast» (Finlândia, Black Metal)
Há uma década, o WHITE DEATH construiu um pequeno, mas formidável cânone de trabalho que definiu o black metal underground moderno na Finlândia. Os iconoclastas mantêm os seus corações em chamas com o espírito underground enquanto se libertam do pensamento de gueto. Um disco para o Black Metal People, mas para quem odeia o Black Metal People: verdadeiramente, iconoclasta! (Werewolf Records)

Leather Lung - «Graveside Grin» (EUA-New York, Stoner/Doom Metal)
Vamos começar esta festa! Os incorrigíveis headbangers do LEATHER LUNG ouviram os apelos dos seus seguidores para lançar um novo álbum de boogie metal movido a substâncias, e assim temos «Graveyard Grin». O álbum de estreia do quinteto da Nova Inglaterra tem tudo o que foi prometido: uma mistura espessa e forte de stoner metal, doom e sludge implacável, misturada numa bebida refrescantemente pesada com um toque cativante. (Prophecy Productions)

Elettra Storm - «Powerlords» (Itália, Power Metal)
A vingança é dela! Elettra Storm é a nova sensação do power metal: apresentando a talentosa e linda Crystal Emiliani nos vocais e apoiado por músicos de primeira linha, o álbum de estreia da banda é um glorioso passeio 100% power metal no seu melhor, misturando a magia do género do início dos anos 2000. Esteja pronto para se encantar com histórias de poderosos arcanjos, deusas da lua e civilizações subterrâneas; um escapismo ao cansaço do quotidiano. (Scarlet Records)

Vltimas - «Epic» (Portugal, Blackened Death Metal)
A potência do metal extremo VLTIMAS (pronuncia-se 'uhl-tuh-mas') ataca o metal mais uma vez com o seu tão aguardado segundo álbum, «EPIC». Apresentando o guitarrista norueguês Rune "Blasphemer" Eriksen, o baixista/vocalista americano David Vincent e o baterista canadiano Flo Mounier, o quinteto multinacional, completado pelo baixista holandês Ype Terwisscha van Scheltinga e o guitarrista português João Duarte (Corpus Christii), continuam a aventurar-se no seu caminho. Ancorados na força e na integridade, os VLTIMAS fortaleceram a sua assinatura com invenções perversas. (Season of Mist)

Vorga - «Beyond The Palest Star» (Alemanha, Black Metal)
A banda alemã, mais sábia com as suas experiências, adoptou uma abordagem mais directa com um som que é comparativamente mais despojado, mas com um apelo emotivo e qualidade emocionante melhorados. Além de serem muito mais matizadas, as músicas também são lindamente estruturadas, narrando cada uma a sua própria história sobrenatural. Encontrando melhor expressão, a música é mais identificável e sincera do que nunca. (Transcending Obscurity Records)

Beyrevra - «Echoes Vanished Lore Of Fire» (Alemanha, Melodic Black/Death Metal)
Com o seu álbum de estreia «Echoes: Vanished Lore of Fire», BEYREVRA apresenta uma mistura habilidosa de Melodic Death e Black Metal. Desde o início, estabelece-se o tom sombrio e ameaçador do disco que está presente em todas as músicas. Com estruturas diversificadas de riffs e melodias e vocais distintos, BEYREVRA criou uma obra de arte que sabe entreter a cada segundo. Repetidamente, secções de blastbeat fortes alternam com riffs pesados e desacelerados, e solos de guitarra atmosféricos seguem melodias enérgicas e complexas. (Trollzorn)

Dust Bolt - «Sound & Fury» (Alemanha, Thrash Metal)
Nunca subestime a dedicação dos obstinados. DUST BOLT tem sido resoluto e implacável na sua busca pela glória do metal ao longo dos últimos 16 anos. Para aqueles ansiosos por prever o futuro, Dust Bolt parece ser um concorrente peso-pesado há muito tempo, mas a verdade é que a banda apenas começou a sua missão no heavy metal. Os alemães lançam o seu quinto álbum, «Sound & Fury»: um álbum que redefine ruidosamente o som para uma nova era. (AFM Records)

Upon Stone - «Dead Mother Moon» (EUA-Califórnia, Melodic Death Metal)
Poucas bandas conseguem abraçar as suas influências com a paixão e intensidade que os UPON STONE fazem. Com a sua estreia, «Dead Mother Moon», o quarteto aborda o Death Metal Melódico (também conhecido como "Melodeath") com uma crueza e intensidade que não apenas corresponde à influência da cena escandinava inicial, mas a excede. Para o Death Metal Melódico, isso não é um renascimento. É um renascimento. (Century Media)

Ecclesia - «Ecclesia Militans» (França, Doom/Heavy Metal)
Ecclesia toca HEAVY METAL sombrio e épico, fortemente influenciado pelo doom tradicional. Desde a sua formação como um trio em 2016, armados com fogo purificador, espadas abençoadas e Holy Rage, os temas líricos de Ecclesia tratam da obscura era medieval da Santa Inquisição do século XII. Em Ecclesia Militans, encontrará um sincretismo perfeito entre o heavy metal tradicional e o épico doom. O fervor justo do enxofre medieval - agora confesse os seus pecados! (Code666)

Pestilength - «Solar Clorex» (Espanha, Black/Doom Metal)
A dupla de 'corrosivo Death Metal' do País Basco, PESTILENGTH, ascende a um próximo nível de desvio glorioso com o terceiro álbum «Solar Clorex». Esta mais nova emanação é o exemplo mais brilhante da alquimia mesmérica húmida da banda e a sua abordagem singular para criar "irradiação sonora total". PESTILENGTH conjurou uma sequência impecável de canções de decadência tensas e enigmáticas: vocais grotescos entram em combustão, sufocam e reacendem; riffs farpados, que se transformam em violência eletrizante e grooves distorcidos para a pura brutalidade. (Debemur Morti Productions)

Kelevra - «Oneiric» (Canadá, Death Metal)
Cada faixa do álbum contribui para um produto único que é difícil de categorizar num subgénero específico do metal. Com este álbum, eles irão proporcionar uma experiência que vos deixará na ponta da cadeira. Cada música é elaborada para levar o ouvinte a uma jornada do metal progressivo do começo ao fim. (Independente)

Litosth - «Cesariana» (Brasil, Melodic Black/Death Metal)
LITOSTH é a manifestação física das visões do multi-instrumentista brasileiro Maicon Ristow e do baixista Wendel Siota. «Cesariana» contém uma enorme quantidade de grandeza melódica do black metal, cósmica e sinfónica em igual medida, revestida num campo sonoro que permite que todas as tendências atmosféricas transmitam vividamente a visão da banda. Não é um grito de agonia, mas de revolta – contra o sistema estabelecido e contra a fórmula mágica da felicidade. (Personal Records)

Thy Shining Curse - «Theurgia» (EUA-Pennsylvania, Symphonic Death Metal)
«Theurgia» é o 1.º álbum de estúdio da banda de death metal sinfónico de Pittsburgh, EUA, dos THY SHINING CURSE. "Teurgia" é uma coleção de sete ritos musicais, que giram em torno de um eixo temático comum; transgredindo o mundo físico. "Theurgia" significa "obra divina" em grego, tendo sido desenvolvido como um termo pelos neoplatônicos. (All Noir)

Druadan Forest - «Dismal Spells II: The Night Circus» (Finlândia, Epic Black Metal/ Ambient, Dungeon Synth)
A esta altura, FLORESTA DRUADAN deve exigir poucas apresentações. Desde as suas demos no final dos anos 90 até à febre do trabalho a partir de 2016, esta entidade finlandesa criou um mundo vasto e mágico como nenhum outro. Com DRUADAN FOREST, a ênfase sempre esteve na atmosfera e nas suas qualidades transportadoras. Se o meio é sinistro, black metal titânico, ambiente cósmico e puro sintetizador de masmorra, deste reino para outro é fundamental. (Werewolf Records)

Bokassa - «All Out Of Dreams» (Noruega, Stoner Rock)
Ao longo de dez músicas e 30 minutos, Bokassa diversifica a sonoridade com o seu novo álbum «All Out of Dreams». O power trio oferece de tudo, desde riffs de stoner metal, skatepunk quase progressivo, 45 segundos de hardcore metálico e riffs descontraídos de Izzy Stradlin. (Indie Recordings)

Fall Of Leviathan - «In Waves» (Suiça, Post-Rock)
Inspirado em temas náuticos e abissais, Fall of Leviathan é um pós-rock e pós-metal da Suíça. O álbum de estreia, «In Waves», mostra a tendência da banda em sobrepor tons sombrios e pesados com melodias graciosas e etéreas. O quinteto suíço oferece algumas melodias lentas, introspectivas e emotivas que refletem a calma e a vastidão do mar antes de submergir nas profundezas do oceano. (Vitruve Records)

Omnivide - «A Tale Of Fire» (Canadá, Progressie Metal)
Com este álbum, Omnivide quer proporcionar uma jornada musical que as pessoas possam ouvir do início ao fim. Os altos e baixos de intensidade e os vários tons emocionais das músicas, que vão do sombrio e brutal, ao emocional e bonito, proporcionam contrastes que mantêm as coisas interessantes e comoventes. Omnivide quer que os ouvintes sintam a pura excitação e energia das suas secções mais pesadas, para momentos depois vibrarem com uma bela secção limpa. (Independente)

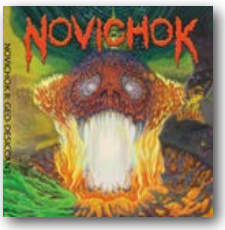
Cathubodua - «Interbellum» (Bélgica, Symphonic Metal)
"Interbellum" é uma tempestade com a qual CATHUBODUA irá arrebatar os fãs de metal sinfónico de todo o mundo. O álbum conta a história da criação e destruição de uma deusa da guerra. Essas emoções intensas são exibidas musicalmente de uma forma mais grandiosa e intensa do que a banda jamais fez antes, desta vez incorporando mais ideias e influências de géneros de heavy metal. É cru e mais pesado do que qualquer coisa que CATHUBODUA já fez antes, sem comprometer as melodias épicas do violino, as orquestrações celestiais e o imenso alcance vocal da vocalista Sara. (Massacre Records)

Profane Burial - «My Plateau» (Noruega, Symphonic Black Metal)
PROFANE BURIAL apresenta uma jornada atmosférica, sombria através do Black Metal Cinematográfico não santificado, um subgénero que apresenta elementos atmosféricos e sinfónicos, inspirando-se de bandas sonoras de filmes e outras formas orquestrais. O segundo álbum, intitulado «My Plateau», é muito intenso e tem uma abordagem mais extrema do que o álbum de estreia. As músicas são bastante complexas e progressivas tanto em andamento quanto em compassos. (Crime Records)

Unaussprechlichen Kulten - «Häxan Sabaoth» (Chile, Death Metal)
Até agora, UNAUSSPRECHLICHEN KULTEN requer pouca introdução. Por quase 25 anos, este culto chileno construiu um cânone dominante do death metal sobrenatural. «Häxan Sabaoth» é o culminar da sua estética característica quanto uma reviravolta totalmente nova e sobrenatural funde angularidade estridente com atmosfera assombrosa e caos delirante. (Iron Bonehead Productions)

They Came From Visions - «The Twilight Robes» (Ucrânia, Black Metal)
Se o solo debaixo dos nossos pés pudesse falar, provavelmente contaria histórias de sangue e fogo. Em«The Twilight Robes», o enigmático grupo ucraniano de Black Metal aborda essas experiências interculturais de terror, convidando os ouvintes a participar de uma jornada assustadoramente bela pelos cantos mais sombrios do terror folk. Eles criam música crua e distorcida que evoca as visões da névoa cintilante sobre pântanos antigos. (Eisenwald)

O Zorn! - «Vermillion Haze» (EUA-California, Doom Metal/Rock)
Vindo de Long Beach, Califórnia, a banda é liderada pelo enigmático vocalista Bill Kielty, um artista carismático e confiante que fica nalgum lugar entre Rob Zombie e James Hetfield. O ZORN! É um coletivo que cria um groove inconfundível e forte que começou a capturar os corações e mentes dos fãs de metal em toda a cena desde que a banda surgiu pela primeira vez em 2013. (Earsplit)



Novichok - «Geo-Desiccant» (Canadá, Thrash Metal)
Novichok é um bando de thrashers irritados vindos da costa leste de Halifax, Canadá, e estão aqui para narrar o colapso do mundo ao nosso redor. Uma música intensa que mescla o peso do death metal com a velocidade e precisão do thrash. (Independente)

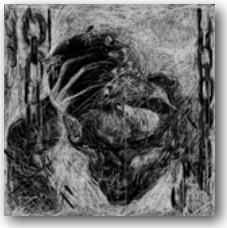
Austere - «Beneath The Threshold» (Austrália, Depressive Black Metal)
«Beneath the Threshold» representa AUSTERO aqui e agora. Com o seu quarto álbum, os australianos deram um longo passo em direção ao presente e abraçaram o seu futuro musical de uma forma que seria de esperar após um hiato de 13 anos. AUSTERE oferece mais ganchos e harmonias melódicas para complementar as texturas de guitarra multicamadas, ásperas e oníricas, habilmente tecidas por Keepin com a ajuda da bateria emotiva de Yatras. (Prophecy Productions)

Je Est Un Autre - «Flatworm Mysticism» (Internacional, Dark Ambient)
Je Est Un Autre – que significa "Eu sou outro" – é um novo projeto a solo de Dylan Desmond, mais conhecido por ser a metade da aclamada dupla Bell Witch, que leva o nome da declaração de Rimbaud sobre a natureza do ser. (Earsplit)

Meth - «Shame» (EUA-Califórnia, experimental noise)
Quatro anos depois que a «Mother of Red Light» afetou a nossa psique, Meth regressa «Shame». Sete faixas de agonia visceral e escaldante. Inspirado por uma época tumultuada para o vocalista Seb Alvarez, o álbum é uma audição desconfortável. Pela primeira vez, a banda escreveu como uma unidade, indicando uma mudança de foco. (Prosthetic Records)

Fall Of Earth - «From The Ashes» (Canadá, Trash/Death Progressive Metal)
Fall of Earth adotou o rótulo de "Hybrid Metal", pois o seu som é uma mistura contagiante de géneros. Os elementos primários vêm de progressivo, death e thrash e, com o tempo, mais épicas e dinâmicas, tornando-se melódicas e orientadas para o groove, além de utilizarem um equilíbrio saudável entre secções pesadas e secções limpas. (Independente)

The Vision Bleak - «Weird Tales» (Alemanha, Gothic Metal)
THE VISION BLEAK retorna em grande estilo com a sétima longa-metragem da dupla alemã, «Weird Tales», que constitui um tributo monumental à revista americana de mesmo nome e a outros contos de mistério e imaginação sombria. O álbum consiste numa única faixa dividida em capítulos internos, cada um inspirado em contos estranhos, poemas e outras literaturas de terror e macabro. THE VISION BLEAK, os mestres do horror metal, estão finalmente prontos para presentear o mundo a sua música mais ambiciosa até agora: «Weird Tales». (Prophecy Productions)



Hauntologist - «Hollow» (Polónia, Atmospheric Black Metal/Post-Rock)
«Hollow» poderia ser descrito como uma gravação de campo de um pesadelo febril. Apesar de suas bases de metal, a música em «Hollow» transforma-se em ruas secundárias de outros géneros musicais, muitas vezes difíceis de definir e localizar. É um álbum construído sobre escombros de visões que se desenvolveram e desapareceram ao longo dos anos. (No Solace)

Acathexis - «Immerse» (Internacional, Black Metal)
Às vezes, na história de uma banda, há um momento em que a calma vem depois da tempestade – quando a sua primeira produção brilha intensamente, tornando-se quase impossível de competir. Uma mudança significativa, mas não no cerne da música, apenas uma mudança nas tonalidades, do áspero para o suave, do doloroso para o belo... Acathexis regressa com o seu estilo abrasador de black metal atmosférico. (Amor Fati)

Lhaäd - «Beneath» (Bélgica, Black Metal)
Vindo da atualmente próspera cena black metal belga, LHAÄD faz parte do estimado coletivo Nox Entity. A estrutura de hipnose marcial/cósmica da banda é bem explicada, mas o líder Lykormas evidencia um aspecto envolvente, quase cerimonial, que traz uma beleza sinistra ao dilúvio sombrio. (Amor Fati)

Wounds - «Ruin» (EUA-Illinois, Technical Death Metal)
Os WOUNDS entregam finalmente um álbum depois de um estrondoso EP que fez girar as cabeças. Misturando o melhor da tradição Technical Death dos anos 2000 com algumas nuances mais recentes, «Ruin» irá prendê-lo na cadeira do início ao fim. Visando manter um equilíbrio de melodias complexas, grooves gigantescos e riffs espalhafatosos, num amálgama de influências que se unem para formar um som intrincado e esmagador. (Everlasting Spew Records)

Blazar - «Fatal Cosmic Wound» (Espanha, Doom/Death/Sludge Metal)
O grupo ibérico de sludge/funeral doom BLAZAR lança o seu álbum de estreia «Fatal Cosmic Wound». BLAZAR é uma entidade cósmica com sede em Barcelona, cujo som funde funeral doom, death metal e sludge. Apropriadamente nomeado, no espaço, o termo "blazar" refere-se a um tipo de núcleo galáctico ativo com um jato composto de matéria ionizada viajando quase à velocidade da luz. Os blazares estão entre os objetos mais brilhantes e energéticos do céu. (Earsplit)

Smoking Snakes - «Danger Zone» (SUécia, Heavy Metal/Hard Rock)
Smoking Snakes, os eletrizantes sleaze metallers vindos de Gotemburgo, na Suécia. Smoking Snakes são conhecidos por as suas performances de alta energia e um som que homenageia a era dourada do rock, ao mesmo tempo que infunde um toque contemporâneo. Com «Danger Zone», a banda pretende solidificar o seu lugar no género sleaze metal. (Frontiers Music)

Above Aurora - «Myriad Woes» (Polónia, atmospheric Black doom Metal)
A dupla de Poznan combina melodias misteriosas, grooves transdutores com dissonância e drone. Agora, ABOVE AURORA continua a espalhar os seus evangelhos de decepção, luta interior e futilidade com o 3º LP Black/Doom. (Meuse Music Records)

Vircolac - «Veneration» (Irlanda, Death Metal)
VIRCOLAC está com confiança, criando o seu melhor lançamento até hoje. O álbum abrange todo o mundo do Death Metal, muito mais sombrio. Os Wolves conseguiram criar um álbum cheio de raiva e tragédia. Um álbum cheio de destruição e convicção e eles cospem-no num mundo que obviamente está engasgado com lançamentos genéricos, sem alma e tecnicamente "perfeitos" de um "Death Metal" padrão. «Veneration» é sangrenta, é épica e atemporal. (Sepulchral Voice Records)

The Wizards - «The Exit Garden» (Espanha, Heavy/Stoner/Doom Metal/Rock)
Com a sua própria mistura de hard rock dos anos setenta, heavy metal tradicional e imagens ocultas, THE WIZARDS de Bilbao, na Espanha, tocou o público do metal contemporâneo. (High Roller Records)

Drain Down - «Toxic Society» (Alemanha, Hardcore/Crust/Crossover)
Old School Thrash com atitude HC! Fundado em Freiburg em 2018, o trio lançou agora o seu segundo LP, «Toxic Society», que, assim como os seus antecessores, deve agradar aos fãs do thrash old school com atitude punk/hardcore. As 10 músicas seguem a tradição do thrash metal influenciado pelo punk hardcore. (MDD Records)

Chapel Of Samhain - «Black Onyx Cave» (Portugal, Blackened Death Metal)
Há tanto tempo que se traça um caminho que o desejo deu origem a uma nova dimensão de horror, onde os túmulos acordam à noite e engolem os sem fôlego. Black Onyx olhou para este abismo e selou um pacto com Phoros para apodrecer a alquimia na pedra filosofal. Vagando pelas catacumbas extremas e obscuras das escritas de metal da velha escola, traços de Death, Black com sinfonias misteriosas reúnem-se para uma massa de hinos de esmagar crânios. (Nuclear Winter Records)

Max Boogie Overdrive - «Stoned Again» (EUA-California, Stoner Rock ´Roll)
Vindo da grande Los Angeles, MAX BOOGIE OVERDRIVE foi originalmente concebido em 2022, como um projeto de gravação entre o guitarrista Max Boogie e Drop Dee, como uma forma de perseguir as suas paixões por todas as coisas de Stoner e Boogie... riffs de guitarra gigantescos, vocais estridentes e a arrogância do rock n' roll de Detroit do início dos anos 70 - sujo, confuso, com apenas uma pitada de doom e muito boogie (não Disco... Heavy Boogie Rock). (Sure Shot Worx)

Bodyfarm - «Malicious Ecstasy» (Países Baixos, Death Metal)
Após meses de preparação, o produto final está pronto, com mais de 45 minutos de escuridão escaldante de death metal à maneira holandesa! Após o imenso sucesso do seu último álbum «Ultimate Abomination», esta nova camada de sujeira rastejante parece mais que bem-vinda. Não perca esta oportunidade de experimentar o melhor do death metal. (Edged Circle Productions)

Heavy Temple - «Garden Of Heathens» (EUA-Pennsylvania, Psychedelic Doom Metal)
HEAVY TEMPLE está de volta. De volta da sala de ensaios, onde a criação de novas músicas tornou-se muito mais um esforço de grupo do que no álbum de estreia, «Garden of Heathens», que apresenta um som orgânico rico e quente que também é nítido e cristalino. HEAVY TEMPLE não está apenas de volta, eles vieram para ficar. (Prophecy Productions)

Blood Opera - «Songs In The Key Of Death» (Canadá, Heavy Metal/Hard Rock)
Os Blood Opera já infectaram populações inteiras com as suas atrevidas e muitas vezes controversas demonstrações ao vivo de violência, sangue e atos sexuais perversos! Estes fornecedores do chamado "Dead Metal" rapidamente se tornaram a banda de terror metal número um do Canadá. Com vocais operáticos poderosos, riffs de guitarra desprezíveis e letras blasfemas inspiradas em alguns dos filmes mais assustadores já feitos, uma coisa é certa: se os portões do Inferno forem deixados abertos, isso poderá significar o fim de toda a humanidade! (Independente)

Derrick Stembridge - Mike Petruna - «Cryptic Logic» (EUA-North Carolina, Electronic Industrial Ambient)
«Cryptic Logic», a mais recente obra-prima auditiva dos inovadores Mike Petruna e Derrick Stembridge, conhecidos pelas suas composições ambientais com Drifting In Silence. Este álbum colaborativo marca uma nova era na fusão da música eletrónica e ambiente. «Cryptic Logic» é uma exploração do som que transcende as fronteiras tradicionais. O álbum encapsula a sinergia única entre as batidas dinâmicas de Petruna e as paisagens sonoras ambientais etéreas de Stembridge, convidando os ouvintes a embarcar numa viagem por um universo musical expansivo e profundo. (Labile Records)

Sujin - «Save Our Souls» (França, Melodic Death Metal/Metalcore)
Agressivo, cativante e sempre muito intenso, o álbum de estreia de Sujin aspira quebrar fronteiras e levar o clássico som melo-death para o próximo nível, abraçando o deathcore, progressivo, thrash e até mesmo metal mainstream. Fundindo organicamente sons extremos, vocais ásperos, ritmos punitivos e melodias e solos épicos, «Save Our Souls» é sobre um planeta à beira do colapso – a Terra. (Scarlet Records)

Verwoed - «The Mother» (Países Baixos, Black Metal)
A jornada do enigmático holandês Verwoed tem sido uma sinergia contínua com a exploração sonora e a inovação. O passado já testemunhou a maneira virtuosa como Verwoed contemplou e viajou por estratosferas auditivas insondáveis, repletas de sentimento, intensidade e um senso de compromisso visceral. (Wolves of Hades)

Civerous - «Maze Envy» (EUA-Califórnia, Black/Death Metal)
Ao ouvir «Decrepit Flesh Relic», o primeiro álbum dos CIVEROUS, ficamos com uma sensação de intenso peso sufocante e prostração agonizante a serviço de hinos de Death. Com «Maze Envy», o grupo Death/Doom mais destrutivo de Los Angeles soltou uma conflagração recém-evoluída, mas não menos brutal, de horror imersivo e lamentação mórbida. (20 Buck Spin)

Brume - «Marten» (EUA-California, Stoner/Doom Metal)
BRUME (pronuncia-se 'Vassoura') são a prova viva de que a Califórnia não é só sol e vida fácil. O quarteto baseado em São Francisco combina organicamente doom metal, gótico e indie rock numa mistura às vezes monolítica e outras vezes delicada de peso que reside firmemente no lado mais sombrio. BRUME leva a experimentação sonora e a deliciosa mudança de género ainda mais longe com o seu terceiro álbum «Marten». (Prophecy Productions)

Hand Of Kalliach - «Corryvreckan» (Escócia, Folk Metal)
A dupla de marido e mulher de Edimburgo desenvolveu uma mistura distinta de death metal melódico mesclado com música folk escocesa, apresentado lindamente no seu próximo lançamento, «Corryvreckan». Os fios da música folk celta e gálica e do folclore entrelaçam-se ao longo do álbum, contra um pano de fundo de death metal melódico e espectral. Misturar a brutalidade robusta do death metal com os toques etéreos do folk é uma mistura inebriante. (Prosthetic Records)

Slimelord - «Chytridiomycosis Relinquished» (Inglaterra, Death/Doom Metal)
SLIMELORD, a raridade mais peculiar do Death Metal da Inglaterra, reuniu das profundezas subterrâneas, um conto selvagem, porém alucinatório, no seu álbum de estreia, «Chytridiomycosis Relinquished». Um conceito tão habilmente detalhado e complexamente bizarro quanto a própria música, Slimelord emerge das águas rasas com um estripador esquisito e um desconcertante delicioso de horrores sobrenaturais e cantos fúnebres idiossincráticos. (20 Buck Spin)

Griffon - «De Republica» (França, Black Metal)
A banda surgiu no final de 2013, graças à colaboração artística de Sinai e Aharon. O seu primeiro lançamento, um EP, viu a luz do dia em 2014, marcando a sua estreia musical. Agora, a banda revela o seu terceiro álbum, intitulado «De Republica» álbum que investiga a relação entre política e divindade. (Solstice PR)

Baron - «Beneath The Blazing Abyss» (Finlândia, Death Metal/Hardcore)
A banda finlandesa Baron abrange os estilos de death e doom metal de uma maneira espetacular. Em momentos mais rápidos e pesados, eles parecem ser uma banda de death metal, mas quando desaceleram, mostram uma dimensão totalmente diferente do seu som. Eles são capazes de fazer isso sem alterar o seu som imponente e esmagador. (Transcending Obscurity Records)

Opium Death - «Genocidal Nemesis» (EUA-Illinois, Death/Thrash Metal)
Opium Death é uma mistura brutal de metal extremo, enviada dos subúrbios de Chicago, EUA, para devastar metaleiros de todo o mundo com o seu primeiro álbum «Genocidal Nemesis». Este traz muita variedade em termos de dinâmica de andamento, fluxo da estrutura da música, temas líricos, numa experiência diferente com cada faixa. (Independente)

Misotheist - «Vessels By Which The Devil Is Made Flesh» (Noruega, Black Metal)
Bem-vindo ao terceiro capítulo do MISOTEÍSTA, «Vessels By Which The Devil Is Made Flesh». A banda mergulha num álbum massivo e profundo, cheio de Black Metal imprevisível e intrincado, como esperamos desta banda. É agressivo, mas bonito, com melodias lindas e sublimes cobertas de escuridão e tormento. (Ván Records)

Alterium - «Of War And Flames» (Itália, Power Metal)
ALTERIUM é o novo quinteto italiano de power metal liderado por Nicoletta Rosellini. «Of War and Flames» é um triunfo de refrões cativantes, linhas vocais incríveis, sons poderosos, riffs de guitarra fortes, bateria explosiva, coros majestosos e grooves cativantes, todos habilmente dominados por Achim Koehler. (AFM Records)

Lethe - «Alienation» (Suiça, Progressive/Art Rock)
Depois de alguns anos focando em vários outros projetos, Anna Murphy e Tor-Helge Skei voltaram com o 3.º álbum do Lethe. «Alienation» é uma continuação das paisagens sonoras especiais do Lethe, ao mesmo tempo que testa novos territórios. A banda não tem medo de incorporar melodia e cativante na música. Lethe é algo único, algo pessoal e bastante diferente. O resultado é um caldeirão de dark rock, pop, eletrónico, experimentação e grooves hipnotizantes. (Dark Essence Records)

Cantique Lépreux - «Le Bannissement» (Canadá, Black Metal)
O CANTIQUE LÉPREUX de Québec voltou com o seu terceiro álbum «Le bannissement». É um conto de auto-iniciação, uma rejeição da sociedade e uma glorificação da natureza - manifestada no seu estilo característico de riffs de guitarra trémulos, gritos torturados e melodias elaboradas. O álbum apresenta uma narrativa furiosa e hipnótica. (Eisenwald)

Givre - «Le Cloitre» (Canadá, Black Metal)
O sofrimento pode ser uma experiência limítrofe, abrindo portas para o divino. A banda canadiana de black metal GIVRE dedicou o seu quarto álbum a esse conceito. Em «Le Cloître» a banda continua a sua exploração do lado expiatório da dor e dos aspectos austeros da fé via uma música que vai da elegância elogiada às explosões perturbadoras. (Eisenwald)

Disbelief - «Killing Karma» (Alemanha, Death/Thrash/Sludge Metal)
O novo álbum do DISBELIEF, «Killing Karma», sublinha mais uma vez a singularidade da banda e a sua persistência em seguir um caminho não convencional durante mais de 30 anos contra todas as resistências. DISBELIEF tornou-se uma banda muito experiente que sempre manteve um espírito de mente aberta, a fim de aprimorar mais o seu estilo Death. Uma parede sonora colossal, destruidora, atmosférica, mas subtil, é um monstro Death Metal diversificado e esmagador! (Listenable Records)

Holler - «Reborn» (EUA-New York, AOR)
Histórias da AOR de Nova York. O cantor e compositor nascido no Brooklyn, Terence Holler, seguiu carreira a solo em 2022, deixando a banda que ele cofundou há 31 anos: os titãs do prog metal aclamados internacionalmente, Eldritch. Crescendo com uma dieta constante de diferentes influências que ele trouxe para o seu novo projeto, simplesmente chamado Holler. Holler canta sobre o maior amor da sua vida, mediante treze músicas de rock FM emocionantes. (Scarlet Records)

Devotion - «Astral Catacombs» (Espanha, Death Metal)
Na busca incessante para impulsionar as atuais bandas underground que perpetuam o odor do death metal vintage. O renovado DEVOTION chega com todas as armas em punho com o LP#3, «Astral Catacombs». Esta é rica em atmosfera e crunch, levando o seu DEATH METAL em letras maiúsculas a subir e descer uma escada nessa escala evolutiva. (Memento Mori)

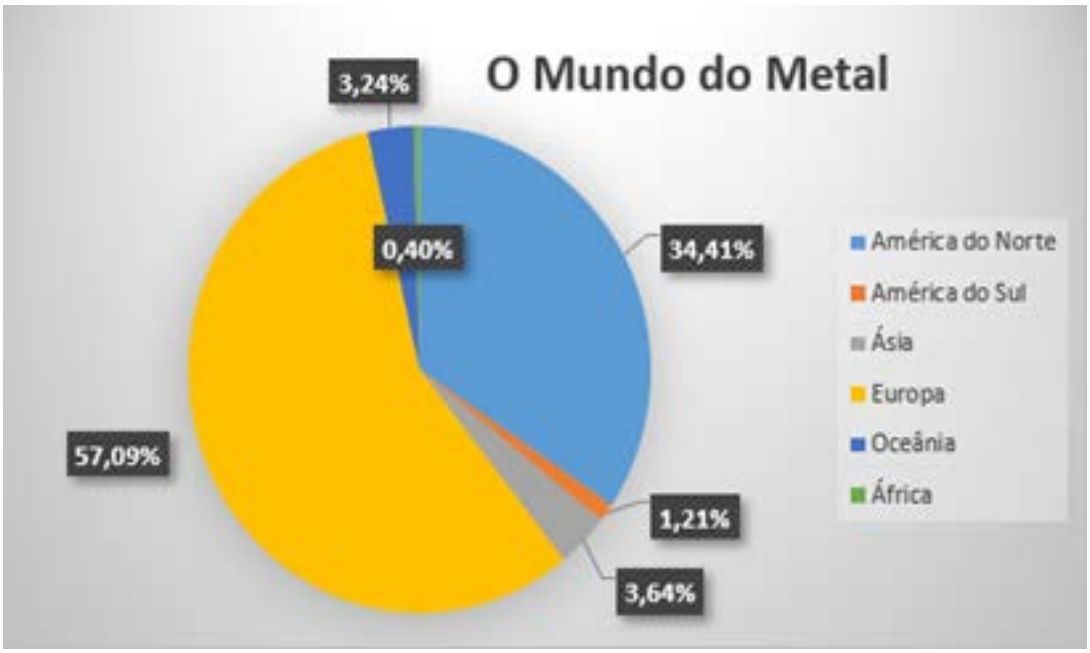
Heresiarch - «Edifice» (Nova Zelândia, Black/Death Metal)
E agora chega aquela mega tonelada de devastação, o segundo álbum dos HERESIARCH, elegantemente intitulado «Edifice». Se houvesse alguma dúvida de que a banda era apenas mais uma trupe de "war metal" sem tom e cansado, os neozelandeses derrotam toda e qualquer trepidação com composições excepcionalmente sísmicas. Aqui no Edifice, os parâmetros do som dos HERESIARCH – músculo do death metal, atmosfera de black metal, agressividade do grindcore – estão todos em harmonia devastadora, criando uma fera com cabeça de hidra que trai uma riqueza de ideias verdadeiras. (Iron Bonehead)

Wristmeetrazor - «Degeneration» (EUA-Washington, D.C, Metalcore)
Desfazer processo. Reiniciar. Reinício. Regressar de um período de reclusão intensa e concentrada na sua forma mais pura, WRISTMEETRAZOR regressa com o seu terceiro álbum, «Degeneration». O cenário de reclusão autoimposta de «Degeneration» deu frutos à medida que o foco lírico do álbum começou a se desenvolver. (Prophecy Productions)

Brat - «Social Grace» (EUA-New Orleans, Deathgrind / Hardcore)
BRAT lança o seu álbum de estreia, «Social Grace». Desde o seu início em 2021, a jornada da banda de deathgrind/hardcore de Nova Orleans, tem sido de ascensão alucinante, tanto na estrada, como no estúdio. BRAT está pronto para dar a pílula rosa à música extrema. (Prosthetic Records)

Night Shall Drape Us - «Lunatic Choir» (Noruega, Black Metal)
Uma chama no céu do norte... Night Shall Drape Us nasceu da mente de LRH, que gravou todas as baterias e guitarras no seu álbum de estreia. Mas não foi totalmente consagrado até que os seus irmãos de sangue juntaram-se para cantar estes oito hinos heréticos. Rápido, melódico e intransigentemente cru, Lunatic Choir é um black metal executado com perfeição. (Season of Mist)

Aberration - «Refracture» (EUA-Minnesota, Black/Death Metal)
Refratura, o processo de desvio da luz ao passar por um meio. Um conceito semelhante explorado pelo necromorphed death metal de disfguração dos Aberration, que finalmente apresentam a sua tão esperada estreia. «Refracture» é um deslocamento alucinante e obliterante da tonelagem mutante do dark death metal. (Sentient Ruin)



CURIOSIDADES PALETES

Género	#LPs
Black Metal	40
Death Metal	28
Black/Death Metal	10
Progressive Metal	10
Progressive Rock	9
Thrash Metal	9
Heavy Metal	8
Rock	8
Power Metal	8
Atmospheric Black Metal	8
Melodic Death Metal	6
Death/Thrash Metal	6
Hard Rock	6
Black/Doom Metal	5
Heavy Metal/Hard Rock	5
Doom Metal	4
Doom/Death Metal	4
Folk Metal	3
AOR	3
Blackened Death Metal	3
Symphonic Black Metal	3
Stoner/Doom Metal	3
Rock N' Roll	3
Black/Speed Metal	2
Technical Death Metal	2
Metalcore	2
dark ambient	2
Brutal Death Metal	2
Industrial Metal	2
Symphonic Metal	2
experimental noise	1
Death/Doom/Black Metal	1
Metalcore	1
Black/Thrash Metal	1
Heavy/Doom Metal/Rock	1
Heavy/Power Metal	1
Psychedelic Rock	1
Hardcore/Crust/Crossover	1
Death/Doom/Progressive Metal	1
Crossover	1
Atmospheric Dark Metal	1
Instrumental jazz fusion/	1
progressive	1
Sludge Metal	1
Technical Progressive Metal	1
Black'n'Roll	1
Epic Folk/Viking Metal	1
Funeral Doom Metal	1
Doom/Heavy Metal	1
Heavy/Stoner/Doom Metal/Rock	1
	1

Género	#LPs
Deathcore/Djent	1
Epic Black Metal/Ambient,	1
Dungeon Synth	1
Gothic/Doom Metal	1
Depressive Black Metal	1
Gothic Metal	1
Stoner Rock	1
Avant-garde Black Metal	1
Mais 14 outros estilos	

Álbuns por Países

País	#LPs
EUA-Califórnia	21
Alemanha	19
França	15
Suécia	14
Finlândia	14
Canadá	13
Noruega	12
Itália	12
Internacional	9
EUA	8
Austrália	7
EUA-New York	7
Espanha	6
Inglaterra	6
Portugal	6
Países Baixos	6
EUA-Illinois	5
EUA-Ohio	5
Suíça	5
Grécia	4
Polónia	4

Nesta edição, recebemos **225 álbuns** para criticar.

No respeito aos estilos, o Black Metal e Death Metal continuam a dominar a tabela.

Há um aumento do Rock, nas diferentes vertentes, AOR, Hard, N'Roll ou N'Heavy.

A proliferação da interligação entre os diferentes estilos-base continua forte.

Álbuns por Países

País	#LPs
EUA-New Jersey	3
EUA-Oregon	3
Rússia	3
Dinamarca	3
Bélgica	3
Escócia	2
EUA-Geórgia	2
EUA-Carolina do Norte	2
EUA-Minnesota	2
Israel	2
EUA-Wisconsin	2
Chéquia	2
EUA-Tennessee	2
Chile	2
EUA-Arizona	2
Ucrânia	2
Irlanda	2
EUA-Washington	2
EUA-Pensilvânia	2
Ilhas Faroé	2
Japão	1
Malta	1
Quirguistão	1
Brasil	1
Índia	1
EUA-Colorado	1
EUA-Massachusetts	1
Estónia	1
Nova Zelândia	1
Roménia	1
Singapura	1
Egipto	1
EUA-Kentucky	1

Pela primeira vez, não é um país europeu a liderar a tabela dos países. O Estado Americano da Califórnia superou os europeus por dois álbuns.

De referir a inclusão de países tais como as Ilhas Faroé ou o Quirguistão.

Não compreendo como não temos mais bandas vindas do Brasil em particular e da América do Sul em geral.

METAL'S ALLIANCE APRESENTA

RIOT

BANDAS SUPORTE

ARKAEL

SPEEDEMON

20 NOVEMBRO - RCA LISBOA

ABERTURA DE PORTAS: 19H30 - INICIO: 20H

METAL'S ALLIANCE MANAGEMENT

Por: Carlos Filipe

Ferrari 12 Cilindri

A Ferrari tem um plano de apresentação de novos carros bem delineados, e, não foi nenhuma surpresa que no passado dia 3 de maio, apresentaram um novo bólide, o Ferrari 12Cilindri, o qual vem substituir o 812 Superfast que já data de 2017. Interessante aqui, é o facto deste novo Ferrari ter o mesmo nome desta rubrica. Caso para dizer boa escolha, Ferrari! Este pode ser visto como uma homenagem ao formato de motor caro à Ferrari e que lhe acompanha desde o início da sua formação em 1947. Chamar a um modelo 12Cilindri é fazer um statement forte e dar uma mensagem para o futuro, que este tipo de motor com doze cilindros em V nunca deixará de desaparecer do catálogo da Ferrari. Poderá nunca mais ser, apenas a combustão, mas nunca desaparecerá e viverá com certeza num mundo hibridizado e eletrificado.
Como apanágio da marca, para aqueles que a seguem de perto, voltaram a fazer o mesmo. Ou seja, uma evolução natural no lado da estética sem causar nenhuma disrupção, indo-se nutrir no legado da marca, e, aplicarem a evolução do motor V12 com a designação técnica F140HD, que fizeram para a versão especial do 812 Competizione, acrescentando todas as features que aí introduziram como o 4WS, sistema de viragem às 4 rodas. A Ferrari faz sempre isto desde há uns anos para cá. Desenvolve o motor para uma edição especial e depois aplica-o no sucessor. Por exemplo, o motor da edição especial do F12, o F12 tdf, uma evolução do F12, acabou no 812 com mais uns cavalos à mistura, e o do 812 Competizione acabou no 12Cilindri sem qualquer update. Agora é esperar pela versão especial do 12Cilindri para aferir qual será a próxima evolução e até onde conseguem ainda puxar mais este motor V12 de 6,5 litros de cilindrada.
Na prática, temos uma berlinetta de 2 lugares com o motor V12 aspirado montado na frente, que sucede ao 812, que por seu turno sucede ao F12, que por seu turno sucede ao 599. O berlinetta que herdou o motor do Ferrari Enzo e iniciou a saga deste motor F140 na gama "normal" da Ferrari. O que é fantástico, é que em 20 anos, a Ferrari passou de um V12 6.0 L de 660 CV para um V12 6.5 L de 830 CV, com o regime máximo de rotação a passar dos 8500 rpm para os 9500 rpm, apesar do Ferrari FXX Evoluzione ter conseguido essa marca logo em 2007. Provavelmente será a última interação de um motor ICE V12 aspirado, antes de a Ferrari ter de abraçar a hibridação ou mesmo a electrificação na sua gama. Por acaso, estou curioso para ver o que será o Ferrari desportivo, 100% eléctrico.

O Ferrari 12Cilindri é inspirado nos lendários Grand Tourers das décadas de 1950 e 1960. A sua silhueta exala desportividade e grande classe, com linhas simples e harmoniosas, apresentando um dispositivo aerodinâmico ativo integrado que em nada perturba a estética. No interior, utilizaram uma variante do cockpit apresentado no purosangue, com duas zonas bem delineadas, quer para o condutor, quer para o passageiro, e 3 displays como nos habituaram

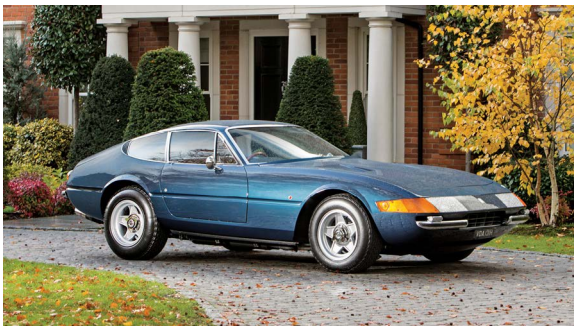
os últimos Ferraris. O Ferrari 12Cilindri é direcionado aos entusiastas da condução, e a todos os que querem encontrar novos padrões de desempenho, conforto e design. Para os puros ferraristas, há às emoções únicas que apenas o V12 da Ferrari pode proporcionar, tendo o 12Cilindri sido projetado para conhecedores com uma visão muito clara do que o DNA da Ferrari sempre foi, o que trocado por miúdos significa: exclusividade, emoções fortes, sensações sensoriais para uma elite bastante afortunada.

Os produtos Ferrari dos últimos anos têm sido algo previsíveis e ao nível do que deles se espera. Afinal, a Ferrari continua a ser Ferrari. A maior apresentação dos últimos anos, que suplantou a expectativa, foi o Ferrari Utility Veicule(FUV) Purosangue, com a sua imponência espacial, portas suicidas, 4 lugares distintos e o V12 de 800 CV debaixo do capô. O 12Cilindri parece-me ir pela linha da expectativa atingida e fica-se por aí. As linhas gerais do design são já do apanágio de todos, o motor é o já bem conhecido F140 e as características dinâmicas apenas levadas um pouco mais além. A estética evoluiu para o melhor, achando ter um desenho mais conseguido que o 812 a todos os níveis, nos apêndices estilísticos de aerodinâmica, e principalmente na inclusão de elementos estilísticos do Ferrari 365 GTB/4, mais conhecido por "Daytona", os quais são bem visíveis na frente e na curvatura posterior fastback que o carro apresenta. O geral encere-se perfeitamente na actual gama do construtor, que segue uma linhagem bem definida a partir do Ferrari Roma, a qual marcará a estética da marca nesta época.

Da apresentação oficial e respectivas fotos, a Ferrari está a lançar duas variantes do mesmo carro de uma só vez. A versão coupé berlinetta e a versão spider, substituindo de uma só vez o 812 superfast e o 812 GTS. Olhando atentamente para as duas versões, se no caso do 812 preferia sempre a versão spider, GTS, por achar que é mais elegante relativamente à berlinetta, aqui, no 12Cilindri, tenho a opinião diametralmente oposta, e, acho a elegância do coupé berlinetta muito mais bem conseguido que a sua variante spider, que não desdenhando, não é de se deitar fora. Colocando os três carros dos últimos 10 anos uns ao lado dos outros, a saber, o F12, 812 e 12C, esta última proposta é de longe a mais bonita, elegante e com um design que chama por nós, haja carteira. O legado e herança Ferrari está aqui "o carro mais bonito é o que ainda temos que construir", dizia Enzo Ferrari.

O problema destes carros para o comum dos mortais, além da óbvia inacessibilidade, é que já pouco ou nada dizem além de marcar uma posição social. A mim, não me dizem nada. Não quero dizer com isto que é um carro menor ou sem qualidades, não, pelo contrário. Acho-o bem mais apelativo e interessante que os seus dois antecessores, mas por estes já terem elevado tanto a fasquia, qualquer apresentação aniquila qualquer possibilidade de se produzir um momento "uhau!". Eu vejo-o como mais um Ferrari que se não andar na boca dos YouTubers e ser recorrente nas nossas estradas – que o não vai ser de certeza, vai cair no esquecimento. Ainda alguém fala do Ferrari SF90? E a versão especial, o SF90 stradale? Mesmo que tivesse os meios financeiros para adquirir um, não sei se adquiria um, excepto se fosse obrigado para me manter na lista.

Ah! A famosa lista! A Ferrari tem um modelo de negócios ímpar que ancora os clientes na exclusividade e fidelização. Não existe um cartão de pontos em que cada vez que compramos um



Ferrari colocam um carimbo e ao fim de 10 temos direito a um de graça. Não é bem assim, mas... por portas e travessas não andamos longe. Existe, sim, uma lista oficial de clientes Ferrari, que permite aceder aos modelos mais exclusivos e valiosos que a marca lança de tempos a tempos, ou seja, após perder uma pipa de massa com a depreciação dos Ferraris "mundanos" que não são excepção à regra, dão a possibilidade de ter um modelo exclusivo, como o Ferrari SP3 Daytona ou os anteriores SP1 e SP2, que valorizam astronomicamente mal saem de fábrica – ao contrário dos outros – e possibilita assim ao afortunado proprietário da lista amortizar as perdas.

Estar na lista ou não é a diferença entre ter um 12Cilindri novo de fábrica, configurado por nós, daqui a uns meses ou daqui a uns anos. Para aceder à lista é necessário ser um bom cliente Ferrari, i.e., ter Ferraris na sua posse/colecção, encomendar e adquirir cada novo Ferrari que saia, ir aos grandes eventos organizados pela Ferrari, no fundo, ser um cliente-embaixador da marca. E não julguem que ser bilionário só por si dá acesso à lista. Tens de comprar o que a Ferrari ditar! Que o diga o colecionador David Lee – se quiserem conhecer o homem e a sua colecção de Ferraris amarelos podem sempre ver o canal "Ferrari Collector David Lee" – que há alguns anos valentes deixou de entrar no esquema da Ferrari e acabou por sair da lista. Depois queria que lhe atribuíssem um dos 499 Ferrari LaFerrari e a Ferrari fez-lhe um manguito à Bordalo Pinheiro... "Queres Ferrari, toma!".

Este "Cartão Ferrari" é um golpe de negócio genial. Assim, partindo do princípio que esta lista deve ter pelo menos 1000 pessoas, e com uma produção anual de um modelo destes em 400 unidades por ano, a cada Ferrari que sai, a Ferrari tem a produção esgotada imediatamente para os próximos 2 anos, garantindo desta forma a exclusividade e desejo por as suas máquinas, enquanto torna o seu negócio rentável ainda antes de lançar o carro, eliminando qualquer factor de risco financeiro. Aliás, logo na apresentação do purosangue, a produção deste ficou esgotada por 4 anos, tendo a Ferrari fechado as encomendas. Isto faz-me lembrar porque foram produzidos tantos F40. Inicialmente, com base nos 271 exemplares do 288 GTO, a Ferrari queria apenas produzir 400 unidades do F40, mas, logo após a apresentação, recebeu 900 encomendas. Como na altura as contas da marca não corriam pelo melhor, aceitaram todas e o resultado foi mais de mil e trezentas unidades produzidas.

A Ferrari está de parabéns ao lançar um produto que celebra uma motorização que se fundiu com a própria marca, num veículo de eleição que faz jus a sua herança e ao seu fundador, ou seja, motor V12 à frente, como diria Enzo Ferrari "os bois têm de puxar as carroças e não empurrá-las". Será este o último dos Moicanos dos motores ICE? Ou ainda vamos assistir a uma nova evolução do F140? Ninguém sabe, mas estes V12, o Puresangue e o 12Cilindri e os futuros derivados SP - Special Project - poderão mesmo ser os últimos V12 atmosféricos. Quando chegar os substitutos destes já estaremos às portas de 2030 e provavelmente os motores a combustão atmosféricos ou sobrealimentados, no geral, já terão entregue a sua alma ao criador. Resta saber se o mesmo irá acontecer aos pequenos fabricantes de super e hyper desportivos. Veremos... to be continued.

MASSIVE MUSIC
MM
PROUDLY PRESENTS

UNDERWORLD
EUROPE TOUR 2024

hideous divinity

PSYCROPTIC (3.09-15.09)

Intrepid

MONASTERY (17.09-29.09)

20 SETEMBRO RCA CLUB LISBOA
21 SETEMBRO HARD CLUB PORTO

ABERTURA 19:00 - INÍCIO 20:00

BILHETES EM: UNKIND.PT E NOS LOCAIS HABITUAIS

METAL GAMES · LOOK mag · NOTREDAME PRODUCTIONS · LOUD! · CAMPOS METÁLICOS

CENTURY MEDIA · FOOT BLASTER · Zildjian · Pearl · VIC FIRTH · EVANS DRUMHEADS · IDEAN GUITARS · Marshall · ENGL · Seymour Duncan · SOUNDHOOPS · ENKI · NAPALM RECORDS